

## INTRODUÇÃO

Durante o período em que cursava a graduação em Educação Física, fui convidado a participar do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (PROTEORIA), instalado no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, integrando-o como bolsista de iniciação científica.

O Proteoria é um grupo de pesquisa com experiência acumulada na realização de trabalhos que investigam a produção teórica de impressos, especialmente aqueles publicados em formato de revistas, da área de Educação e de Educação Física, no século XX.

O projeto do grupo foi desenvolvido, tendo como base a tese<sup>1</sup> de doutoramento de Ferreira Neto (1999).<sup>2</sup> Nessa pesquisa, foram investigados os discursos dos intelectuais que teorizaram a Educação Física brasileira de 1880 a 1950, com base nas publicações veiculadas na *Revista de Educação Física*, do Exército (REF) e na revista *A Defesa Nacional*, bem como nas obras produzidas por Rui Barbosa, Fernando de Azevedo e Inezil Pena Marinho. Em síntese, por meio das análises da produção científica que circulou nesses impressos, Ferreira Neto (1999) conclui que os pensadores responsáveis por teorizar a Educação Física brasileira, nas fontes por ele estudadas, sempre consideraram essa área como de “[...] intervenção aplicada que faz uso do conhecimento científico para se implementar e legitimar socialmente” (FERREIRA NETO, 1999, p. 150). Desse modo, o autor observa que, já no início do regime militar, desenvolveu-se uma proposta de cunho pedagógico para a Educação Física brasileira.

Com base nessa premissa é que se desenvolveu o “projeto-mãe” do Proteoria, qual seja: *A Constituição de Teorias da Educação Física no Brasil: o debate em periódicos do século XX*, que tem como objetivo a construção de um itinerário de sistematização da(s) teoria(s) da Educação Física brasileira no século XX. O projeto em questão visa a apreender as características científico-pedagógicas

---

<sup>1</sup> Pesquisa que, sequencialmente à defesa, foi retrabalhada e publicada na forma de livro pela editora Facha, também no ano de 1999.

<sup>2</sup> O doutor Amarílio Ferreira Neto é o fundador do grupo e foi coordenador do Proteoria até dezembro de 2008, período em que passou a exercer a coordenação do instituto com o doutor Omar Schneider.

dessas propostas, tendo como referência sua inserção, limites e contribuições para a consolidação da Educação Física nas escolas.

Diante desse propósito, Ferreira Neto et al. (2002), no esforço de produzir uma ferramenta para facilitar o acesso ao que foi produzido em revistas, no século XX, realizaram o investimento de catalogar os artigos postos em circulação no campo da Educação Física e Esporte, no Brasil, por meio da imprensa científica, técnica e de ensino dessa área, atuante entre os anos de 1930 a 2000.

Esse levantamento inicial tornou possível a elaboração de algumas pesquisas, como a de Schneider (2003),<sup>3</sup> que utiliza como objeto e fonte a coleção da revista *Educação Physica* (periódico produzido de 1932 a 1945), focalizando especialmente as estratégias de circulação de prescrições educacionais que materializaram o projeto editorial desse periódico. Fundamentada, principalmente, nas teorias de Roger Chartier, a pesquisa de Schneider (2003) chama a atenção para a necessidade de compreender os discursos veiculados nos impressos, também por meio do entendimento da constituição do suporte de leitura, ao invés de somente pela constituição ideológica.

Nesse mesmo sentido, foram desenvolvidas as dissertações de mestrado de Lauff (2007), que estudou a materialidade da *Revista de Educação* (do Espírito Santo) de 1934 a 1937, tendo como foco a reforma educacional ocorrida no governo de João Punaro Bley, no Espírito Santo; e de Berto (2008), que dissertou sobre o conceito de educação da infância presente na materialidade da REF e da revista de *Educação Physica* nas décadas de 1930 e 1940.

Outra contribuição relevante para o entendimento de constituição e circulação de teorias pedagógicas na Educação Física foi o trabalho de Bermond (2007). A autora pesquisou as relações estabelecidas entre propostas de práticas e conteúdos para as aulas de Educação Física que foram fundamentadas nas concepções de alguns expoentes do pensamento filosófico e pedagógico nesse campo, como Jean-Jacques Rousseau, Édouard Claparède e John Dewey, por meio da apropriação das teorizações desses autores por parte dos articulistas que veicularam pesquisas na *Revista de Educação Física do Exército*, durante o período de 1932 a 1952.

---

<sup>3</sup> Essa dissertação de mestrado foi reorganizada e publicada em forma de livro, editado pela EDUFES, em Schneider (2010).

Na área de Educação, o Proteroria tem alguma experiência de pesquisa acumulada, como pode ser visualizada nos estudos de Ventorim (1997 e 2005), Santos (2005<sup>4</sup> e 2010), Locatelli (2007) e Schneider (2007).

Especificamente, as teses de doutoramento de Ventorim (2005) e Santos (2010) é que guardam mais similaridade com a proposta por mim desenvolvida durante a iniciação científica, uma vez que, nos trabalhos desses autores, as argumentações foram elaboradas com base em dados produzidos por uma análise aprofundada em anais de congressos científicos, quais sejam: Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE),<sup>5</sup> e dos anais dos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED).<sup>6</sup>

Assim, a pesquisa desenvolvida na monografia de conclusão de curso procurou investigar a natureza científica do *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte* (CBCE) com base na produção acadêmica do *Grupo de Trabalho Temático Escola* (GTT Escola) veiculada nos anais dos X, XI, XII e XIII *Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte* (CONBRACEs), realizados nos anos de 1997, 1999, 2001 e 2003.

Este estudo foi construído tomando como base os excertos reunidos em Ferreira Neto (2005), no qual os autores convidados ao debate ressaltam o CBCE como um lugar de disputa de poder e legitimidade, ponderando que os entendimentos das práticas de pesquisa chanceladas pela instituição se dão, impreterivelmente, por meio de uma análise da produção veiculada na RBCE e nos CONBRACEs, uma vez que elas são as instâncias representativas dos ideais políticos e científicos das lideranças gestoras do CBCE.

Com base nessa premissa, a monografia de graduação voltou-se para a compreensão da natureza científica do GTT Escola, do CBCE, por meio do conhecimento veiculado nos anais dos CONBRACEs, a partir da identificação e análise das teorias que alicerçam as pesquisas desenvolvidas pelos autores desse grupo, as temáticas mais recorrentes, bem como as apropriações dos referenciais teóricos a partir de bibliografias primárias e secundárias.

---

<sup>4</sup> Dissertação de mestrado reeditada e transformada em livro no mesmo ano da defesa, sob a chancela do Proteroria.

<sup>5</sup> Ventorim (2005) utiliza os anais dos ENDIPES ocorridos entre os anos de 1994 e 2000 como objeto e fonte de sua pesquisa.

<sup>6</sup> Os trabalhos veiculados no GT Currículo de todos os encontros da ANPED ocorridos até o ano de 2009 foram utilizados nas análises procedidas por Santos (2010).

A monografia apontou para algumas limitações, no que diz respeito aos estudos sobre escola veiculados nos CONBRACEs realizados entre 1997 e 2003, principalmente no que se refere às relações construídas entre as pesquisas e o referencial teórico utilizado na construção do trabalho

Apesar dos passos empreendidos para compreender a natureza científica do GTT Escola do CBCE, com base nos *indícios* (GINZBURG, 1987) deixados pelos autores, em relação às formas de *apropriação* (CERTEAU, 1994) das matrizes teóricas, colocadas em evidência nas *estratégias* (CERTEAU, 1994) de publicação utilizadas pelo Comitê Editorial dos CONBRACEs, é necessária uma investigação mais aprofundada sobre o objeto.

Uma hipótese que a monografia possibilitou levantar é a de que a produção acadêmica veiculada pelo GTT Escola, nos anais dos CONBRACEs de 1997-2003, tem sua base teórica fundamentada principalmente em bibliografias secundárias oriundas da própria área da Educação Física, o que culmina na recorrência do emprego de *apud*<sup>7</sup> teórico na área da Educação e das Ciências Humanas e Sociais.

O tema em voga é um estudo sobre a constituição epistemológica do campo da Educação Física e busca compreender as práticas científicas que permeiam a produção acadêmica nessa área do conhecimento. Assim, torna-se necessário identificar os objetos de estudo analisados pelos intelectuais que publicaram, nesse meio de comunicação científica, as teorias de maior recorrência nos trabalhos, bem como seus *usos* e formas de *apropriação* (CERTEAU, 1994).

Por ter seu foco na análise de impressos, com base nas fundamentações das teorias da história, o estudo justifica-se pois, segundo Schneider (2004), a investigação dessas fontes pode ser uma alternativa para se compreender o campo pedagógico, visto que se trata de um objeto profícuo para a produção de uma História da Educação menos centrada nas leis e regimentos e mais preocupada com os processos de apropriação e uso dos saberes em circulação.

---

<sup>7</sup> Ferreira Neto (2005), ao analisar o GTT Memória Cultura e Corpo, já sinalizava a existência da prática do *apud* e do *apud* do *apud* no âmbito da produção científica do CBCE.

## O ÍDOLO DAS ORIGENS: A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO

Para pensar a constituição histórica de um fenômeno, primeiramente, faz-se necessário estabelecer um ponto de partida, pois, como nos ensina Bloch (2001, p. 52) “[...] [na] maioria das realidades históricas, a própria noção desse ponto inicial permanece singularmente fugaz”, logo, quando um fato adquire notoriedade à observação, é preciso perceber que sua existência precede as relações que o tornaram sensível à reflexão. A tônica expressa por Bloch (2001) não se preocupa com a origem do fenômeno, mas sim com as implicações que ele tem para a sociedade, uma vez que a representação do passado é comandada pelo seu sentido contemporâneo.

Orientado pelas teorizações de Bloch (2001), foram estabelecidas, como ponto de partida para aparatar a discussão, os movimentos ocorridos entre o final da década de 1930 a 1990, no que diz respeito à constituição de agências de fomento à pesquisa e da institucionalização da pós-graduação brasileira, por se entender esse período como profícuo à compreensão dos fazeres científicos do campo da Educação Física, além de contextualizar, no tempo e no espaço, as fontes que serão utilizadas na dissertação, quais sejam, os trabalhos publicados na comunicação oral do GTT Escola, veiculados nos anais dos CONBRACEs realizados entre 1997 e 2009.

O recorte assumido possui vínculos externos e internos às fontes e ao objeto. O primeiro é estabelecido pela necessidade de compreender o palco da pesquisa brasileira por meio do processo de incrementação do campo<sup>8</sup> científico nacional, pelas políticas de incentivo e de desenvolvimento das práticas de pesquisa em todas as áreas de ciência e tecnologia, principalmente pelo processo de implementação da pós-graduação no Brasil. Considera-se, portanto, como relação interna, o retrospecto desse movimento nos fazeres científicos dos pesquisadores especializados em investigações sobre a escola no campo da Educação Física brasileira.

---

<sup>8</sup> O campo científico “[...] é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida [...], que é socialmente outorgada a um agente determinado” (BOURDIEU, 1983, p. 122-123). Em suma, é o lugar da disputa pela legitimidade acadêmica, da busca por ser a voz autorizada e com autoridade de formar e conformar as práticas científicas de uma área do conhecimento.

Segundo Silva (2005), o processo de constituição e desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil foi marcadamente protagonizado pela criação de instituições científicas no País. Porém, a autora pondera que esse movimento não foi causado por uma ação deliberada de investimento e incentivo a ações de pesquisa, mas sim pela necessidade de resposta identificada pelo Estado de superar “[...] desafios concretos, impostos pela conjuntura, principalmente no que se refere à saúde, à higiene e aos problemas agrícolas” (SILVA, 2005, p. 49).

Nesses termos, Veiga (2007) pondera que, entre o final da década de 1930 e a década de 1950, foram criados alguns órgãos de apoio e divulgação de estudos e pesquisas em geral e sobre educação. Entre os mais relevantes, estavam o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), a Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências (SBPC), o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq),<sup>9</sup> a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES),<sup>10</sup> o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e, ainda, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) que, inicialmente, era responsável pela criação de quadros de funcionalismo público, e que, mais tarde, viria a se tornar referência em pesquisas na área de economia. Posteriormente, na década de 1960, o Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE), organizado por Luiz Alves de Mattos, Faria Góes e Anísio Teixeira, integrou-se à FGV.

Sobre o INEP, Veiga (2007) afirma que foi pensado como um órgão de documentação e pesquisas educacionais para assessorar o então *Ministério de Educação e Saúde*. Durante a gestão de Lourenço Filho, o instituto teve como ênfase as pesquisas com base psicológica aplicadas à educação. Ao final de sua administração, o INEP lança a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, que é, até os dias atuais, um importante instrumento de veiculação científica no campo educacional.

O INEP, por meio da criação do CBPE,<sup>11</sup> adquiriu importante função nas pesquisas pedagógicas sob a perspectiva sociológica. O centro teve como objetivo inicial “[...] financiar pesquisas, que orientassem intervenções na realidade

---

<sup>9</sup> Como pode ser verificado em Veiga (2007), posteriormente, o CNPq foi vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia, passando esse órgão a ser denominado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Todavia, optou-se por manter a sigla original.

<sup>10</sup> Posteriormente denominada de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

<sup>11</sup> Desenvolvido durante a gestão de Anísio Teixeira (1952-1964), o CBPE esteve integrado às políticas de desenvolvimento nacional entre 1945 e 1964.

educacional, por meio de elaboração de políticas públicas, programas e campanhas educacionais, publicações, cursos etc.” (VEIGA, 2007, p. 304).

Segundo Veiga (2007), existiram muitas tensões no desenvolvimento das atividades propostas pelo CBPE, uma vez que alguns pesquisadores acabavam por não desenvolver pesquisas veiculadas ao campo educacional, principalmente pelo fato de a pesquisa financiada ser, à época, algo bastante restrito. Outra questão enfrentada foi a resistência dos professores da educação básica às intervenções do CBPE em sua rotina de trabalho, pois, para muitos deles, as práticas da instituição soavam demasiadamente “academicistas”, distantes dos problemas enfrentados na realidade. Assim, a trajetória dessa instituição foi cerceada pela tensão entre os profissionais de intervenção prática e de intervenção teórica, o que levou o CBPE ao esgotamento nos anos de 1960.

Diante da necessidade de um espaço de debate e divulgação científica que abrangesse todas as áreas do conhecimento, em 1948, um grupo de cientistas funda a SBPC. Essa sociedade passa a organizar reuniões anuais visando à congregação de pesquisadores oriundos de diversos campos. Por seu caráter polivalente, a SBPC tornou-se uma importante instituição de captação de recursos e de visibilidade científica do Brasil.

Vista a necessidade de ampliação das políticas de financiamento de pesquisa e capacitação, no governo Dutra (1946-1951), foram implementadas duas agências de fomento à pesquisa. A primeira delas, o CNPq, foi instituída com a meta de “[...] desenvolver e estimular a investigação científica e tecnológica” (VEIGA, 2007, p. 305). O segundo órgão de fomento à pesquisa, a CAPES, fundada durante o segundo governo Vargas (1951-1954), foi desenvolvido com o propósito de financiar a capacitação de profissionais de nível superior, por meio da concessão de bolsas de estudo no Brasil e no exterior, tendo importante atuação no processo de organização e implementação da pós-graduação (VEIGA, 2007).

A implantação desses órgãos de fomento à pesquisa fez parte de uma gama de investimentos governamentais que desenvolveram a base necessária para a institucionalização da pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* no Brasil, o que, segundo Veloso (2003), veio a ocorrer de fato na década de 1960, com a regulamentação de 38 cursos de mestrado e doutorado.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Veloso (2003) informa que os primeiros cursos de doutorado estavam concentrados na Biologia, Física, Matemática e Química, enquanto os programas de mestrado se dispersavam em outras áreas,

Especificamente na “área” da Educação Física, em 6 de maio de 1969, o CNRH-IPEA, órgão do então Ministério do Planejamento e Coordenação Geral,<sup>13</sup> em conjunto com a denominada Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, organizou um diagnóstico da Educação Física/desporto no Brasil.

Sob coordenação de Lamartine Pereira da Costa, os resultados desse estudo foram publicados em 1971, com a titulação *Diagnóstico de Educação Física Brasileira/desporto no Brasil*. Logo na apresentação do livro, afirma-se que um dos motivos para a realização dessa pesquisa foi “[...] uma conseqüência natural das preocupações do governo Revolucionário com a política nacional de recursos humanos, dirigida para aperfeiçoar o homem brasileiro em todos os seus aspectos” (COSTA, 1971, p. 7), uma vez que a Educação Física e os desportos se relacionavam intrinsecamente com as políticas de saúde, de educação, de bem-estar e seus aspectos de lazer e recreação.

Segundo Costa (1971), umas das questões evidenciadas nesse estudo foi que a área de Educação Física estava caracterizada pela carência de pesquisas científicas.

Para alguns autores, como Daolio (1997)<sup>14</sup> e Bracht (2007),<sup>15</sup> esse movimento na intenção de investir em ciência e tecnologia, ocorrido entre as décadas de 1960 e 1970, é um marco da emersão de um “campo científico” (BOURDIEU, 1983) da Educação Física. Porém, a própria noção da campo, no discurso desses autores, parece estar comprometida, pois, no entendimento de Bourdieu (1983), o campo científico é um local de disputas pelo poder científico, de prevalência de um discurso sobre o outro, por meio da organização de grupos, de composição de conselhos editoriais e maior visibilidade na imprensa científica especializada.

Como apresentado nas pesquisas de Ferreira Neto (1999), Schneider (2003) e Berto (2008), os elementos constitutivos dessa luta concorrencial pela conformação da autoridade científica encontram-se presentes na Educação Física, nas décadas anteriores a de 1960, principalmente, no que se refere ao uso de estratégias editoriais em comunicação científica, criação de instituições de formação

---

como as Ciências Humanas, as Ciências Sociais Aplicadas, além das Ciências Agrárias e das Engenharias.

<sup>13</sup> Hoje denominado de Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

<sup>14</sup> O autor afirma que, nesse período, “[...] pela primeira vez começava-se a vislumbrar uma comunidade científica da Educação Física brasileira” (DAOLIO, 1997, p. 182).

<sup>15</sup> Bracht (2007) esclarece que o início da pós-graduação representou o surgimento de um campo de conhecimento da Educação Física.



profissional, laboratórios e associações sindicais, o que demonstra a existência de um campo científico da Educação Física brasileira em efervescência que vai se consolidar no último quarto do século XX.

No entanto, como demonstram Veloso (2003), Silva (2005) e Veiga (2007), o período compreendido entre as décadas de 1960 e o final de 1970 é importante para o desenvolvimento científico não apenas da Educação Física, mas de todo o campo de ciência e tecnologia no Brasil, dado que a expansão das políticas de pesquisa e das atribuições das agências de fomento possibilitaram a expansão dos programas de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*.

Na área de Educação Física, os investimentos em programas *lato sensu* somente começaram a se desenvolver no final da década de 1970. Até esse momento, a continuidade da formação em Educação Física se dava em cursos de especialização e de aperfeiçoamento, enquanto o investimento em cursos *lato sensu* ocorria por meio de incentivos governamentais, pelas quais se passou a realizar o envio

[...] de um grande número de professores para cursar pós-graduação no exterior, principalmente nos EUA.  
Convênios e intercâmbios com centros de pesquisa do exterior – por exemplo com a Escola Superior de Colônia da Alemanha.  
Criação e implantação de cursos de pós-graduação na área da EF/CE.  
Implantação de laboratórios de pesquisa, principalmente de fisiologia do esforço e cineantropometria, em alguns centros universitários – por exemplo na UFRJ e UFRGS (BRACHT, 1992, p. 111-112).

O processo de investimento em política científica no campo permitiu a organização de laboratórios e grupos de pesquisa,<sup>16</sup> o que possibilitou um incremento nas práticas de circulação de saberes em Educação Física. Como exemplo, em 1974, o recém-fundado Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (LAFISCS)<sup>17</sup> passou a realizar simpósios anuais, com o objetivo de debater, difundir e modelar os conhecimentos do campo de Educação Física.

No ano de 1975, realizou-se um processo que, segundo Silva (2005), foi um dos mais importantes passos para a institucionalização de uma legislação para a promoção da pesquisa e do saber científico da área da Educação Física.

<sup>16</sup> Como exemplos, podem ser citados: o Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Laboratório de Fisiologia do Exercício (LABOFISE) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o LAFISCS.

<sup>17</sup> Então coordenado pelos recém-formados em Medicina: Ana Maria Sodré Paes de Almeida e Victor Matsudo. Posteriormente, o grupo foi denominado Centro de Estudos do Laboratório de Fisiologia de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS).

Trata-se da criação do Grupo de Consultoria Externa (GCE), instituído pela portaria n. 168/75, do Departamento de Educação Física e Desporto (DED)/Ministério da Educação (MEC), que teve como finalidade analisar a situação da educação física e propor medidas para a implementação da pós-graduação na área [...] alegando, entre outros aspectos, que a educação física e desportos deveria acompanhar o desenvolvimento geral do país (SILVA, 2005, p. 52).

Desse modo, somente em 1977 foi fundado o primeiro Programa de Mestrado em Educação Física do Brasil e da América Latina, na USP,<sup>18</sup> no qual a implementação expressava as dificuldades da área de se consolidar no sistema nacional de pós-graduação, uma vez que o processo de formação do quadro era dificultado pelos problemas de aperfeiçoamento acadêmico dos professores, e esse processo dependia demasiadamente do envio de profissionais para o exterior, pois, como demonstra Silva (2005), quase 50% do corpo docente do curso da USP, no ano de 1982, fora titulado em instituições norte-americanas.

Daólio (1997) afirma que o início da pós-graduação na área, bem como o retorno de professores que concluíram o doutorado no exterior contribuíram com a qualificação acadêmica dos “atores”<sup>19</sup> da Educação Física, que passaram a procurar formação em outras áreas do conhecimento científico, sobretudo nas ciências humanas.

Essa maior qualificação profissional levou também a um crescente número de eventos e de publicações científicas. Além disso, com a redemocratização do país a partir do final da década de 70, tornaram-se possíveis análises sociais da Educação Física, o que não ocorria durante a ditadura militar (DAOLIO, 1997, p. 182).

A relação de causalidade, estabelecida por Daólio (1997), de que o fim da ditadura militar possibilitou o surgimento de análises sociais da Educação Física é incoerente com suas próprias argumentações, pois a escassez de pesquisas de cunho sociocrítico era, muito provavelmente, fruto da própria ausência de autoridades científicas no campo com formação, no que se convencionou chamar de área de humanidades. Porém, no sentido expresso por Daólio (1997), é relevante o

---

<sup>18</sup> Nessa mesma instituição, também foi iniciado o primeiro programa de Doutorado em Educação Física no ano de 1989 (NASCIMENTO, 2010).

<sup>19</sup> Daólio (1997, p. 185) utiliza o termo atores por acreditar que os autores “[...] desempenharam papéis relevantes nessa dramaturgia do pensamento científico da área, encarnando determinados personagens, manipulando certos símbolos nessa contínua encenação e reencenação da Educação Física brasileira”.

argumento de que os investimentos em políticas científicas no campo da Educação Física permitiram um amplo desenvolvimento, em termos quantitativos, no que se refere à organização de eventos acadêmicos, podendo ser também salientado o crescimento numérico da imprensa periódica da área.

É no limiar desse panorama que, em 1978, “[...] um outro registro marcou a história da ciência na área da educação física no Brasil” (SILVA, 2005, p. 52), quando o grupo do CELAFISCS mais um conjunto de outros pesquisadores fundaram o CBCE que, a partir de 1979, passou a organizar congressos nacionais a cada dois anos, encontros regionais e publicação de revistas.

O CBCE surge como uma entidade científica que visa a congregar pesquisadores ligados ao campo da Educação Física. Essa instituição tem o objetivo de promover, desenvolver, incrementar e divulgar a investigação científica em Educação Física. O CBCE possui representatividade nacional em órgãos governamentais, como no Ministério de Educação (MEC) e nas Secretarias Estaduais de Educação, e em entidades científicas, como a SBPC, além de estar presente nas principais discussões relacionadas com o campo de conhecimento da Educação Física.

Da criação do CBCE até o biênio de 1983 a 1985, os cargos de liderança mais relevantes da diretoria nacional dessa entidade eram ocupados por profissionais com formação na área da Medicina e Psicologia do Esporte, e por alguns professores de Educação Física.<sup>20</sup> No entanto, todos os presidentes da instituição eleitos até 1985 eram formados em Medicina (APÊNDICE A), o que fazia com que as temáticas privilegiadas nos veículos de comunicação do CBCE fossem voltadas para aspectos fisiológicos da atividade física, para o esporte de alto rendimento e para a avaliação da aptidão física, de maneira que essas pesquisas representavam, como demonstra Corte (2009), grande proporção das publicações da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (RBCE), bem como das temáticas dos CONBRACEs (APÊNDICE B) e das mesas-redondas desses eventos.

Assim, observa-se, no contexto geral, uma tentativa de diversificação na produção científica do campo que começa a se manifestar no CBCE, na eleição para

---

<sup>20</sup> Nas três primeiras gestões do CBCE (1979-1985), alguns professores de Educação Física já ocupavam cargos de diretoria, como: Laércio Elias Pereira (diretor de Educação – biênio: 1979 - 1981); Paulo Sérgio Chagas Gomes (diretor de Ciências Básicas – biênios: 1979 - 1981 e 1981 - 1983); João Luiz Gomes (diretor de Educação – biênio: 1981 - 1983); Anselmo José Perez (Secretário-Executivo – biênio: 1981 - 1983); Sérgio Guida (diretor de Esportes – biênio: 1983-1985); e Vilmar Baldissera (diretor de Ciências Básicas – biênio: 1983 - 1985).

direção nacional ocorrida no III CONBRACE, na qual, pela primeira vez na história da instituição, um professor de Educação Física, na figura de Laércio Elias Pereira, foi eleito presidente da entidade. A diretoria<sup>21</sup> eleita nesse pleito foi, quase em sua totalidade, composta por professores de Educação Física, com exceção dos cargos de Tesoureiro e de Diretor de Medicina, que foram acumulados pelo médico João Ricardo Turra Magni.

Essa conquista de espaço no interior do CBCE, por parte dos professores de Educação Física, acompanhou o próprio crescimento da pós-graduação brasileira, principalmente no que diz respeito às áreas das Humanidades que, segundo Veloso (2003), representavam, já na década de 1990, junto com as Artes, aproximadamente 40% do alunado dos cursos *stricto sensu do País*.

O crescimento do número de pesquisadores fundamentado em matrizes teóricas e em fazeres científicos diferentes daqueles que eram praticados hegemonicamente no campo e, conseqüentemente, chancelados nos veículos de comunicação científica do CBCE, fez com que a conquista de espaço se estendesse do campo científico para o campo político,<sup>22</sup> uma vez que, a medida em que os “pesquisadores das humanidades” acumulavam capital simbólico,<sup>23</sup> também passaram a buscar a legitimidade de seus fazeres científicos nas instâncias da instituição.

Nesses termos, a aproximação dos estudiosos da Educação Física com outras áreas do conhecimento e o conseqüente aparecimento de diversas correntes de pensamento originárias de distintas áreas do conhecimento científico fizeram com que ocorresse no campo um movimento de flutuação do predomínio de saberes que ora era oriundo das Ciências Humanas ora decorria das Ciências Biológicas.

---

<sup>21</sup> A diretoria eleita para o biênio de 1985 a 1987 foi composta por: Laércio Elias Pereira (presidente); Alberto dos Santos Puga Barbosa (diretor de Ciências Básicas); Wilian Perez Lemos (diretor de Congressos e Eventos); Apolônio Abadio do Carmo (diretor de Educação); Lino Castellani Filho (diretor de Esportes); João Carlos Turra Magni (diretor de Medicina e tesoureiro); e Emédio Bonjardim (secretário-executivo).

<sup>22</sup> Mesmo entendendo a inexistência de uma separação entre ciência e política, optou-se por dicotomizá-las com o objetivo de melhor ilustrar o movimento ocorrido no interior do CBCE.

<sup>23</sup> “O poder simbólico [...] é uma forma transformada [...] e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia” (BOURDIEU, 2000, p. 15).

Segundo Ferreira Neto (2005a), a adjacência dessas práticas de pesquisa e de distintos *modus operandi* gerou uma tensão no campo da Educação Física, e o CBCE tornou-se palco de uma série de embates acadêmicos e políticos entre os representantes dessas abordagens, que buscavam definir, segundo Bracht (1998), as problemáticas e a visão de ciência legítima no CBCE e no campo da Educação Física.

Taborda de Oliveira (2005, p. 29) pondera que, nos meandros desse enfrentamento, os grupos em concorrência tinham menos a intenção de desenvolver um ensaio crítico “[...] à histórica perspectiva da aptidão física e do esporte, e muito mais [...] de consolidação de um outro modelo de educação física, notadamente, a escolar”. No entanto, na maioria das vezes, a “indesejada” crítica radical anunciada acabava por ser proferida.

Nesses termos, entendendo o lugar estratégico que o CBCE havia se tornado para a circulação de correntes epistemológicas na área da Educação Física, o que se observa, no panorama que se apresentava naquele momento, é que notadamente se travava de uma disputa pela hegemonia científica dessa área de conhecimento.

Entretanto, Taborda de Oliveira (2005) chama a atenção para os modos pelos quais essas disputas foram operacionalizadas no campo e no interior do CBCE, na tentativa de legitimar uma determinada perspectiva acadêmica em detrimento de outra. Entre elas, o autor ressalta algumas:

O primeiro talvez seja a desqualificação do discurso e da prática do outro. Nesse caso, com maior ou menor firmeza, com mais ou menos elegância, com maior ou menor virulência, aquilo que temos a dizer é muito melhor e mais interessante do que aquilo que o outro tem a dizer. Nossa perspectiva, não raro, assume o papel de porta-voz do novo, do atualizado, do correto, do moderno, do verdadeiro. Óbvio que, por contraposição, o discurso do outro (que podem ser os discursos dos outros) só pode ser o velho, o errado, o arcaico, o falso, o mentiroso. No limite da política, o outro pode ser alienado; no limite da ciência, as humanidades são o discurso da ideologia, pois carecem de precisão desejável das ciências ditas ‘duras’. Trata-se de uma estratégia de apagamento de perspectivas contrárias as nossas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2005, p. 29-30).

Desse modo, as argumentações de cada corrente eram construídas por alegações caricatas que os representantes de cada abordagem elaboravam das demais, ressaltando sempre os pontos discordantes entre os fundamentos filosóficos das práticas científicas, ao invés de compreender e dialogar com os pressupostos

epistemológicos das correntes opositoras. No decorrer desse processo, o enfrentamento ideológico entre esses pesquisadores ganhou notoriedade, não apenas nas instâncias do CBCE, mas, também, em outros veículos de comunicação científica do campo da Educação Física, como pode ser observado no tantas vezes referenciado debate ocorrido na *Revista Movimento*, na década de 1990.<sup>24</sup>

A necessidade de mudanças caminhava na direção de modificar a visão hegemônica no campo baseada em princípios biopsicológicos (pautados na concepção de ciência daqueles que definiram suas metas e passos iniciais), chamando a atenção para que fossem contempladas as dimensões culturais, socioeconômicas e políticas nos estudos realizados na Educação Física.

Esse debate científico chega a seu clímax na disputa pela presidência do CBCE, ocorrida em 1989, no VI CONBRACE, realizado na cidade de Brasília, quando concorriam duas chapas, uma representada por Celi Taffarel, acompanhada pelos defensores da pesquisa sociocultural, e a outra por Paulo Sérgio Chagas, juntamente com os pesquisadores da ciência básica.

O resultado dessa eleição, segundo Ferreira Neto (2005a), teve como uma de suas consequências a impossibilidade de convivência política e científica entre os grupos concorrentes no âmbito da instituição. Para esse autor, havia três possibilidades de convivência entre os grupos após a eleição: a primeira era a manutenção das posições originais dos concorrentes no campo e dentro do CBCE; na segunda, o grupo gestor se voltaria para as práticas pedagógicas, agora também legítimas na entidade, enquanto o outro grupo se preocuparia com suas problemáticas específicas (ligadas às ciências biológicas); na terceira possibilidade, o grupo não gestor mantém sua posição política e retira-se do CBCE. “Como se sabe, as principais lideranças e membros associados aos mesmos fazeres científicos do grupo derrotado deixam o CBCE” (FERREIRA NETO, 2005a, p. 11).

Com o objetivo de manter a unidade da instituição, ao longo de sua história, o CBCE tem buscado aperfeiçoar as formas pelas quais faz o conhecimento circular e ser debatido por meio de dois dispositivos: a RBCE, com periodicidade quadrimestral, que, atualmente, é uma das revistas de maior repercussão na área; e os anais do CONBRACE, que, em sua trajetória, se tornou um fórum científico de grande representatividade na área. Além disso, conta também com eventos de

---

<sup>24</sup> Desse intenso debate participaram Gaya (1994), Taffarel e Escobar (1994), Bracht (1995), Ghiraldelli Junior (1995), Lovisolo (1995), Costa (1996), Palafox (1996) e Santin (1996).

menor expressão, como os congressos regionais (organizados pelas Secretarias Estaduais), encontros de GTTs e, mais recentemente, o *Caderno de Formação RBCE*. Portanto, investigar a produção acadêmica que essa instituição chancela é importante para compreender sua natureza científica bem como a área que ela reivindica representar.

As primeiras publicações que carregaram a marca do CBCE datam de 1979 e foram procedentes dos anais do I CONBRACE,<sup>25</sup> ocorrido no município de São Caetano do Sul, em São Paulo, e ganharam circulação no primeiro número da RBCE. Os anais dos congressos foram publicados dessa maneira até meados da década de 1990 com o lançamento de um número especial da revista a cada dois anos com trabalhos que foram postos em circulação pelo CBCE, nos anais dos CONBRACEs.

Visando a melhoras na fórmula organizacional dos eventos, experimentou-se, em 1997, no X CONBRACE<sup>26</sup> (realizado na cidade de Goiânia), a organização do evento em GTTs, que são instâncias organizativas responsáveis por: aglutinar pesquisadores com interesses comuns em uma temática específica; servir de polos de reflexão, produção e difusão de conhecimento sobre o referido tema; e sistematizar o processo de produção de conhecimento com vistas à parametrização das ações políticas das instâncias executivas do CBCE. Os grupos são dirigidos por um Comitê Científico formado por pesquisadores que sejam, no mínimo, mestres, dentre os quais um, necessariamente doutor, eleito coordenador. Os GTTs são estruturados a partir de uma Coordenação Nacional, vinculados à Diretoria Científica e regulamentados pelo Estatuto da entidade, bem como por um regimento próprio.

Nesse sistema, os trabalhos devem ser encaminhados para os distintos grupos temáticos, de acordo com o interesse de estudo dos autores. Como cada GTT possui um comitê científico próprio, pressupõe-se que cada estudo aprovado atenda às expectativas originadas pela ementa e critérios científicos gerais e específicos reconhecidos institucionalmente.

---

<sup>25</sup> Atualmente já aconteceram 16 edições do CONBRACE. O último ocorreu em 2009, na cidade de Salvador – BA, e o próximo ocorrerá em 2011, na cidade de Porto Alegre – RS.

<sup>26</sup> No IX CONBRACE, realizado em 1995, na cidade de Vitória – ES, fez-se uma primeira experiência de aproximação temática dos trabalhos que, no evento subsequente, originou o sistema de GTTs.

Em virtude dessa nova organização, os anais do CONBRACE foram impressos<sup>27</sup> pela primeira vez separados da revista.<sup>28</sup> Dessa forma, cada GTT teve uma sessão específica para a publicação dos trabalhos aprovados. Em decorrência desse sistema, espera-se uma maior qualificação teórico-metodológica dos trabalhos que ganham circulação por meio dos anais dos congressos.

Segundo a *Comissão de Avaliação*<sup>29</sup> (1997), o sistema de GTTs foi considerado, pelos participantes presentes nesse congresso, como um dos pontos mais positivos do evento. No entanto, algumas limitações foram problematizadas pelos congressistas no que diz respeito ao

1. tempo de duração do GTT e da exposição de cada trabalho;
2. freqüente deslocamento dos participantes entre as salas;
3. uma certa falta de delimitação mais precisa na classificação de alguns trabalhos dentro das áreas temáticas e ainda
4. desencontro nos horários de início e término de apresentação dos trabalhos (COMISSÃO DE AVALIAÇÃO, 1997, p. 43).

Vista a aprovação desse modelo pela comunidade científica da área, no XI CONBRACE (realizado em 1999 na cidade de Florianópolis – SC), a organização em GTTs foi mantida e ampliada, passando de 11 grupos temáticos do congresso anterior para 13. Tendo como base os problemas relatados no congresso de 1997, cada GTT passou a ser orientado por uma ementa. A medida foi desenvolvida com o objetivo de melhor organizar e delimitar os trabalhos submetidos ao evento com as temáticas específicas de cada grupo.

Nesse CONBRACE, os anais do evento voltaram a ser veiculados com as edições da RBCE, o que culminou na divisão de um número da revista em três cadernos, em vista da demanda originada pela elevada quantidade de trabalhos oriundos dos grupos temáticos, fazendo com que esse número da RBCE se tornasse o maior exemplar<sup>30</sup> de revista científica da área de Educação Física.

---

<sup>27</sup> Os anais do X CONBRACE foram impressos em dois volumes principais com os trabalhos veiculados nos 11 GTTs; mais um caderno complementar com os trabalhos que, por um erro na impressão do volume I, não haviam sido publicados no GTT Escola.

<sup>28</sup> Os resumos dos trabalhos publicados em todos os GTTs foram veiculados no v. 19, n. 1, da RBCE de setembro de 1997, enquanto os trabalhos completos ganharam circulação no do caderno de anais desse evento.

<sup>29</sup> Comissão formada por Amarílio Ferreira Neto, Jandernaide Resende Lemos, José Américo Menezes, Iara Regina Damiani de Oliveira e Silvana Vilodre Goellner.

<sup>30</sup> O v. 21, n. 1 de setembro de 1999 foi dividido em três cadernos: o primeiro com 43 páginas contendo o guia de programação geral do XI CONBRACE; o segundo com 735 páginas no qual foram publicados os trabalhos de seis GTTs; e o terceiro caderno com 860 páginas nas quais se encerram as pesquisas veiculadas em sete GTTs, mais os pôsteres.



Com vistas ao problema de impressão gerado pelo grande número de estudos veiculados em cada GTT, em 2001, no XII CONBRACE (realizado em Caxambu – MG), o CBCE experimentou publicar os anais do evento utilizando o arquivo digital distribuído em cópias de CD-ROM, uma vez que esse formato permite condensar em um único dispositivo um grande volume de informações, além de agilizar o processo de confecção do material e reduzir consideravelmente os custos da produção. O modo de organização dos dados testado nesse congresso parece ter tido grande aceitação, visto que, nos XIII, XIV e XV CONBRACEs,<sup>31</sup> a fórmula foi mantida.

Mesmo com o sucesso do formato digital, no congresso de 2007, viu-se, com o modelo até então adotado, a experimentação de uma nova forma de publicização, pois os trabalhos aprovados nos GTTs, além de distribuídos em CD-ROMs, também foram postos em circulação em uma página da *WEB* específica do evento. O conceito testado no XV CONBRACE foi novamente aplicado no congresso<sup>32</sup> que se seguiu, no entanto, nesse evento, a *WEB* foi o único meio de circulação dos estudos utilizado pelo CBCE.

Sobre o sistema de GTTs, atualmente se encontram em atividade 12 grupos temáticos: Atividade Física e Saúde; Comunicação e Mídia; Corpo e Cultura; Epistemologia; Escola; Formação Profissional e Mundo do Trabalho; Memórias da Educação Física e Esporte; Movimentos Sociais, Políticas Públicas; Recreação e Lazer; Treinamento Esportivo; Inclusão e Diferença.

Desde a implementação do sistema de GTT, em 1997, até o último CONBRACE realizado em 2009, o GTT Escola tem sido o fórum que mais tem recebido pleitos de publicação de trabalhos, o que tem indicado um elevado interesse da comunidade científica da Educação Física para esse tema.

Diante desse fato, o estudo encontra relevância por sistematizar e apresentar a natureza científica dos debates realizados na área de Educação Física que foram veiculados nos 12 anos de existência do GTT Escola, uma vez que, segundo Gamboa (2007), o entendimento da epistemologia imputa ao estudo da natureza do conhecimento seus alicerces e suas limitações, abordando as contradições a

---

<sup>31</sup> Ocorridos em 2003 (Caxambu – MG), 2005 (Porto Alegre – RS) e 2007 (Recife/Olinda – Pernambuco), respectivamente.

<sup>32</sup> XVI CONBRACE (ocorrido em 2009 em Salvador – BA).

respeito da possibilidade, das fontes, da essência e dos critérios de validação desses saberes.

No caso do conhecimento sistemático (*Episteme*) que por ter o imperativo de explicitar e justificar seus métodos, ou caminhos percorridos para a elaboração dos seus resultados, se diferencia dos saberes fundados nas tradições e senso comum (*Doxa*) e na razão das religiões (*Mitos*) (GAMBOA, 2007, p. 16).

Dessa maneira, o trabalho encontra justificativa por ampliar as bases compreensivas sobre a situação-problema e, simultaneamente, pode viabilizar contribuições para a continuidade da elaboração de uma teoria da Educação Física brasileira no século XXI.

Esta pesquisa procurou se enveredar pelos fundamentos epistemológicos que embasaram as pesquisas postas em circulação nas comunicações orais veiculadas no GTT Escola durante os CONBRACEs de 1997 a 2009. O investimento científico nessa empreitada foi realizado com o objetivo de compreender, nos termos de Ferreira Neto (2005b), a “natureza científica” do que foi veiculado nesse fórum, principalmente no que se refere aos pressupostos teóricos dessas produções.

Com base nessa premissa, à medida que o objeto foi interpelado, algumas questões norteadoras emergiram em frente à proposta desta investigação, pois, primeiramente, o entendimento dos pressupostos científicos desse grupo de pesquisadores perpassa pela necessidade de compreender: como se organizam os trabalhos do GTT Escola quanto ao rigor científico dos pressupostos teóricos e metodológicos dessa comunidade científica?

Nesses termos, as pesquisas de Schneider (2003), Lauff (2007), Berto (2008) e Corte (2009) têm mostrado que as maneiras pelas quais as informações se encontram dispostas na imprensa científica organizam distintas maneiras de lê-las e apreendê-las, de modo que o aparelho crítico<sup>33</sup> elaborado pelos editores exerce função decisiva no processo de assimilação de um texto.

A partir desse pressuposto, tornou-se condição imprescindível, para o desenvolvimento deste estudo, problematizar a seguinte questão: quais são as ações realizadas pelos responsáveis pela organização desse evento, na tentativa de prescrever e produzir leituras e sentidos para os anais dos CONBRACEs?

---

<sup>33</sup> Termo utilizado por Schneider (2003) para designar a ação dos editores no processo de desenvolvimento de prescrições de uma leitura modelar, autorizada a circular no campo científico.

Além disso, outra questão que se salientou nesse processo relaciona-se com a necessidade de identificar os modos de organização dos pesquisadores que produziram no GTT Escola. Nesse sentido, quais são as práticas de pesquisa realizadas pelos autores da Educação Física no que diz respeito à constituição e elaboração desses trabalhos?

É importante salientar que o estudo parte da hipótese de que a produção de sentidos nos trabalhos veiculados nos anais do CONBRACE está coadunada com o fato de esses documentos representarem o produto de uma gestão do CBCE. Nesses termos, possivelmente, as práticas de pesquisa que ganham circulação por meio desse espaço científico fazem parte de um conjunto de ações procedentes dos autores dos trabalhos em circulação e dos responsáveis pela organização dessas práticas nos anais do evento em um processo de constituição e legitimação de saberes e de redes de relações.

Com base nessas ideias e balizado pelas questões de estudo apresentadas, foi construído o caminho necessário para responder às indagações salientadas, bem como desenvolver os objetivos propostos para esta dissertação.

## ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Para desenvolver o estudo e enfrentar os desafios propostos nesta pesquisa, a organização do trabalho foi definida em introdução, quatro capítulos, considerações finais, referências e apêndices.

Na introdução, fez-se a contextualização do tema, de maneira a apresentar o processo de constituição e desenvolvimento do objeto e das fontes ora investigados no estudo. Nessa etapa do trabalho, também foram apresentados os objetivos da pesquisa, as questões investigadas, bem como a própria organização e disposição do estudo.

Nesses termos, com base na proposta da dissertação, o primeiro capítulo tratou de dar à vista para o leitor o desenvolvimento da operação de caça necessária para fazer aparecer o aparelho crítico dos trabalhos do GTT Escola, de modo a fazê-los revelar os meandros dos processos de sua fabricação, enfatizando a elaboração do arcabouço teórico-metodológico utilizado no processo de investigação dos anais dos CONBRACEs, tendo em vista operar com as ferramentas da história cultural

francesa e da micro-história italiana, permitindo que as fontes sejam indagadas por meio de uma relação de “idas e vindas” entre o “objeto cultural e as relações macrossociais”. Neste capítulo, também é apresentado o banco de dados desenvolvido à luz dessas referências, bem como a forma de operacionalização do Instrumento de Coleta de Dados (ICD). Além disso, são trazidos ao debate os estudos que se propuseram investigar o CBCE na condição de objeto e fonte, na tentativa de evidenciar as tensões dos discursos entre aqueles que falam pela instituição e os que falam sobre essa entidade.

No segundo capítulo, partiu-se da necessidade de compreender as ações que possibilitam aos organizadores e editores dos anais dos CONBRACEs construir sentidos para essa produção. Desse modo, realizou-se a interpelação da fórmula editorial de cada suporte de leitura utilizado para os anais de cada um dos congressos realizados no período compreendido entre 1997 e 2009. Nesses termos, cada elemento constituinte da (i)materialidade desses documentos<sup>34</sup> foi tomado como vestígio para se compreenderem essas práticas, permitindo que esses recursos fossem comparados com produções do mesmo período em que eles circularam, possibilitando ao leitor visualizar o aparelho crítico dos anais do CONBRACE.

Após apresentar e compreender a ação do aparelho crítico construído para os documentos em análise, foi possível realizar um mergulho nos trabalhos do GTT Escola. Assim, no capítulo três, as análises foram desenvolvidas seguindo a ordem dos protocolos de leitura deixados pelos autores dos trabalhos, mas não os consumindo como única maneira de leitura dessas fontes. Desse modo, os documentos produzidos com base nessa apropriação permitiram a visualização do tecido formado pelas produções do GTT, demonstrando as lacunas existentes nas tramas da história dessa comunidade científica. A apresentação dos dados seguiu os modos de organização dados a ver nos trabalhos, a saber: as informações existentes nos cabeçalhos dos estudos, como tipo de autoria, titulação, vínculo a grupos de pesquisa, instituição e a procedência regional dessas produções.

Por fim, no quarto capítulo, a investigação foi realizada no sentido de analisar a constituição epistemológica dos trabalhos. O olhar para a tipologia científica buscou compreender as práticas de pesquisa postas em circulação no campo, além

---

<sup>34</sup> Capas, contracapas, sumários, número de páginas, alocação dos elementos textuais dos trabalhos, etiquetas e capas dos CDs, *softwares* utilizados para acessar os trabalhos.

de, ressaltando os processos de continuidade e descontinuidades da história, apresentar a contribuição do GTT Escola dos CONBRACEs de 1997 a 2009, para o debate sobre a constituição de uma teoria da Educação Física brasileira.

## CAPÍTULO 1

### 1 UMA OPERAÇÃO DE CAÇA: A TEORIA QUE FUNDAMENTA O ESTUDO

A pretensão deste capítulo é apresentar a “operação de caça” (BLOCH, 2001) necessária para evidenciar o aparelho crítico dos trabalhos de modo a fazê-los revelar os meandros dos processos de sua fabricação, enfatizando a problematização sobre o arcabouço teórico-metodológico escolhido para investigar os anais dos CONBRACEs, procurando operar com as ferramentas da história, permitindo a indagação das fontes por meio de uma organização dos documentos com os semelhantes de uma mesma coleção.

Para a realização de um estudo desta natureza, primeiramente, fez-se necessário compreender o funcionamento e as razões de se utilizar as ferramentas da História para o desenvolvimento de um estudo que busca enveredar pela epistemologia de um campo científico.

Segundo Bloch (2001), o conceito da palavra história não se limitaria, pois, a uma “ciência do passado”, em vista de a complexidade de relacionar fenômenos que somente têm em comum o fato de não serem contemporâneos. Fenômenos astrológicos e geológicos, por exemplo, segundo o autor, não fariam parte do rol de observação de um historiador, pelo menos não em sua totalidade.

Como nos diz Bloch (2001), o assoreamento de um rio não seria de imediato da alçada de um historiador, entretanto as ações do homem que favoreceram tal transformação, bem como as consequências sociais dessas mudanças abarcariam o “ofício do historiador”.

O sentido da História do qual fazemos uso diz respeito a uma ciência cujo objeto de estudo compreende as ações dos homens e suas consequências sociais, ou seja, uma “ciência do homem no tempo” (BLOCH, 2001).

Compreender esse conceito é primordial para uma análise que tem um impresso acadêmico como fonte, pois a prática científica nada mais é do que uma ação humana com consequências sociais, portanto passível de uma investigação por meio das ferramentas da História. Analisar a produção acadêmica de um grupo de pesquisadores é, em certa medida, investigar suas ações, com o objetivo de

compreender os caminhos que percorreram no processo de desenvolvimento dos discursos que são postos em circulação.

No impresso, assim como em outros instrumentos de registro da História, a seleção daquilo que se registra (e como se registra) é permeada pelos interesses de seus autores, ou mesmo pela demanda de um corpo editorial. Dessa maneira, formam-se o que Bloch (2001) denomina de “lacunas históricas”, na medida em que os testemunhos que apresentam uma determinada realidade estão comprometidos com as práticas discursivas de um grupo específico.

As lacunas, como nos diz Veyne (1998), fazem parte da natureza da História e de outra forma não poderia sê-lo. Essa característica é um ponto da História do qual se ignora o sentido; assim, os fatos registrados no tempo são uma rede de incoerências desenvolvidas com base nas incongruências das fontes. “[...] Esse estado de coisa é, certamente, insuportável para um espírito lógico e basta para provar que a história não é lógica, mas, para isso, não há remédio, nem pode haver” (VEYNE, 1998, p. 27).

Dessa maneira, com base no conceito de Veyne (1998), podemos supor que se verá uma História de um campo científico, em que as instituições são bem conhecidas, mas onde as práticas de pesquisa são ignotas, e “vice e versa”, deixando uma “página em branco” no conhecimento sobre esse campo. Veyne (1998) afirma que as lacunas passam tão despercebidas aos nossos olhos que somente com esforço podemos discerni-las, tanto são vagas nossas ideias do que devemos esperar da História. Assim,

[...] um século é um branco nas nossas fontes, e o leitor mal sente a lacuna. O historiador pode dedicar dez páginas a um só dia e comprimir dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele, como um bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos (VEYNE, 1998, p. 27).

Dito isso, o estudo investiga a constituição epistemológica do campo da Educação Física escolar. Para isso, utiliza como objeto e fonte a produção do conhecimento científico veiculada nas comunicações orais do GTT Escola com o intuito de compreender os alicerces teóricos que permearam essa produção e as formas de apropriação das teorias que, com base na chancela do CBCE, circularam nos anais dos CONBRACEs. Assim, acredita-se que investigar a constituição teórica dos trabalhos postos em circulação por esse grupo é um meio profícuo para se

apreender a natureza epistemológica do campo da Educação Física no que diz respeito à sua perspectiva sociocultural, principalmente se for considerado que, nessa vertente de pesquisa, esse evento reúne parcela representativa da comunidade intelectual dessa área.

No entanto, mesmo com a alta representatividade que o CONBRACE adquiriu no campo de Educação Física ao longo de sua história, é preciso tomar o cuidado de não utilizar os anais desse evento como “inocentes” documentos para se compreender verdades sobre o processo de constituição epistemológica dessa área.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas as quais continuou a viver [...]. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. [...] não existe um documento verdade (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

Assim, os anais do CONBRACE é o resultado de um conjunto de forças que tenta, com base em um ponto de vista, produzir e impor um sentido do passado para aqueles que ainda virão. É preciso entender, segundo Le Goff (2003), esses documentos como “monumentos”<sup>35</sup> de um grupo de pesquisadores de um campo, como uma tentativa desses intelectuais de infligir ao futuro, de maneira premeditada ou não, a representação da imagem que eles têm deles próprios.

Em suma, é preciso ter a clareza de que, para entender as práticas de um tempo, tomando como base os registros de um grupo, trata-se de uma operação indireta, de modo que, como nos ensina Bloch (2001), por mais que nesses testemunhos haja uma parcela de verdade, faz-se necessário que eles sejam sensivelmente relacionados com os múltiplos sentidos que possam assumir, por mais tênue que sejam suas diferenças. Dessa forma, ao utilizar essa produção como objeto e fonte, cabe ao pesquisador não fazer papel de ingênuo,

[...] porque todo documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo e sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (LE GOFF, 2003, p. 538).

---

<sup>35</sup> Segundo Le Goff (2003, p. 526), “[...] o *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”.



Feitas essas ponderações, é preciso desconstruir a forma, segundo Chartier (1990), como os documentos são “dados a ver e a ler”. Essa roupagem “vestida” pelos anais dos CONBRACEs é um roteiro de leitura fruto de uma ação “estratégica” dos dirigentes do CBCE, que se valem de “um lugar de poder”, de modo a postular

[...] um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e os objetos de pesquisa etc.) (CERTEAU, 1994, p. 99).

Dessa maneira, percebe-se a existência de interesses acadêmicos e políticos na circulação de determinados estudos na comunidade científica, que se manifestam desde a fórmula editorial à disposição dos trabalhos no corpo dos anais desse congresso. Partindo dessa prerrogativa, pode-se afirmar que os impressos em questão não são documentos neutros, carecendo ser questionados por seus leitores. Assim, é possível pensar que os trabalhos publicados nesse congresso receberam a chancela do CBCE, pois compartilham a mesma representação de Educação Física que os dirigentes dessa entidade.

Essa noção de representação, segundo Chartier (1990), perpassa dois sentidos. O primeiro trata de uma relação mediada pela substituição de um ausente por meio de um instrumento que medeia e reconstitui as características do objeto ou sujeito que inexistem num local. No segundo sentido, e que mais interessa a este estudo, o conceito é constituído por uma estrutura simbólica que evoca a relação de valor entre o signo visível e o sentido a ele conferido.

No caso do objeto em análise, a relação significado/significante encontra-se expressa nos trabalhos veiculados nos anais do CONBRACE, uma vez que essas práticas de pesquisa podem ser consideradas signos que conferem sentido e legitimidade às proposições de políticas científicas adotadas e difundidas pelo CBCE para o campo da Educação Física, principalmente no que diz respeito às pesquisas de cunho sociocultural.

Portanto, à luz das teorizações de Chartier (1990, p. 59), é possível compreender que os textos não devem ser analisados fora do contexto que lhes confere sentido, tendo em vista que esse processo leva a remetê-los à subjetividade intelectual do pesquisador, ou seja, “[...] decifrá-los através das categorias de pensamento cuja historicidade não é de modo nenhum apreendida e que se consideram implicitamente como permanentes”. Assim, restituir a historicidade exige,

primeiramente, tomar o contexto da publicação, quem produziu e por que preservou esses documentos como parte inerente à própria produção.

Para realizar essa empreitada, é preciso entender que os documentos oferecem *indícios, vestígios e sinais* deixados, propositadamente ou não, por seus fabricantes. Esses elementos venatórios, segundo Ginzburg (2009), são como fios de um tapete que, em seu conjunto, formam uma trama coesa. Olhar a tapeçaria elaborada, muitas vezes, faz negligenciar o tear, assim como a marca do tecelão deixada nos pormenores utilizados no ato de confecção do tapete. Certeau (2008, p. 52) corrobora as ideias de Ginzburg ao afirmar que

[...] os fatos de que fala a história funcionam como indícios. Através das relações estabelecidas entre fatos, ou da elevação de alguns dentre eles a valor de sintomas para uma época inteira, ou da 'lição' que organiza o discurso inteiro, existe em cada história um processo de significação que visa sempre 'preencher' o sentido da história.

Enxergar os indícios<sup>36</sup> pode auxiliar no processo de indagação dos documentos, permitindo um “agir taticamente”<sup>37</sup> (CERTEAU, 1994) e, dessa maneira, desconstruir o aparelho crítico que o constitui.

Para observar os indícios, é necessário olhar para o micro, visto que as análises macro-históricas têm deixado muitas dúvidas sobre as ações dos sujeitos realizadas nas películas que constituem os meandros das relações socioculturais. No entanto, o estudo da micro-história não fecha as portas para a análise serial, ou macrossocial, em um processo de idas e vindas que permita ao macro ser explicado pelo micro, bem como visualizar, no segundo, os desdobramentos do primeiro, possibilitando ao observador visualizar uma “[...] imagem gráfica do tecido social” (GINZBURG, 1991, p. 177-178).

A análise micro-histórica é, portanto, bifronte. Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula [...]. Por isto propomos definir a micro-história, e a história em geral, *ciência do vivido*: uma definição que procura compreender as razões tanto dos

<sup>36</sup> Os indícios “[...] não apenas permitem suplementar esses relatos, quando estes apresentam lacunas, ou controlá-los, caso sua veracidade seja suspeita; eles afastam de nossos estudos um perigo mais mortal do que a ignorância ou a inexatidão: o de uma irremediável esclerose” (BLOCH, 2001, p. 77).

<sup>37</sup> Para Certeau (1994), a tática é o uso astucioso, subversivo, que procura se apropriar daquilo que é produzido pelo outro, em uma caça furtiva no território inimigo, visando a uma fabricação na qual o consumidor se insere pelas suas “artes de fazer” impondo sua marca ao novo produto.

adeptos como dos adversários da integração da história nas ciências sociais – e assim irá desagradar a ambos.

Todavia, neste estudo, para se conhecerem as possibilidades de interpretação, utilizando como caminho os elementos indiciários, acredita-se ser necessário investigar os *usos* e *apropriações* que os autores que publicaram no GTT Escola realizaram de seu referencial teórico.

O entendimento sobre *usos* e *apropriações* encontra-se balizado nas teorizações de Certeau (1994, p. 49) sobre os processos de assimilação de informações. Nesses termos, afirma que

[...] a atividade leitora apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados introduzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera [...]. Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em um lugar tomado por empréstimo, tomado por alguns instantes, por algum passageiro. Os locatários efetuam uma mudança semelhante no apartamento que mobiliam com seus gestos e recordações; os locutores na língua em que fazem deslizar as mensagens de sua língua materna e, pelo sotaque, por 'rodeios' (ou giros) próprios, etc., a sua própria história, os pedestres, nas ruas por onde fazem caminhar florestas de seus desejos e interesses.

No mundo acadêmico, essa habitação a que Certeau (1994) se refere corresponde aos *usos* e às *apropriações* que são feitos do referencial. No desenrolar das “maneiras e artes de fazer”, os autores atuam como “locatários” de suas fontes, metamorfoseando-as de acordo com seus interesses, atribuindo novos significados aos discursos alocados na bibliografia, tornando-os parte inerente de sua criação, com base em um reemprego coerente, bem como quando “[...] o espectador lê a paisagem de sua infância na reportagem de atualidades. A fina película do escrito torna-se um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor” (CERTEAU, 1994, p. 49).

Ao se utilizar como referência esses conceitos, pretende-se sistematizar a produção acadêmica destinada à escola que foi cancelada pelo CBCE a partir da organização dessa entidade em grupos temáticos, uma vez que essas produções podem nos oferecer o repertório sobre a natureza científica do que foi produzido nesse grupo. Investigar essas fontes parece ser primordial para os saltos qualitativos que quaisquer investimentos acadêmicos pretendem, pois a potencialidade que

emerge do movimento da produção científica evidencia, mesmo que *indiciariamente* (GINZBURG, 1988), os limites e possibilidades dessa comunidade acadêmica.

A investigação desses documentos<sup>38</sup> deve ser realizada por meio de um processo arqueológico (SCHNAPP, 1988) de descolagem, afastamento e análise das camadas mais superficiais que constituem as estratégias editoriais dos anais dos CONBRACEs até os estratos mais profundos expressos nas práticas de pesquisa do GTT Escola. O método arqueológico não consiste apenas em isolar as fontes em coleções, mas também em estudar as relações existentes entre elas, de modo que se torna importante para o estudo estabelecer um cotejamento entre os limites e possibilidades de atuação do CBCE, no que diz respeito à produção e circulação do conhecimento em Educação Física.

### 1.1 DO OBJETO CULTURAL ÀS RELAÇÕES MACROSSOCIAIS: UM ESTUDO “BIFRONTE”

O arcabouço teórico-metodológico do trabalho faz suas amarras em duas escolas da historiografia, quais sejam: a “História cultural” francesa, com Michel de Certeau e Roger Chartier, e a “Micro-história” italiana, representada por Carlo Ginzburg. Com base nessas duas correntes de pensamento historiográfico, o estudo pretende fazer com que as fontes possibilitem à discussão movimentar-se do objeto cultural<sup>39</sup> (anais dos CONBRACEs) às relações macrossociais.

A investigação histórica, segundo Chartier (1990), consiste em localizar e interpretar os documentos, relacionando-os com seu contexto cultural, de modo que eles revelem o “pano de fundo”, ou seja, de acordo com as indagações que o historiador faz, as fontes mostram e explicam os modos pelos quais se encadeiam as ideias que compõem o discurso. Assim, ler um texto consiste em considerar os elementos que estão articulados em sua constituição, como a resolução política, econômica e social vigente no ato da sua produção, bem como os modos pelos quais os documentos são dados a “ver e a ler” sua materialidade.

---

<sup>38</sup> No processo de seleção dos textos para a pesquisa, serão utilizados, como principais fontes, os documentos mencionados, que fazem parte do acervo de periódicos do PROTEORIA, localizado no CEFD-UFES.

<sup>39</sup> Segundo Chartier (1990), objetos culturais são todas as produções humanas tangíveis, ou seja, que possuem materialidade e representação.

Transformar em tensão operatória aquilo que poderia surgir como uma aporia inultrapassável é o desígnio, a aposta, de uma sociologia histórica das práticas de leitura que tem por objectivo identificar, para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler - as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais --, e que coloca no centro da sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação (CHARTIER, 1990, p. 122).

Desse prisma, Chartier (2009) alerta para os cuidados de não considerar os textos como existentes neles próprios, ou fora dos objetos ou das vozes que os transmitem. Na pesquisa histórica em que é feita uma leitura cultural dos textos, as formas em que são lidos, ouvidos e vistos também são imprescindíveis na análise e construção dos significados.

Daí também a atenção prestada à historicidade primordial dos textos, a que decorre do cruzamento entre categorias de atribuição, designação e classificação dos discursos próprios de um tempo e de um lugar, e a sua materialidade, compreendida como a modalidade de sua inscrição na página ou de sua distribuição do objeto escrito (CHARTIER, 2009, p. 37).

Compreender o mundo tendo como base o objeto pode ser um método profícuo para apreender a riqueza de detalhes que emergem das “práticas de representação” (CHARTIER, 1990). No entanto, é preciso atentar para o fato de que

Toda pesquisa historiográfica está ligada a um lugar sócio-econômico, político e cultural [...]. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2008, p. 67).

Nesse aspecto, como demonstra Certeau (2008), na pesquisa historiográfica, faz-se necessário analisar com maior acuidade as tensões que os processos macrossociais geram nas fontes, uma vez que, para esse autor, os discursos existentes nos documentos são oriundos de um “lugar de poder”, que, por meio do aparelho crítico, pretende controlar as formas e os sentidos daquilo que será preservado.

Nesse ponto, a micro-história italiana torna-se um instrumento importante para a construção desse arcabouço teórico, pois, para Ginzburg (1988), nesse modo de investigar a história, as explicações oriundas das relações “macro” e dos processos do “micro” são igualmente consideradas em um “ir-e-vir”, que permite uma visão ampla das relações de força que constituem as ações humanas.

Dessa forma, aliar o rigor de investigação das minúcias do objeto cultural da historiografia francesa à potencialidade que emerge da micro-história italiana de compreender o macro pelo micro, assim como o micro pelo macro, possibilita enxergar os detalhes dos processos de escrita da história do campo epistemológico da Educação Física por meio das fontes canceladas pelo CBCE.

Feitas essas ponderações, foi elaborado um instrumento de Coleta de Dados (ICD), por meio do qual foi desenvolvido um banco de dados com os elementos existentes nos trabalhos publicados no GTT Escola, de modo que possibilitasse desconstruir o aparelho crítico presente nas fontes deste estudo. Dessa maneira, o instrumento de coleta de dados foi estruturado sob o modelo de tabela, uma vez que essa formatação facilita a visualização e o manuseamento das informações recolhidas.

Assim, o ICD foi composto pelas seguintes categorias: autoria; titulação; vínculo institucional e grupos de estudo; tipo de autoria (individual ou coletiva); procedência territorial; objeto de estudo; objetivo da pesquisa; utilização de teorias; uso de referências secundárias; tipologia de pesquisa e instrumento de coleta de dados; referências; e número de caracteres dos trabalhos. Como se sabe, somente a partir do CONBRACE de 2001, os anais passaram a ser publicados em formato eletrônico. Desse modo, para efetuar a contagem do número de caracteres dos trabalhos reunidos nos anais de 1997 e 1999, foi necessário o escaneamento desses impressos seguido de conversão do formato *Portable Document Format* (PDF) para *Document* (DOC). Somente após essa formatação, foi possível utilizar a ferramenta de contagem de caracteres do *Microsoft Word 2007, versão (12.0.6541.5000) SP2 MSO (12.0.6535.5002)*.

Com base no referencial teórico adotado neste estudo, foram realizadas as leituras dos 177<sup>40</sup> trabalhos veiculados nas comunicações orais do GTT Escola dos X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACEs realizados entre 1997 e 2009, sendo utilizado um ICD para catalogação de cada trabalho analisado. Dessa maneira, foi-se desenhando um mapa com as coordenadas necessárias para se chegar aos objetivos deste estudo.

---

<sup>40</sup> Foram publicados no X CONBRACE 48 estudos; 20 no XI, 23 no XII, 20 no XIII, 22 no XIV, 20 no XV e 24 trabalhos veiculados nos anais do XVI CONBRACE.

A ação de “transcrever” essas informações permitiu, como nos ensina Certeau (2008), a reorganização dos documentos, modificando, ao mesmo tempo, o seu lugar e o seu estatuto.

Este processo consiste em ‘isolar’ um corpo [...] e em ‘desfigurar’ as coisas para construí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. Ele forma a *coleção*, constitui as coisas em um ‘sistema marginal’, [...] ele as exila da prática para as estabelecer como objetos ‘abstratos’ de um saber (CERTEAU, 2008, p. 81).

Por meio dos princípios da comparação e contradição (BLOCH, 2001), a coleção formada por essa reorganização possibilitou fazer a crítica dos documentos utilizados nesta pesquisa, à medida em que foram inseridos em séries do mesmo tempo. Desse modo, os dados foram constituídos e investigados para além do universo do uso, sempre por meio de um “reemprego coerente” (CERTEAU, 2008, p. 81).

Com base nesta estrutura teórico-metodológica, esta dissertação foi desenvolvida por meio da exploração inveterada dos dados. A investigação procedeu-se em uma atitude de indagação e, por vezes, de negação das aparências, primando pela restauração dos *indícios*, para, fundamentada neles, originar o maior número de ordenamentos, possibilitando construir novos sentidos possíveis para o objeto.

## 1.2 O CBCE COMO OBJETO E FONTE: ENTRE PRODUÇÕES E “TRADIÇÕES”

De sua fundação até hoje, o CBCE tem despertado o interesse de diversos pesquisadores<sup>41</sup> do campo a estudá-lo na condição de objeto e fonte.

Mais notadamente na década de 1990, encontram-se alguns trabalhos que passam a se destacar nos estudos sobre e com o CBCE, com a finalidade de identificar a contribuição dessa instituição no desenvolvimento do campo da “Educação Física/Ciências do Esporte” no Brasil.

Quando o CBCE completou 15 anos, lançou-se um exemplar da RBCE com o objetivo de traçar um panorama epistemológico da área de Educação Física, assim

---

<sup>41</sup> Nessa gama de trabalhos, constam minha pequena contribuição em dois artigos (CARNEIRO; SANTOS, 2007a; CARNEIRO; SANTOS; FERREIRA NETO, 2009) e dois trabalhos publicados em congressos (CARNEIRO; SANTOS, 2007b; CARNEIRO et al., 2009), além da minha monografia de graduação (CARNEIRO, 2008).

como das realizações do colégio durante toda a sua existência. Na revista, é encontrado apenas o trabalho de Valter Bracht que trata, efetivamente, das contribuições dessa instituição para o campo de pesquisa.

Bracht (1993, p. 111) ponderou que, durante toda sua trajetória até aquele momento, o CBCE havia passado por um período que ele denomina de “[...] euforia e ingenuidade cientificista” oriunda de seus primeiros anos de existência, o que culminava em uma aversão à reflexão filosófica, seguida de uma hegemonia ideológica e uma “[...] sobreposição do político ao ideológico o CBCE chega aos seus 15 anos como que possuído pelo desejo de complementar o conhecimento das coisas com o conhecimento de si mesmo – dos pressupostos epistemológicos com que opera” (p. 111).

A prática da desqualificação do discurso do outro, anunciada por Taborda (2005), fica evidente no discurso de Bracht (1993), quando ele acusa as primeiras gestões do CBCE de serem formadas sob uma base cientificista ingênua. Como pode ser observado no APÊNDICE A, os pesquisadores que participaram das administrações iniciais da instituição eram médicos com experiência de pesquisa consolidada, portanto é pouco provável que o título de ingênuo seja aplicável.

Não obstante, considerando-se a anunciada representatividade do CBCE na Educação Física, principalmente da segunda metade da década de 1980 a 1990, era de se esperar que o campo estivesse caracterizado de modo mais alinhavado às práticas de pesquisa da área sociocultural, preponderantemente com as de cunho crítico-dialético. Porém, os argumentos de Silva (1998) de que os fazeres científicos em circulação entre 1978 e 1998, na pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física, ainda possuíam mais afinidades com as práticas de pesquisa implementadas pelos militares durante a ditadura do que com as de cunho sociocrítico, o que demonstrava a potência de um método de uma época, por mais que, justificadamente, fossem balizados por interesses de um modelo de gestão ditatorial.

Além do mais, o discurso de Bracht (1993) parece ter sido construído tendo como referência as próprias memórias do autor e de maneira bastante ideológica, uma vez que as fontes da pesquisa que possibilitam tais análises não são apresentadas nesse artigo.

A hipótese levantada por Bracht (1993) pondera que a pesquisa na área de Educação Física estava muito arraigada às ações e aos interesses dos subsequentes governos ditatoriais, principalmente, como já visto, na década de



1970. Logo, Bracht (1993) afirma que a iniciativa da instituição, sedimentada, em 1991, no VIII CONBRACE, de assumir para si a responsabilidade de orientar o desenvolvimento da área, é importante para se construir nesse campo uma prática científica mais afinada com os atuais ideais democráticos do País.

A lógica que, segundo Bracht (1993), o CBCE deveria assumir é semelhante às das práticas de pesquisa anteriores ao período em que ele geriu a instituição (1991-1995), de modo que, com as devidas ressalvas, se antes os fazeres científicos em circulação no campo respondiam a interesses da ditadura militar, segundo os próprios argumentos de Bracht (1993),<sup>42</sup> nesse momento deveriam aproximar-se dos interesses de um governo democrático.

Como pode ser verificada no X CONBRACE, a influência exercida por Valter Bracht, como presidente do CBCE, na gestão 1993-1995, fez com que os elementos norteadores do processo de implantação do sistema de GTTs seguissem uma orientação multidisciplinar, pois, como pode ser observado em Bracht (1993), no entendimento de algumas lideranças da instituição, em termos de práticas científicas, o CBCE poderia trilhar o caminho da “possível unidade do conhecimento”, ou da “[...] ‘fragmentação’ (uma das tendências nesse sentido é a criação de [...] comitês de sociologia, de fisiologia, etc.) e correr o risco de, em breve, ser palco de um ‘diálogo de surdos’”<sup>43</sup> (BRACHT, 1993, p. 116-117).

Posição semelhante é adotada por Tani (1998), ao afirmar que, na área de Educação Física, existem mais “críticos de arte” do que “artistas”, no sentido de que surgiam mais pesquisas que procuravam desenvolver críticas de enfrentamento entre distintas propostas de organização e desenvolvimento científico da Educação Física, do que estudos originais. Com a permanência desse processo, segundo Tani (1998), em breve surgiriam os “críticos de arte” dos “críticos de arte”, realizando discussões inócuas para o aprimoramento do campo, transformando-o em um “transatlântico sem rumo”.

Porém, como mostra Ferreira Neto (2005a, p. 3), “[...] os surdos se comunicam e os críticos de arte são necessários”, de modo que “[...] as metáforas usadas inadequadamente dizem mais dos seus autores do que daqueles a quem

---

<sup>42</sup> Posição reiterada em Bracht (1998) e revisitada de maneira sutil em Bracht (2007).

<sup>43</sup> Segundo Bracht (1998), esse “diálogo de surdos” pode ser evidenciado no IX CONBACE, realizado em Vitória-ES, onde o tema central foi a Interdisciplinaridade em Educação Física. Para o autor, “[...] o que se viu, naquele evento, foi a total incapacidade dos especialistas de pensarem fora do seu marco disciplinar, de transgredir as fronteiras de suas especialidades e pensarem problemáticas comuns” (BRACHT, 1998, p. 17).

foram dirigidas”. Ferreira Neto (2005a) pondera que as práticas científicas referidas por Valter Bracht e por Go Tani têm apresentado performance relevante no que tange a seu próprio firmamento no campo da Educação Física e, principalmente, com contribuições decisivas para a qualidade e consolidação de programas de pós-graduação aos quais se encontram vinculados.

É suficiente conferir a participação dessas áreas na avaliação de programas como os da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Gama Filho (UGF), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (FERREIRA NETO, 2005a, p. 15).

O impacto que a pesquisa procedente das denominadas áreas “duras” exerce sobre a qualidade da produção desses programas de pós-graduação seria o suficiente para sinalizar, nos termos de Ferreira Neto (2005a, p. 15), que não existem na Educação Física “[...] ‘surdos’ e ‘críticos de arte’ nos termos de Valter Bracht e Go Tani respectivamente”.

Ferreira Neto (2005a) demonstra que, mesmo após o cisma ocorrido no VI CONBRACE, ainda se observa a circulação periódica de Go Tani no interior da instituição, como membro do Conselho Editorial da RBCE, palestrante na SBPC, como convidado para os trabalhos com os coordenadores dos cursos de pós-graduação em Educação Física no Brasil durante o XII CONBRACE e para ministrar seminário durante o XIII CONBRACE. Para Ferreira Neto (2005a, p. 16), “[...] esse exemplo indiciário é mais um indicador de que não há ‘surdos’ nem ‘críticos de arte’, mas, sim, diferentes *modus operandi* no campo científico”.

Como afirma Ferreira Neto (2005a), essa postura evidenciada no interior do CBCE demonstra o desenvolvimento de um sistema de controle político-científico na instituição que

[...] atualmente o ameaça de ‘morte’, uma vez que o concorrente do CBCE é o próprio CBCE, por um processo autofágico de cria e criatura, de direção nacional, secretários estaduais, coordenadores de GTTs, movimento estudantil e movimento contra a regulamentação da profissão. A resultante dessas relações caóticas é a ineficiência de gestão administrativa e financeira da entidade, com consequências danosas à democracia do mérito científico que deve orientar as ações da direção nacional, secretarias estaduais e GTTs (FERREIRA NETO, 2005a, p. 16-17).

Nessa lógica de controle institucional, também se apresenta a produção de Taffarel (1994) que, em artigo militante, faz uma análise da trajetória do CBCE

durante as administrações dos biênios de 1987-1989 e 1989-1991. Fundamentada no *materialismo histórico-dialético*, procurou apontar tendências para a instituição. A autora pondera que o Colégio é originado de múltiplas motivações, mas o andamento da instituição independe das vontades daqueles que a dirigem, adquirindo uma direção própria em função do sentido expresso pela política e ideologia dominante em uma sociedade hegemonicamente mantida por relações econômicas capitalistas.

De acordo com Taffarel (1994), nessas gestões, procurou-se ampliar o entendimento de ciência que se operava no interior do CBCE, permitindo a circulação de diferentes correntes filosóficas, abordagens metodológicas, campos de pesquisa e dimensões de investigação.

Considerávamos assim, a existência de outras tendências na produção científica, sustentadas por diferentes pressupostos teórico-metodológicos, expondo-as para que explicitassem suas divergências e diferenças, buscando suscitar posicionamentos críticos, contribuindo para a formação de uma comunidade acadêmica (TAFFAREL, 1994, p. 202).

Taffarel (1994) conclui afirmando que a confluência de pressupostos teórico-metodológicos era tendência e voga no interior do CBCE, pois admitir posicionamentos diferentes, por vezes antagônicos, no interior da instituição, expressava a luta de classes inerentes ao modo de produção capitalista.

Ao contrário das argumentações de Taffarel (1994), as gestões por ela estudadas que, “coincidentalmente”, remetem ao período em que ela presidiu a instituição, parecem não ter adquirido o caráter democrático e multidisciplinar anunciado, pois, nesse mesmo estudo, a própria autora admite ter procurado estreitar os laços com os membros da instituição que buscavam tornar hegemônicos dentro do CBCE a concepção de ciência, o referencial teórico-metodológico e o projeto histórico social oriundos das correntes marxistas.

Outro exemplo do controle político e científico que tem atravessado o CBCE passa pelo processo de valorização e legitimação de determinadas produções e de pesquisadores no âmbito da instituição. Nesse caso, a situação mais saliente identificada ao longo da trajetória do Colégio gira em torno de pesquisas que, oficialmente, não faziam parte do rol de circulação de conhecimento tradicionalmente utilizada pelo CBCE e que, tampouco, recebem a marca da

instituição. A referência feita discorre sobre o ocorrido com as pesquisas de Fernanda Paiva e de Carlos Brandão, ambas publicadas no ano de 1994.<sup>44</sup>

Paiva (1994) realizou um estudo sobre a trajetória do CBCE em seus 15 anos de existência e analisou os fundamentos da Educação Física, abordando, especialmente, a luta da construção e imposição dos sentidos dentro do Colégio. Dessa forma, no que diz respeito às denominadas Ciências do Esporte, a autora afirma que, no período de 1978 a 1993, inexistia um consenso e que essa terminologia passou a sustentar seu sentido na tríade “Educação Física-Esporte-Lazer”.

Utilizando como fonte a RBCE e alguns documentos oficiais do CBCE, Paiva (1994) afirma que foi notório o surgimento de dois eixos de pesquisa dentro da revista, quais sejam: temas pertinentes a estudos da pedagogia e o outro com o foco voltado para a análise do esporte como fenômeno da cultura corporal. Segundo a autora, isso possibilitou a observação da “[...] concretização de algumas reflexões de cunho teórico e que, dada a recente reordenação no campo temático, os artigos veiculados tornam-se repetitivos em suas argumentações” (PAIVA, 1994, p. 181).

Por meio das teorizações de Pierre Bourdieu, Paiva (1994) demonstra, em seu trabalho, as tensões políticas que tangenciavam de alto a baixo as instâncias do CBCE, desde sua fundação, como disputas por legitimidade institucional e científica ocorridas até as eleições para o biênio de 1991-1993. Esse pleito a autora denomina de “acalmar de águas”, pois, nesse plebiscito, foi realizado com a inscrição de apenas uma chapa, eleita com grande maioria de votos válidos, o que indicaria um consenso dentro da instituição.

Porém esse processo eleitoral marca um cisma dentro da instituição, ao passo que, como afirma Paiva (1994), grande parte dos sócios de posicionamento contrário à chapa inscrita não estava com suas anuidades quites, indicando um possível rompimento da oposição<sup>45</sup> com o CBCE.

É pouco provável que a inscrição de apenas uma chapa na eleição para direção nacional ocorrida no VIII CONBRACE efetivamente significasse a existência de um consenso no interior da instituição. O elemento “venatório” (GINZBURG, 1981) desse processo encontra-se nos próprios argumentos de Paiva (1994), dado que o rompimento (ou “fratura exposta”) dos representantes das então denominadas

---

<sup>44</sup> Livros originados de dissertações de mestrado.

<sup>45</sup> Representados preponderantemente pelos associados relacionados com a USP e o CELAFISCS.

“Ciências Básicas” com o CBCE, muito provavelmente, ocorreu pela existência de um dissenso tão forte que impossibilitava o diálogo entre os grupos opositores.

Essa cisão pode ter sido uma perda, política e científica, significativa para a associação, visto que os dados de Paiva (1994) demonstram que, até 1991, a USP e o CELAFISCS representavam 30% dos trabalhos postos em circulação pela entidade. Por outro lado, também pode indicar uma maior “democratização” da participação das Instituições de Ensino Superior (IES) e dos grupos de pesquisa que passaram a publicar nos veículos do CBCE(?).

O estudo de Brandão (1994) também utiliza a RBCE como fonte para compreender o campo da Educação Física e o CBCE. Ao analisar a produção acadêmica dessa revista, no período de 1978 a 1993, faz ácidas considerações sobre as práticas de pesquisa recorrentes nesse campo, bem como sobre a instituição.

No estudo, Brandão (1994) procurou atentar para a qualidade dos textos que entram em circulação por meio da RBCE. Para analisar os textos, o autor utiliza alguns critérios de cientificidade, como a normalização dos artigos e editoriais, a definição de objetos e objetivos, a clareza na argumentação, a definição metodológica e a proficiência nas técnicas selecionadas pelos autores dos artigos da revista.

Em seus resultados, Brandão (1994) afirma que, no decorrer do período de sua análise, a Educação Física conseguiu adquirir contornos de uma área de conhecimento. No entanto, o crescimento do número de estudiosos no campo, bem como o desenvolvimento institucional ocorrido na Educação Física não foram acompanhados pelo aprimoramento científico, uma vez que esse campo de conhecimento ainda é constituído com bases bastante frágeis, especialmente quando o que está em voga são os pressupostos teóricos e também a maturidade intelectual e metodológica dos pesquisadores que veiculam trabalhos pela RBCE.

É importante frisar que, mesmo trabalhando praticamente com as mesmas fontes, Paiva (1994) e Brandão (1994) chegam a resultados completamente distintos. Enquanto o primeiro estudo ressalta a importância do CBCE como instituição representativa do campo da Educação Física, o segundo salienta problemas de ordem estrutural da instituição, questionando até mesmo a seriedade científica dessa área de conhecimento.

À moda de Bracht (1998, p. 17), nota-se que “[...] em função de interesses interesseiros [...]”, como consequência dos antagonismos de resultados existentes nas dissertações de mestrado de Paiva (1994) e Brandão (1994), o que se observa nos veículos de comunicação científica do CBCE é a participação cada vez mais efetiva de Fernanda Simone Lopes de Paiva por meio de circulação de artigos, aprovados pelo Conselho Editorial da revista, ou por convites para composição de números especiais da RBCE, bem como por meio da menção de seu livro em referências de outros artigos publicados nessa revista.

Enquanto isso, a pesquisa de Brandão (1994) é relegada ao ostracismo, de modo que somente ganha circulação na comunicação científica do CBCE no ano 2000 na RBCE que marca o primeiro volume publicado pela gestão de Lino Castellani Filho (1999-2001) e a mudança no projeto editorial da revista.<sup>46</sup>

Pode ser observado que esse tipo de prática tem se mostrado recorrente nas instâncias do CBCE. Como exemplo, tem-se o número especial da RBCE que ganhou circulação no ano de 1998 em comemoração aos 20 anos da instituição. Foram convidados<sup>47</sup> para compor esse volume da revista

[...] todos os ex-presidentes, três pesquisadores que pudessem apontar perspectivas do desenvolvimento das Ciências do Esporte/Educação Física nos últimos 20 anos, bem como um texto especial elaborado pelas Secretarias Estaduais, coordenado por Rio de Janeiro e Pernambuco (REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1998, p. 3).

É importante salientar que apenas quatro dos sete ex-presidentes que lideraram o CBCE até o ano de 1998 apresentaram contribuições nesse volume, quais sejam: Cláudio Gil Soárez, Celi Taffarel, Valter Bracht e Elenor Kunz. Nesse sentido, não constam publicações de mandatários anteriores, como Vitor Matsudo, Osmar Pereira Soares de Oliveira e Laércio Elias Pereira. A revista não explica as razões dessas ausências.

---

<sup>46</sup> No editorial da revista, Ferreira Neto (2000) afirma que o v. 21 de n. 2/3 da RBCE, referente ao trimestre compreendido entre janeiro e maio de 2000, marca a transição entre os projetos editoriais da revista, pois, a partir do volume subsequente, os cadernos seriam temáticos e assumiriam um formato de livro. A editoração desse material seria realizada por uma publicação conjunta entre o CBCE e a editora Autores Associados, parceria que ainda pode ser verificada nos exemplares em circulação no ano de 2010.

<sup>47</sup> As autorias dos trabalhos publicados nesse número da RBCE são de: Elenor Kunz, Valter Bracht, Go Tani, Paulo de Tarso Veras Farinatti, Celi Taffarel, Cláudio Gil Soares de Araújo, Rossana Valéria de Sousa e Silva, Sávio Assis de Oliveira e Victor Andrade de Melo, Fernanda Simone Lopes de Paiva, Silvana Goellner e Victor Andrade de Melo.

Nessa revista, foram vinculados nove artigos que analisam a trajetória desse colégio e o desenvolvimento das “Ciências do Esporte” no Brasil desde a fundação do CBCE até aquele momento. Seis desses estudos,<sup>48</sup> alguns deles, já referidos neste trabalho, discutem efetivamente a contribuição dessa instituição para a Educação Física.

Além da ausência de contribuição de três ex-presidentes, percebe-se que as ponderações proferidas nos artigos reunidos no número especial da RBCE de 1998 foram construídas no sentido de ressaltar a trajetória e a importância do CBCE para o campo da Educação Física. As teorizações de Chartier (1991)<sup>49</sup> demonstram que as medidas dos editores na organização dos artigos também expressam as suas intencionalidades de controle dos sentidos de determinada produção. Com base nessa premissa, é importante frisar que a reunião desses artigos também ratifica o discurso de que as práticas de pesquisa canceladas pela instituição somente adquiriram maturidade científica após o denominado “movimento renovador” da Educação Física brasileira.

Nesse sentido, nota-se que as “estratégias” (CERTEAU, 1994) de construção da legitimidade das administrações do CBCE, após 1987, utilizavam a máquina midiática<sup>50</sup> da instituição para construir a autoridade científica da massa crítica de pesquisadores que ora a coordenavam. Ao mesmo tempo, realizavam-se as construções político-científicas que buscavam desqualificar e desvincular do colégio os fundamentos das práticas científicas oriundas dos primeiros anos do CBCE.

O que se observa nos veículos de comunicação e representatividade dessa instituição, no que diz respeito aos trabalhos que realizaram sua análise como objeto e como fonte de pesquisa, é a circulação de determinadas ideologias na Educação Física. Assim, ao mesmo tempo em que se constituem as autoridades científicas, se “inventa uma tradição” (HOBBSBAWM, 1997) para a Educação Física brasileira.

Entende-se tradição inventada como

---

<sup>48</sup> Bracht (1998), Tani (1998), Taffarel (1998), Araújo (1998), Oliveira e Melo (1998) e Paiva, Goellner e Melo (1998).

<sup>49</sup> Ver Capítulo VI, *Textos e edições: a 'literatura de cordel'*, de Chartier (1991, p. 166-187).

<sup>50</sup> Essas medidas muito se assemelham às ações do processo de construção da imagem pública de Luiz XIV descritas por Burke (1994). Segundo esse autor, para constituir e fortalecer sua imagem política, o “Rei Sol” valia-se de peças teatrais, selos reais, músicas, construções, enfim, fazia circular seus feitos por meio dos sistemas de circulação de informação de massa de sua época. No caso da relação entre o CBCE e o campo da Educação Física, esses mecanismos de controle e fabricação de autoridades apresentam-se nos editoriais, sumários e capas da RBCE; as temáticas e a materialidade dos CONBRACEs, organização de mesas-redondas e de palestras de GTTs e ações das Secretarias Estaduais, como organização de eventos regionais.

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da **repetição**, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1997, p. 9, grifo meu).

A estratégia de apagamento e construção de uma tradição científica para a Educação Física brasileira ressaltava-se mais fortemente nos estudos que investigam a mudança do perfil científico do CBCE durante a segunda metade da década de 1980 e o início de 1990.

Esse processo pode ser verificado com mais propriedade nas pesquisas que abordam os embates acadêmicos sobre a legitimidade de práticas de pesquisa nas instâncias do CBCE, como em pesquisas da década de 1990, em Bracht (1992, 1998), Daolio (1997), Paiva (1994), Taffarel (1994), mais recentemente, na década de 2000, por exemplo, com Bracht (2007, 2009), Ferón e Silva (2007), Almeida (2009) e Rezer (2010). Desse modo, salienta-se a veiculação periódica de determinadas correntes ideológicas, bem como de uma versão da história recente desse campo científico.

A repetição dos fatos assim como o uso da “autoridade autorizada”, (BOURDIEU, 1983) no e para o CBCE, também são percebidos na pesquisa de Bracht (1999) que, ao inverter a lógica dos autores até então convidados a esse debate, procurou traçar caminhos para o CBCE. Desse modo, analisa a relação entre epistemologia e política, perpassando sobre distintos posicionamentos filosóficos que guiam diferentes ideologias e maneiras de se pensar e fazer ciência, além de interpelar como essas correntes podem enveredar pela Educação Física brasileira e pelo colégio.

É argumentado no artigo que, após um debate ocorrido no campo e no CBCE sobre o tipo de ciência legítima na Educação Física, neutra ou engajada, os discursos tensionados no campo, hoje, parecem ser de outra ordem: “Não mais o debate entre, **de um lado, o isolamento e, de outro, o engajamento da ciência**, mas sobre possibilidades, características, limitações, enfim, sobre o que pode ou deve significar ciência engajada” (BRACHT, 1999, p. 1209, grifo meu).

A visão polarizada apresentada por Bracht (1999) reforça o discurso legitimador de uma prática científica em detrimento de outra. Outrossim, para o



autor, existe, nesse campo, uma visão que entende que, no âmbito da produção científica, se reflete o antagonismo social das relações do sistema capitalista. Esse tipo de análise leva, conseqüentemente, a uma dicotomia política pela qual ou se é a favor dos interesses dominantes, assumindo, assim, uma opção puramente ideológica, de falsa consciência; ou se assume o interesse dos dominados, o que conferiria um acesso privilegiado ao conhecimento verdadeiro.

As conclusões de Bracht (1999, p. 1212) apontam para alguns posicionamentos que podem ser tomados pelo CBCE, quais sejam:

[...] a) uma posição é a de que esta comunidade deve se orientar na idéia de que há uma verdade cujo acesso está franqueado aos que fazem oposição política a favor de uma determinada classe social; b) uma outra posição, que entende poder prescindir de uma idéia fundamentadora, que confiriria [sic] unidade e orientaria a comunidade. A base é contingente e o mais importante é conviver com a diferença e a indecidibilidade sobre a verdade; c) uma posição que vai se orientar pela idéia colocada no horizonte de que deve valer o melhor argumento, que só pode ser identificado, só terá validade, se construído por uma comunidade ilimitada de comunicação.

O autor se posiciona em prol das comunidades de comunicação e acredita que, mesmo concordando com as críticas endereçadas às proposições habermasianas, a terceira via seria o caminho mais fecundo para a Educação Física brasileira e para o CBCE.

Esse uso do CBCE, como ponto de apoio para a consolidação de práticas e de autoridades científicas, bem como de divulgação de ideologias de grupos para o campo de Educação Física já tem sido apontado por Ferreira Neto (2005a, p. 20), ao ponderar que “[...] os presidentes [do CBCE] dos últimos 16 anos, que fizeram suas posições particulares – em várias ocasiões [algumas aqui demonstradas] – se sobreporem ao campo científico da área”.

Com base nos fundamentos da hermenêutica e da análise de conteúdos, Nóbrega et al. (2003) proferem suas argumentações utilizando como fonte os debates sobre a constituição epistemológica da Educação Física ocorrido a partir de 1990, além da produção científica veiculada nos anais dos CONBRACEs de 1997 a 2001, especificamente, tomando como base os trabalhos apresentados no GTT Epistemologia. Os autores analisam os temas mais estudados, os pressupostos teóricos e metodológicos, os “metargumentos”, a procedência institucional dos estudos e a relação com as agências financiadoras.

Nóbrega et al. (2003) afirmam que o conjunto dessas produções tem auxiliado as reflexões da Educação Física como área acadêmica, mas ainda existe a necessidade de se refletir sobre o paradigma científico que rege as práticas de pesquisa no campo, considerando também que o conhecimento epistemológico, embora relevante, não é o único existente, pertencendo conjuntamente a esse rol de saberes a reflexão filosófica e a intervenção pedagógica.

Essa necessidade de buscar fundamentos em outras áreas, de acordo com Nóbrega et al. (2003, p. 181), é uma condição para

[...] operar conceitos e discussões sobre os saberes do corpo, sem operar pelos reducionismos disciplinares, mas dialogando com estruturas lógicas, saberes e modos de compreender, de fazer e de dizer algo sobre um determinado fenômeno, bem como considerando a existência de diferentes arranjos para o conhecimento (disciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar).

Para os autores, os CONBRACEs, assim como o CBCE, adquiriram reconhecimento importante como fórum de discussão das produções sobre epistemologia na Educação Física. Com base nessa assertiva, Nóbrega et al. (2003) ressaltam a necessidade de investigar os anais desses eventos para a identificação de problemáticas compartilhadas pelos pesquisadores da área.

O já referido livro de Ferreira Neto (2005) apresenta uma coletânea de textos na qual um conjunto de autoridades científicas do campo da Educação Física foi convidado a debater sobre a experiência acumulada do CBCE ao longo de sua história. Nesses estudos, é indagado sobre o processo de formação da instituição e inquiridos os caminhos trilhados e as dificuldades encontradas em sua trajetória como lugar de produção, circulação e debate de conhecimentos, de políticas e de proposições para a Educação Física brasileira.

Nos textos, é tensionada a importância desse Colégio como instância política e acadêmica para a discussão sobre a “produção do conhecimento em Educação Física” (SILVA, 2005; NÓBREGA, 2005), na “organização da pós-graduação” (LOVISOLO, 2005), no “diálogo com a experiência de professores” (OLIVEIRA, 2005).

Ferreira Neto (2005a) estabelece um cotejamento e análise das produções relacionadas com os 20 e 25 anos do CBCE e tece uma crítica aos discursos que, nesse período, competiram por ideários de verdade sobre o que deveria ser a instituição. Para Ferreira Neto (2005a), o Colégio deveria passar por uma

reorganização científica de modo a adequar sua proposta epistemológica e administrativa aos modos de organização da pós-graduação em Educação Física.

Já em Ferreira Neto (2005b), com base nos congressos de história e, especialmente, nos trabalhos publicados no GTT Memória, Cultura e Corpo<sup>51</sup> dos CONBRACEs, é desenvolvido um estudo sobre a atualidade da pesquisa histórica em Educação Física no Brasil.

Os resultados apresentados por Ferreira Neto (2005) apontam para uma “(in)definição” do campo científico dessa área, no entanto o autor pondera sobre a necessidade de mais estudos suficientemente qualificados por rigor teórico e em grande quantidade de material empírico, o que “[...] possibilitará galgar patamares mais elevados com os fazeres da educação física brasileira” (FERREIRA NETO, 2005, p. 154).

Em suma, nessa produção, o que é posto em xeque é a própria viabilidade do CBCE como sociedade científica que se pretende responsável por incrementar e desenvolver esse campo de pesquisa.

Em 2007, o CBCE patrocinou uma seleção de trabalhos organizados por Yara Carvalho e Meily Linhales sobre os 29 anos<sup>52</sup> da instituição. O livro agrega textos de seis ex-presidentes, quais sejam: Laércio Elias Pereira, Celi Taffarel, Valter Bracht, Elenor Kunz, Lino Castellani Filho e Ana Márcia Silva, bem como a avaliação dos 10 anos do sistema de GTTs.<sup>53</sup>

O conjunto dos textos dos presidentes remonta às distintas maneiras de conceber o papel do CBCE para a Educação Física brasileira e traz apontamentos, tendências e desafios a serem enfrentados pela entidade na continuidade de sua trajetória. Silva (2007, p. 156), por exemplo, pondera que atualmente “[...] construir no interior desse espaço de direito que se quer fazer o CBCE, assim como a sociedade, relações humanas emancipatórias. O desafio de construir o CBCE nessa perspectiva é o desafio de todos nós e para todos nós”.

---

<sup>51</sup> Atualmente denominado de GTT Memórias da Educação Física e Esporte.

<sup>52</sup> Após a edição da RBCE destinada à celebração dos 15 anos do CBCE, tradicionalmente haviam sido postos em circulação volumes comemorativos a cada novo quinquênio completado pela instituição, no entanto o livro de Carvalho e Linhales (2007) foi posto em circulação no aniversário de 29 anos do Colégio. Assim, é possível inferir que, por não se tratar de um veículo de comunicação científica institucional do CBCE, muito provavelmente aproveitou-se a ocasião da ocorrência do XV CONBRACE como estratégia publicitária para o lançamento do livro.

<sup>53</sup> Consta a avaliação de apenas seis GTTs, quais sejam: Comunicação e Mídia; Corpo e Cultura, Epistemologia, Escola, Memórias da Educação Física e Esporte e Movimentos Sociais. Não é apresentada nenhuma razão para a inexistência da avaliação dos outros grupos.

A avaliação dos seis GTTs, de maneira geral, foi constituída de um levantamento dos prós e contras da produção do conhecimento que circulou nesses grupos de 1997 a 2007. Os resultados sempre operam com a ideia de que a pesquisa científica no referente tema pode ser entendida frutífera, mesmo com algumas limitações, como a expressa por Leiro, Pires e Betti (2007), ao ponderarem sobre a necessidade de investimentos em políticas científicas, por parte da administração central do CBCE, que permitam maior qualificação e circulação mais democrática dos trabalhos veiculados no GTT Comunicação e Mídia.

Por fim, Corte (2009) realiza um estudo sobre as práticas de pesquisa em Educação Física circulantes na RBCE, no período de 1979 a 2009. Esse estudo teve o objetivo de compreender como foram produzidas as representações sobre Educação Física escolar existentes nos discursos dos articulistas que publicaram na revista no período em questão, e as representações do processo histórico de constituição do pensamento científico do campo por meio dos recursos teórico-metodológicos empregados pelos pesquisadores. A autora pondera ser a RBCE um dispositivo de produção e conformação de sentidos, na qual se define o que merece e o que não merece circular e ser preservado no campo científico.

Corte (2009) conclui que os estudos sobre a escola aparecem pulverizados em diversos exemplares da revista, e utilizam o espaço escolar como campo profícuo de investigação. Outro ponto levantado é que o teorizar em Educação Física escolar concentra-se na integração de diferentes abordagens à luz de necessidades da prática pedagógica.

Os estudos dos autores até agora trazidos ao debate têm mostrado que o CBCE tem-se configurado como um território de tensões, de lutas, de poder, em que diferentes maneiras de se pensar a sociedade, a ciência e a Educação Física têm disputado sua orientação como entidade científica. Outro ponto expresso é que o maior volume dessas pesquisas procede de análises da RBCE e da sociedade científica do CBCE, deixando as práticas de pesquisa manifestas nos anais dos CONBRACEs como objeto e fonte ainda pouco explorados para a compreensão do campo da Educação Física.

Diante dessa situação, o estudo em voga teve como objetivo investigar a constituição epistemológica do campo, a partir da análise dos trabalhos que, sob a chancela do CBCE, foram veiculados nas comunicações orais do GTT escola, nos CONBRACEs realizados entre o período de 1997 a 2009. Para isso, foi necessário

identificar e analisar os *usos e apropriações* (CERTEAU, 1994) das teorias que alicerçam a produção científica nesse fórum.

## CAPÍTULO 2

### 2 DO TEXTO AO HIPERTEXTO: A (I)MATERIALIDADE DOS ANAIS DOS CONBRACEs E CONICEs

O presente capítulo procurou compreender o processo de constituição e ação dos suportes de leitura utilizados para os anais dos CONBRACEs e CONICEs, identificando as “continuidades e descontinuidades” (BLOCH, 2001) que constituem essas produções, pois, para se explorar o conteúdo dos textos, é importante também entender as estruturas em que eles se apresentam. Desse modo, é necessário compreender que os textos desse congresso estão dispostos dentro de dispositivos que lhes conferem suporte.

Assim, como desenvolvido nas pesquisas de Schneider (2003) e posteriormente nos estudos de Berto (2008) e Corte (2009), compreende-se que a constituição desses mecanismos em sua materialidade pode auxiliar na assimilação da lógica de produção de sentidos existente na composição das capas dos anais, como as imagens escolhidas para representar os impressos, a relação do *layout* com a temática do congresso, a disposição das informações, a estrutura interna, as etiquetas dos CDs, em suma, as minúcias que conferem aos anais desses eventos a marca do lugar de sua produção, qual seja, o CBCE, bem como as práticas de representação dessa instituição.

Para adentrar de maneira mais profícua na discussão que se pretende desenvolver neste capítulo, é preciso explorar de forma elaborada o conceito de dispositivo editorial adotado neste estudo.

Segundo Chartier (1991), o dispositivo é um mecanismo de controle que age estrategicamente por intermédio de relações de poder que buscam definir como as leituras devem ser realizadas, ou seja, formas de dominação destinadas à produção de objetos determinados e/ou de uma escrita comum autorizada a circular por meio do impresso. Outro aspecto levantado por esse autor é que o dispositivo tem a função de “[...] moralizar os textos que o necessitam e criar para todos os livros [...] as condições de uma nova legibilidade, simplificando e talhando o texto original” (CHARTIER, 1991, p. 177).

Chartier, A. M: (2002, p. 11) complementa esse conceito ao afirmar que os dispositivos não são utilizados apenas como estratégias de controle, mas também como “[...] o lugar de realizações inventivas, as que tratam do ‘como fazer’ e que acompanham as reformas vindas de cima ou as inovações do campo”. Dessa forma, parte-se do entendimento da função do dispositivo como mecanismo de didatização do texto conforme postula Toledo (2001) em estudo sobre a *Coleção atualidades pedagógicas*, quando afirma que

[...] há todo um investimento em um aparelho crítico dos livros, que tem como função ou a didatização da obra ou uma sofisticação de sua apresentação. Os prefácios, as notas do tradutor, os comentários de especialistas, introduzidos nos volumes, auxiliam a homogeneização de apresentação dos textos em uma mesma coleção e, ao mesmo tempo, são um diferencial que acompanham a sua publicação. Um volume que pertence a uma coleção, que investe no aparelho crítico de apoio à leitura, é um produto diferenciado que oferece algo mais para o leitor, além do texto publicado (TOLEDO, 2001, p. 4).

Desses termos, pode-se inferir que os anais do CONBRACE agem, simultaneamente, como estratégia de controle e de didatização e, cancelados pelo CBCE, atuam como dispositivo de produção de sentidos. No entanto, segundo Chartier (1991), essa decifração da escrita não esgota as possibilidades de leitura, ao passo que são nos modos de apropriação que reside a especificidade dos dispositivos

As proposições de Certeau (1994, p. 99) anunciam que é pertinente falar que o lugar de poder ocupado por grupos que escrevem para o impresso “É um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo”, onde o poder é preliminar ao saber. Nesta pesquisa, o lugar de poder do qual se fala é uma instituição científica, entidade que, pela via da estratégia, constrói um “saber próprio” e o coloca à leitura por intermédio dos seus dispositivos.

## 2.1 ANAIS DO CONBRACE/CONICE: DO MATERIAL AO VIRTUAL

Do X CONBRACE, ocorrido em 1997 em Goiânia, ao XVI, realizado em Salvador, as maneiras de publicação dos trabalhos veiculados sofreram modificações organizacionais e estruturais no decorrer dos eventos. Essas

mudanças nas formas de apresentação dos anais alteram não apenas o modo como os textos são “dados a ver e a ler” (CHARTIER, 1991), mas também as relações que o leitor estabelece com essa produção, no que diz respeito ao manuseio desses dispositivos.

Nesse momento, as análises foram divididas em três etapas. A primeira investiga a materialidade do X CONBRACE, por ser a primeira experiência do CBCE em publicar os anais do evento separado da RBCE; na segunda etapa, o foco foi voltado para a investigação material dos anais do XI CONBRACE, por marcar o retorno da produção do congresso à RBCE, mas com um novo formato; a terceira etapa consiste na análise conjunta da materialidade dos XII, XIII, XIV e XV CONBRACEs, uma vez que, nesses eventos, a mídia digital passa a ser explorada como dispositivo de publicação dos anais; por fim, disserta sobre o dispositivo utilizado como suporte para os anais do XVI CONBRACE/III CONICE, pois, nesse evento, não é utilizada nenhuma forma material para publicar os trabalhos do evento.

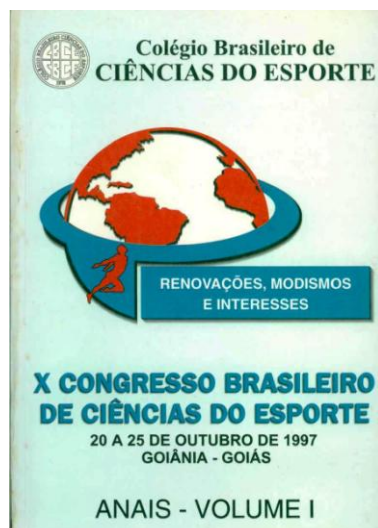
### **2.1.1 Um impresso experimental: anais do X CONBRACE**

Os anais do X CONBRACE foi a primeira publicação dos trabalhos veiculados nesse congresso, realizado independentemente da RBCE. Esse material foi, inicialmente, constituído de três volumes impressos, nos quais constavam um caderno intitulado “Programa Científico e Cultural”, com 52 páginas, outro com o título “Anais – Volume I”, com 816 páginas e um terceiro, denominado de “Anais – Volume II”, com 818 páginas; posteriormente, por razões já explicitadas, lançou-se um caderno complementar que recebeu a titulação de “Anais – Volume III”, com 70 páginas.

Todos os cadernos foram impressos no formato brochura com as dimensões de 15,5cm x 21,5cm, contendo capa, contracapa e folha de rosto. Apenas os volumes I e II foram estruturados com lombadas, até mesmo por serem os mais espessos.

As capas e contracapas seguiram todas o mesmo padrão, como demonstrado na Figura 1, e são os únicos registros iconográficos impressos nos anais pelos editores do congresso.





**Figura 1** – Capa do Volume I dos anais do X CONBRACE

Na parte superior, encontra-se a logomarca do CBCE seguida pelo nome da instituição, escrita por extenso. O termo “Ciências do Esporte” encontra-se com maior destaque, possivelmente, em uma tentativa de enfatizar o posicionamento da instituição sobre a especificidade da área de Educação Física. Abaixo do cabeçalho, está localizado o logotipo destinado à representação do evento. No caso em questão, a ilustração está diretamente imbricada com a temática “Educação Física/Ciências do Esporte: Renovações, Modismos e Interesses”,<sup>54</sup> uma vez que o jogo de cores utilizado na imagem transmite a ideia de continuidade pela faixa que apresenta a problematização em voga no evento.

Como é possível visualizar na Figura 1, o logotipo do X CONBRACE é constituído por um globo terrestre, no qual se encontra exibido somente o hemisfério norte, representado em vermelho circundado, enquanto a outra metade do globo apresenta-se completamente preenchida pela cor azul, na qual não se salienta nenhum continente. Essa representação global é circundada por uma elipse, que indica movimento e circulação ou, ainda, tendo em vista a temática do evento associada à figura do corpo que se encontra na órbita do planeta, a imagem pode remeter à noção de globalização e circulação de saberes no campo da Educação Física, ou, nos termos de Silva (2005, p. 62), a problemática volta-se “[...] para problemas conjunturais da atualidade, para o entendimento do processo de globalização e suas implicações na área da Educação Física”.

<sup>54</sup> Eixo temático selecionado para discussão no CONBRACE de 1997.

Na parte inferior das capas, encontram-se subsequentemente o título do evento, a datação, o local de realização do CONBRACE e a indicação da nomenclatura do caderno em questão. Nas contracapas de todos os cadernos, visualiza-se o espaço publicitário dos anais, expondo os patrocinadores e os apoiadores do evento.

A lógica interna é diferenciada em cada um dos cadernos, com maiores ou menores distanciamentos entre eles. No caderno de “Programação Científica e Cultural”, como o nome pressupõe, apresenta-se o cronograma de eventos que ocorreram no X CONBRACE,

No caderno “Anais – Volume I”, as informações encontram-se formatadas de outro modo. Por ser o dispositivo que abre a visualização dos trabalhos, nele está disposto o material impresso das palestras proferidas no evento bem como as mesas-redondas.

O índice também encontra-se organizado somente nesse volume, talvez para transmitir uma noção de unidade entre as distintas temáticas desenvolvidas no evento. Nesse tópico, os trabalhos, encontram-se organizados de acordo com os GTTs. A sequência dos trabalhos seguiu o mesmo ordenamento das apresentações em cada GTT, o que denota a intencionalidade dos editores do impresso em “didatizar” as leituras de acordo com as representações das práticas instituídas nos comitês científicos de cada GTT, no que diz respeito a determinados objetos e pesquisas. Os trabalhos dispostos nesse volume foram os dos grupos temáticos: Educação Física/Esporte e Escola; Educação Física/Esporte e Políticas Públicas; Educação Física/Esporte, Comunicação e Mídia; Educação Física/Esporte e Processo de Ensino Aprendizagem; e dez trabalhos apresentados no grupo Educação Física/Esporte e Formação Profissional/Campo de Trabalho.

O caderno “Anais – Volume II” apresenta uma organização mais simplificada, pois apenas confere suporte aos trabalhos remanescentes, quais sejam, os 30 trabalhos restantes do GTT Educação Física/Esporte e Formação Profissional/Campo de Trabalho; os textos dos grupos: Educação Física/Esporte Recreação/Lazer; Educação Física/Esporte e Saúde; Educação Física/Esporte e Rendimento de Alto Nível; Educação Física/Esporte e Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais; Educação Física/Esporte e Grupos/Movimentos Sociais; por fim, o GTT Educação Física/Esporte e Epistemologia.

Já o caderno “Anais – Volume III” encontra-se organizado de maneira distinta dos demais volumes, uma vez que foi organizado somente para retificar o erro de impressão ocorrido no trabalho de número 40 do GTT Educação Física/Esporte e Escola, fato que havia deixado nove trabalhos fora dos anais. Como fora publicado posteriormente aos outros volumes, esse caderno volta a apresentar um índice organizado, também, na mesma ordem de apresentação das comunicações orais ocorridas no X CONBRACE. Porém, os “Anais – Volume III” trazem um elemento até então inédito nessa coleção, pois os trabalhos apresentados em pôsteres durante esse GTT tiveram os resumos publicados.

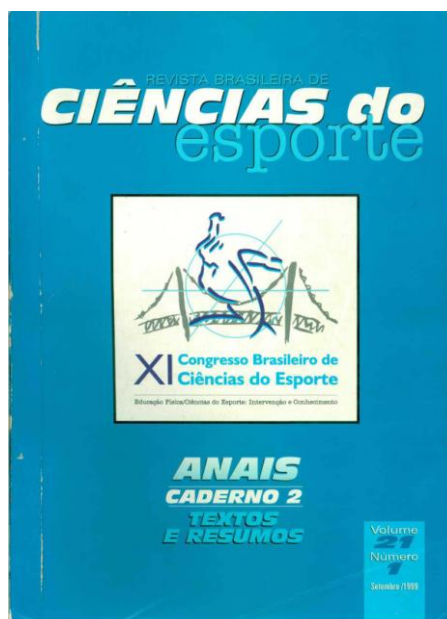
### **2.1.2 Um congresso em revista: anais do XI CONBRACE**

Os anais do XI CONBRACE, ocorrido em 1999, na cidade de Florianópolis – SC, apresentam modificações tipográficas e estruturais em relação ao congresso anterior. A primeira e, talvez, a mais saliente delas é o fato de os trabalhos publicados nesse evento terem sido veiculados na forma de artigo científico na RBCE, v. 21, n. 1, de setembro de 1999, que foi dividido em três impressos, contendo o “Caderno 1” o “Programa Geral do Evento” com 41 páginas e os Cadernos 2 e 3 com 780 e 860 páginas, respectivamente, ambos com os “Textos e Resumos” apresentados no evento.

Nos congressos anteriores ao ocorrido em 1995, na cidade de Vitória – ES, habitualmente os resumos dos trabalhos aprovados no congresso faziam parte da publicação periódica da revista. Porém, a estratégia utilizada no evento de 1999 foi um pouco diferente, visto que na RBCE não foram veiculados apenas os resumos dessas produções, mas, também, foram publicados, na íntegra, todos os trabalhos que circularam nos GTTs durante o CONBRACE de 1999.

A arquitetura dos anais do XI CONBRACE seguiu o mesmo modelo adotado pela RBCE no ano de 1999, ou seja, cadernos com as medidas de 20,5cm x 29cm e, como pode ser visto na Figura 2, a capa apresenta as informações referentes ao volume, número, mês e ano na mesma localização das demais revistas, indicando que esse impresso corresponde às publicações do ciclo normal da RBCE do ano de 1999.

Como se observa na Figura 2, assim como o ocorrido nos anais de 1997, no título dos cadernos, é enfatizado que o conteúdo veiculado nesse impresso corresponde a práticas científicas de um campo. Porém, diferente dos anais anteriores, a logomarca do CBCE encontra-se apresentada somente na seção destinada à exibição dos patrocinadores e apoiadores do congresso localizada na contracapa dos cadernos.



**Figura 2** – Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 21, n. 1, de setembro de 1999

O logotipo do evento também se apresenta formatado sobre a lógica de um conceito diferenciado do utilizado no X CONBRACE, pois o título do congresso está diretamente associado ao logotipo e à temática<sup>55</sup> do evento. Além de desvinculado do desenho principal, é o texto de menor destaque na capa da revista. Outro elemento desenvolvido na ilustração da capa é o uso de uma representação da Ponte Hercílio Luz como pano de fundo da imagem.

O uso da representação da ponte pode ser explicado segundo a lógica desenvolvida no manual elaborado pelo Ministério do Turismo (BRASIL, [19--]). Esse documento propõe a definição de um projeto de organização do *trade* da cidade de Ribeirão Preto dentro de uma perspectiva de segmento turístico. Além disso, pretende servir de modelo referencial para outros destinos com a mesma potencialidade turística.

<sup>55</sup> Educação Física/Ciências do Esporte: Intervenção e Conhecimento.

Esse documento encontra-se fundado dentro da lógica desenvolvida para Segmento de Negócio e Eventos, que, segundo Brasil ([199-], p. 16), envolve “[...] o conjunto de atividades turísticas decorrentes de encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social”.

Os CONBRACEs, conforme a definição de Brasil ([199-]), estariam inseridos nos moldes de acontecimentos de caráter técnico-científico. No caso desse congresso, trata-se de uma realização destinada aos turistas de eventos do tipo associativo, que são turistas que têm

[...] o poder de decidir sobre a participação ou não no evento, assim como as condições da mesma: perfil de hotel a ser utilizado, possibilidade de levar acompanhantes, tempo de permanência, etc. É bastante comum agregar algum passeio turístico no pré ou pós evento (BRASIL, [19--], p. 20).

Normalmente, esse tipo de turista procura eventos como o CONBRACE, com o objetivo de realizar atividades relacionadas com “[...] especialidades, processos, habilidades, domínio de uma prática, arte ou ciência, administração (BRASIL, [19--], p. 21).

A partir dessas características, Ruschmann (1991) auxilia na reflexão ao ponderar que o *marketing* turístico deve utilizar como referência o perfil e os interesses do público-alvo. Assim, com base nesse mapeamento, a estratégia de divulgação e captação de recursos deve ser desenvolvida utilizando-se, como premissa, as potencialidades publicitárias envolvidas.

Nesses termos, é possível inferir que a veiculação da ponte Hercílio Luz como logotipo do XI CONBRACE, muito provavelmente, foi uma estratégia publicitária de incentivo à participação da comunidade científica da Educação Física no evento, conferindo, também, um caráter turístico a esse congresso.

O uso de poucas cores também foi um conceito mantido pelos editores, que continuaram com a variação de tonalidade de azul, muito provavelmente por baratear os custos da impressão dos cadernos. Apesar de ter sido publicado como circulação periódica da RBCE, a estrutura lógica interna do impresso não se organiza nos mesmos moldes adotados para a revista naqueles anos.

Por exemplo, tanto o Caderno 1 quanto o Caderno 2 dos anais de 1999 não apresentam os sumários, enquanto o Caderno 3 o exibe na última página, contendo

apenas os trabalhos publicados nesse impresso. É importante frisar que os volumes da RBCE publicados no ano de 1999 têm o sumário organizado e apresentado na primeira página após o frontispício da revista.

O comitê científico<sup>56</sup> da RBCE é apresentado na coluna esquerda do frontispício, dando a entender que os trabalhos foram avaliados por pares com experiência reconhecida no campo e com gabarito suficiente para compor o corpo científico de uma revista com a relevância que a RBCE tem na Educação Física. No entanto, com um olhar atento para o molde em que o CBCE organizou o sistema de GTTs, rapidamente se salientam algumas incongruências entre o processo de avaliação dos trabalhos e o que é apresentado nos anais do XI CONBRACE.

Como é sabido, cada GTT possui um comitê científico próprio independente do Conselho Editorial da RBCE. Os grupos estão organizados dessa maneira por se entender que os avaliadores de cada grupo possuem afinidade com a temática específica do GTT. Outro ponto é o fato de esse modelo facilitar a logística de avaliação dos trabalhos encaminhados para os CONBRACEs. Nesse ponto, é que se estabelecem a contradição e a possibilidade de traçar pelo menos três apontamentos para o ocorrido.

O primeiro consiste na possibilidade de os comitês científicos de cada GTT terem realizado a avaliação dos trabalhos e encaminhado os aprovados para o Conselho Editorial da RBCE emitir o aval final. O segundo parte da noção de que tanto o Conselho Editorial da revista, quanto os Comitês Científicos dos GTTs tenham realizado um trabalho conjunto de modo que cada avaliador tenha recebido um certo número de trabalhos para emitir parecer. O terceiro toma como base a possibilidade de apenas os Comitês Científicos dos GTTs terem avaliado os trabalhos submetidos à apreciação no XI CONBRACE.

Indiciariamente (GINZBURG, 1988), o fato de as inscrições para submissão de trabalhos nos CONBRACEs normalmente se iniciarem no primeiro semestre do ano do congresso, somado ao elevado número de estudos encaminhados para esses eventos, bem como ao fato de, no ano de 1999, a RBCE ter mantido a

---

<sup>56</sup> Composto, em 1999, por: Aguinaldo Gonçalves, Apolônio Abadio do Carmo, Celi Taffarel, Edio Petroski, Edson Claro, Elaine Romero, Eustáquia Salvadora de Souza, Francisco da Rosa Neto, Go Tani, Luiz Osório Cruz Portela, Maria Gláucia Costa, Markus Vinicius Nahas, Mauro Betti, Nelson Carvalho Marcelino, Ricardo D. Petersen, Rossana Valéria de Souza e Silva, Sebastião Iberes, Suraya Darido, Valter Bracht, Vicente Molina Neto e Vitor Marinho de Oliveira.

periodicidade regular,<sup>57</sup> denota um esforço dos editores da revista em avaliar e organizar os artigos encaminhados para o periódico, conferindo força à ocorrência do terceiro apontamento inferido.

Assim, percebe-se que os trabalhos publicados no XI CONBRACE, mesmo tendo recebido o rótulo de artigos de revista, não passaram pelos processos institucionais utilizados no CBCE para avaliação e veiculação de trabalhos na RBCE. Essa constatação reforça os achados de Brandão (1994) que demonstra que, na década de 1990, o processo de revisão e avaliação por pares no periodismo científico da Educação Física brasileira ainda era bastante embrionário e precário.

### **2.1.3 Material e imaterial: anais dos XII, XIII, XIV e XV CONBRACES**

Do XII ao XV CONBRACE, passou-se a utilizar o CD-ROM como estratégia de publicação dos textos aprovados. O uso desse recurso de divulgação, muito provavelmente, foi adotado por baratear o custo de produção dos anais, agilizar os processos de fabricação e distribuição, além de contemplar as políticas de sustentabilidade tão em voga atualmente.

Em comparação com os congressos antecedentes, existe uma alteração radical na materialidade dos anais no que se refere à sua forma, tamanho e peso, mas, principalmente, nas relações de acesso e leitura que os interlocutores estabelecem com essa produção.

Chartier (1999), ao ponderar sobre as práticas dos leitores no tempo, afirma que se tem apresentado o texto eletrônico como uma revolução, porém alerta que a história do livro já presenciou outras, como a revolução de Gutemberg.<sup>58</sup> Nesse sentido, o autor pondera que

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de

---

<sup>57</sup> Ver o estudo de Corte (2009).

<sup>58</sup> Desenvolvedor da primeira prensa gráfica.

reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1999, p. 12-13).

Essa forma de ver o texto não seleciona apenas as maneiras de leitura, mas o próprio leitor, uma vez que, para acessar os documentos, não basta virar a página, faz-se necessário o domínio de tecnologias informatizadas que capacitem os leitores a visualizarem os anais. Os moldes desse processo promovem novas relações entre a escrita e a leitura, pois a imagem decodificada na tela revela-se como ponto de cisão entre o texto e o corpo do leitor, de modo que o uso do novo suporte desenvolve novos hábitos de leitura.

No entanto, os anais do XII, XIII, XIV e XV CONBRACEs ainda apresentam materialidade, dispostas nos encartes e etiquetas dos CDs, que visam a indicar e conduzir o interlocutor a determinados sentidos expressos naquela produção.

Os anais do congresso de 2001 foram os primeiros a serem veiculados no formato de CD-ROM como meio de distribuição dos anais, entretanto, mesmo com a mudança da mídia, alguns conceitos aplicados no evento de 1999 foram mantidos nos anais do XII CONBRACE, como o uso da variação de tons em azul e a exibição do período de realização do congresso na parte inferior do encarte frontal e no CD-ROM.

A logomarca do CBCE, diferentemente dos anais dos congressos anteriores, não está exibida em nenhuma parte da estrutura material dos anais, nem mesmo no setor destinado ao patrocínio e apoio do evento, localizado no encarte posterior do CD-ROM.

O título do evento apresenta um padrão diferente, pois não existe destaque para nenhum elemento textual, estando todas as palavras escritas com o mesmo tipo e tamanho de letra (Figura 3). Outro ponto que chama a atenção no dispositivo de 2001 é a ausência da temática associada ao logotipo do congresso, não se encontrando impressa nem no encarte, nem na etiqueta do CD-ROM.





**Figura 3** - Encarte frontal e CD-ROM dos Anais do XII CONBRACE

No interior do encarte dos anais de 2001, são apresentados alguns registros fotográficos do evento, como mesa de abertura, programação cultural, palestra e apresentação de mesa-redonda. A existência dessas imagens no corpo dos anais indica que a confecção e distribuição dos anais do XII CONBRACE sofreram algum atraso. Um ponto inovador dado a ver nessa produção é o fato de que a ficha catalográfica e as palavras-chave<sup>59</sup> do evento pela primeira vez se encontram exibidas, elementos que seriam mantidos nos anais dos congressos subsequentes.

O logotipo escolhido para o evento merece ser analisado com um pouco mais de acuidade, na tentativa de entender o uso da representação iconográfica da escultura *O Pensador*, de Auguste Rodin. Para Chartier (1988, p. 20), a representação pode ser compreendida de dois modos: no primeiro, ela estabelece uma relação na qual “[...] faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de figurar tal como ele é. Algumas representações são bem materiais [fotografias, bonecos de cera etc.] [...]”; em outro sentido, a representação assume uma relação “[...] entre o signo visível e o referente por ele significado – o que não quer dizer que seja necessariamente unívoca” (CHARTIER, 1988, p. 20-21).

Como é notório, as duas maneiras de representação estão perpassadas pelas orientações daqueles que as utilizam. Assim, por mais, ou quanto mais inventivos os usos de determinados signos forem, mais se salientam as relações de poder que cerceiam o universo da leitura desses ícones.

<sup>59</sup> 1. Educação Física. 2. Ciências do Esporte. I. Título.

Os fundamentos desse pressuposto permitem inferir que a opção do comitê organizador do XII CONBRACE em utilizar a imagem da obra *O Pensador*<sup>60</sup> foi uma ação com o propósito de produzir sentidos para o evento e, conseqüentemente, para a leitura dos trabalhos veiculados no congresso.

A temática “Sociedade, ciência e ética: desafios para a Educação Física” desenvolvida para o XII CONBRACE encontra-se, à primeira vista, desvinculada do logotipo do evento. No entanto, no pano de fundo da imagem, aparece a representação dos arcos olímpicos que, possivelmente, seria uma analogia à área de Educação Física. Desse modo, a “apropriação” (CERTEAU, 1994) da imagem da escultura de Auguste Rodin por parte dos desenvolvedores do logotipo direcionaria a meditação do *O Pensador* para os desafios propostos como tema do congresso, organizando diretrizes de leitura para os anais.

Esse argumento adquire ressonância nas argumentações do então presidente do CBCE, Castellani Filho (2001), ao ponderar que a proposta do tema foi realizada com o objetivo de permitir o aprofundamento das reflexões sobre questões, como a ética, que orienta a produção, a distribuição e a utilização do conhecimento científico na área de Educação Física.

Ao inserir o CD-ROM no leitor, o *software* é iniciado por meio de um sistema de *autorun*<sup>61</sup> em modo *fullscreen*<sup>62</sup> responsável por permitir acesso imediato e diretivo ao conteúdo do dispositivo. Os anais do XII CONBRACE são executados por meio do programa *Flash Player 5.0*, no qual, logo na apresentação do CD-ROM, já mostra o logotipo do evento, a ficha catalográfica e as palavras-chave, tudo exibido no mesmo padrão de cores do encarte do CD-ROM. A imagem seguinte (Figura 4) demonstra novamente a ausência da marca do CBCE nos anais do XII CONBRACE e a falta de associação da temática do evento com a produção.

---

<sup>60</sup> Originalmente denominada de *O Poeta*, a obra é uma das mais conhecidas esculturas de bronze criadas por Auguste Rodin e representa um homem em profunda meditação. *O Pensador* foi desenvolvido com o intuito de representar o conflito de Dante, em *A Divina Comédia*, em frente aos portais do inferno.

<sup>61</sup> Arquivo de reprodução automática.

<sup>62</sup> Modo de exibição em tela cheia.

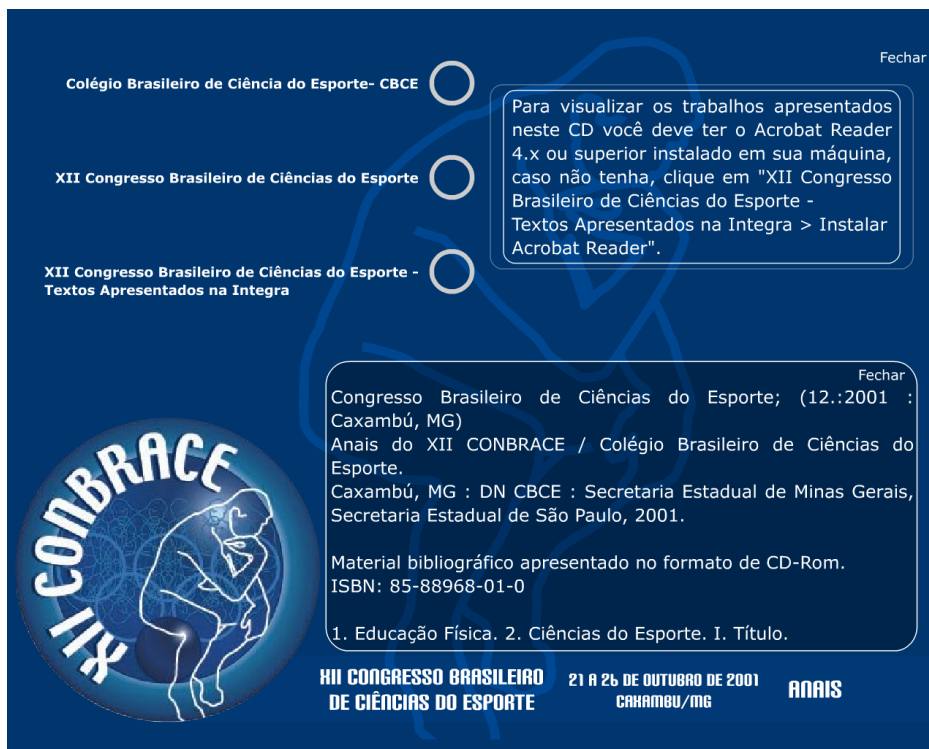


Figura 4 – Layout de inicialização dos anais do XII CONBRACE

O programa está organizado em *links* diretivos que encaminham o leitor ao conteúdo que ele desejar. Os *links* “Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE” e “XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte” apresentam seus conteúdos na área esquerda do programa, exatamente onde está apresentada a ficha catalográfica. Já o *link* “XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Textos Apresentados na Integra” direciona o usuário a outro *software* de visualização de textos de formato *PDF* já instalado no computador do utilizador, ou o dispositivo oferece a opção de instalação do *Acrobat Reader 4.x*.

A janela aberta pelo direcionamento do *link* oferece um índice referente ao procurado. O exemplo a seguir (Figura 5) demonstra o modelo utilizado pelos editores dos anais de 2001 para organizar as maneiras de ver os trabalhos veiculados naquela edição do evento.



**Figura 5** – Índice de opções da comunicação oral dos anais do XII CONBRACE

O índice exibe algumas modificações nas nomenclaturas do GTTs, pois todos os grupos deixam de estar associados às palavras Educação Física/Esporte, mantendo-se apenas as terminologias que conferem especificidade a cada GTT. Em dois GTTs, ocorreram modificações pontuais em seus nomes, como nos GTTs Educação Física/Esporte e Saúde e Educação Física/Esporte e Grupos/Movimentos Sociais, que passaram a ser chamados de Atividade Física e Saúde e Movimentos Sociais, respectivamente.

Cada título de GTT apresentado na Figura 5 funciona como *link* para acessar os trabalhos aprovados no XII CONBRACE, que, por sinal, nesse evento, perdem a noção de continuidade utilizada nos congressos anteriores, uma vez que cada texto tem paginação independente.

Ao contrário do ocorrido no XII CONBRACE, os anais do XIII CONBRACE têm estampado em todas as partes do CD-ROM, tanto na parte física quanto no *software*, a temática “25 Anos de História: o Percurso do CBCE na Educação Física Brasileira”. Nesse congresso, pela primeira vez, acontece a publicação das razões que levaram à escolha de um tema para o CONBRACE juntamente aos anais do evento, que, segundo a comissão organizadora, se deu pela

[...] vontade coletiva de que não sejam esquecidos os esforços de todos aqueles pesquisadores, desde os seus fundadores até os seus agregados mais recentes, no sentido de construir a história desta sociedade científica. O tema escolhido evidencia, também, a presença efetiva da entidade na vida social e política da sociedade brasileira, já que, na sua trajetória de existência, o CBCE tem se mostrado presente nos discussões

nacionais acerca de assuntos relevantes, nas áreas que lhe são afetas (CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2005, s.p.).

Essa ideia também se encontra expressa no logotipo do evento, dado que foi elaborada coadunando o número da série do evento, a sigla do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, assim como uma imagem que transmite a ideia de comemoração dos 25 anos da instituição. Pela primeira vez na história do evento, ocorre a associação de uma imagem como pano de fundo dos anais, que pode ser visualizada tanto no encarte como no CD-ROM. A figura apresenta a mão esquerda de uma pessoa, por conseguinte, dada a temática do XIII CONBRACE, é bastante possível que a tenham utilizado para representar os pesquisadores que, ao longo da história, participaram do processo de constituição do CBCE.



**Figura 6** – Encarte frontal e CD-ROM dos anais do XIII CONBRACE

A Figura 6 demonstra que o espaço destinado à publicidade no dispositivo físico dos anais de 2003 foi ampliado em relação aos congressos anteriores, pois, além do tradicional encarte posterior, a etiqueta adesiva do CD-ROM recebeu a logomarca de um dos apoiadores do evento.<sup>63</sup> As palavras-chave impressas na ficha catalográfica também sofrem alteração, uma vez que são reduzidas de três para apenas uma, estando somente o termo “Ciências do Esporte” grafado na parte interior do encarte frontal.

No XIII CONBRACE, o conceito utilizado em 2001 é mantido na estrutura lógica do CD-ROM, dado que o *software* de interatividade com o usuário continua fundado em uma plataforma de opções e *links* desenvolvida por meio do *Flash*

<sup>63</sup> Pode ser observado o logotipo utilizado pelo Governo Federal impresso no CD-ROM dos anais do XIII CONBRACE.

*Player*.<sup>64</sup> No entanto, no processo de programação do sistema, optou-se por não utilizar o modo *fullscreen*, possivelmente, por permitir o uso de outros programas durante a exibição dos anais. Dentro do mesmo conceito, o nome do congresso, o logotipo, bem como o período de realização do evento encontram-se associados à imagem inicial do sistema que dá acesso aos anais do congresso.



**Figura 7** – *Layout* de apresentação do *software* dos anais do XIII CONBRACE

Diferentemente do ocorrido no XII CONBRACE, os anais do congresso de 2003 apresentam a logomarca do CBCE tanto no *layout* de abertura do *software* quanto no encarte posterior do CD-ROM, na área destinada à organização. A temática do congresso, qual seja, “25 Anos de História: o Percurso do CBCE na Educação Física brasileira”, encontra-se em local de destaque na parte inferior do *software*, de modo que ela se mantém sempre em exibição para o usuário. Outro diferencial é o fato de todos os conteúdos serem acessados por meio da mesma plataforma, exceto os trabalhos publicados, que, para serem lidos, necessitam de direcionamento para o leitor de *PDF*.

<sup>64</sup> No entanto, é utilizada a versão 6.0 do *Flash Player*.





**Figura 8** – Layout de apresentação dos GTTs nos anais do XIII CONBRACE

Como é possível observar na Figura 8, pela primeira vez, exibe-se, no *software* dos anais, um espaço destinado à publicidade, visando a um retorno aos patrocinadores e apoiadores do congresso. Outra inovação apresentada no XIII CONBRACE é o fato de as ementas dos GTTs terem ganhado circulação nos anais do congresso, indicando, desde o início, para o leitor a especificidade dos trabalhos veiculados em cada um dos grupos, de modo a permitir buscas mais pontuais e, ao mesmo tempo, direcionar e redirecionar os usuários para as temáticas desejadas.

Todos os trabalhos dos GTTs apresentaram uma diagramação bastante semelhante, salvo pelo modo como a paginação se encontra exibida, pois existem textos que apresentam o número das páginas no canto superior direito da margem, outros na margem inferior direita, e a grande parte dos trabalhos não exibe numeração das páginas, indicando maior preocupação do comitê organizador do evento com a elaboração e viabilidade do *software* do que com a maneira de exibição e leitura dos trabalhos.

Os anais do congresso de 2005 apresentam modificações substanciais no modo como as informações estão organizadas. A começar pelo nome do próprio evento, que passa a ter duas denominações: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE), impressos, respectivamente, um abaixo do outro. Outro elemento inovador utilizado na

elaboração, não apenas dos anais, mas do congresso como um todo, foi a contratação de uma empresa especializada em organização de eventos para a realização do XIV CONBRACE/I CONICE.

A estrutura física dos anais também se modifica, pois, no modelo adotado, somente se apresentam os dados do evento no encarte frontal do CD-ROM. Desse modo, o espaço publicitário normalmente exibido na parte posterior foi transferido para o verso do encarte frontal.<sup>65</sup>

No corpo do CD-ROM, as informações de identificação do evento deixam de ser fixadas por etiquetas adesivas, passando a ser impressas diretamente no plástico do dispositivo, onde, pela primeira vez, se encontra exibido o *International Standard Book Number* (ISBN) dos anais do CONBRACE/CONICE.



**Figura 9** – Encarte frontal e CD-ROM dos anais do XIV CONBRACE/I CONICE

Seguindo o conceito utilizado no congresso antecedente, nos anais de 2005, também é justificada a escolha do tema central do evento. Assim, nesse evento, a explicação para escolha foi de cunho político. Nesses termos, a temática “Ciência para a Vida” impressa no centro do logotipo do evento, foi selecionada pela necessidade de buscar

[...] responder à necessidade de uma reflexão contextualizada no campo da Educação Física e das Ciências do Esporte sobre os limites e possibilidades de contribuição para as expressões da vida, a partir de suas especificidades.

A vida - tema central que propomos para nossas reflexões - deve ser compreendida como um fenômeno complexo, multifacetado e em toda sua concretude, tanto num plano mais imediato e subjetivo, como também, em sua real objetivação no contexto mundial mais amplo. Esta compreensão remete-nos a uma profícua dinâmica acadêmica que deve valorizar as

<sup>65</sup> No encarte frontal, foi mantida a impressão da ficha catalográfica do congresso, e as palavras-chave tidas como representativas do XIV CONBRACE foram: 1. Ciências do Esporte. 2. Congressos. I. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. III. Título.



muitas interfaces que este campo pode estabelecer e o diálogo com diferentes áreas, disciplinas e saberes, a partir de objetivos construídos em conjunto.

Na perspectiva da Educação Física e das Ciências do Esporte, observamos um alarmante contraste entre os grandes avanços científicos para a maximização do rendimento com inovações científico-tecnológicas inusitadas, algumas, inclusive, desconsiderando a vulnerabilidade da vida humana, e certa desvalorização nas pesquisas para a educação e saúde coletiva que poderiam efetivamente contribuir para a construção de condições de vida digna das populações, cada vez mais ameaçadas pelo modelo de desenvolvimento econômico que prevalece no mundo (CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2005, p. 1).

O tema e o logotipo do XIV CONBRACE/I CONICE também reafirmam para a comunidade científica um posicionamento assumido pela diretoria nacional do CBCE no 1º Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre – RS, por meio da publicação do “Manifesto em defesa do direito social inalienável de acesso ao universo das práticas corporais”, no qual a instituição se posiciona em favor da democratização do acesso às práticas corporais e, conseqüentemente, condena o processo de transformação dessas práticas em mercadorias, bem como dos conhecimentos científicos produzidos sobre elas.

O acesso ao conteúdo dos anais também foi bastante modificado em relação aos congressos anteriores, a começar pela lógica de programação utilizada no dispositivo. O sistema de *autorun* do CD-ROM não leva o usuário a uma plataforma elaborada em *Flash Player*, mas, sim, diretamente para uma janela do *Acrobat Reader 5.5*, onde as opções de acesso aos conteúdos desejados se encontram apresentadas em uma coluna ao lado esquerdo, sob a forma de sumário.

Todos os textos estão organizados no mesmo arquivo, ordenados sequencialmente, o que tornou a leitura dessas produções menos diretas, transmitindo uma noção de continuidade, como se os trabalhos estivessem dispostos à moda do livro em rolo utilizado na Antiguidade antes da invenção do códex.<sup>66</sup> No entanto, alguns *links* internos permitem acesso direto a determinados textos e comunicações orais.

Essa configuração, paradoxalmente, aproxima e distancia os modos de leitura atuais aos dos leitores da Antiguidade, pois o texto, tanto em um, quanto no outro, corre diante dos olhos daquele que lê. Porém, a fluência dessa ação ser efetiva de maneira distinta nesses dois dispositivos, visto que no rolo era preciso desdobrar o texto horizontalmente, ao passo que, no texto digital, a leitura é feita verticalmente.

---

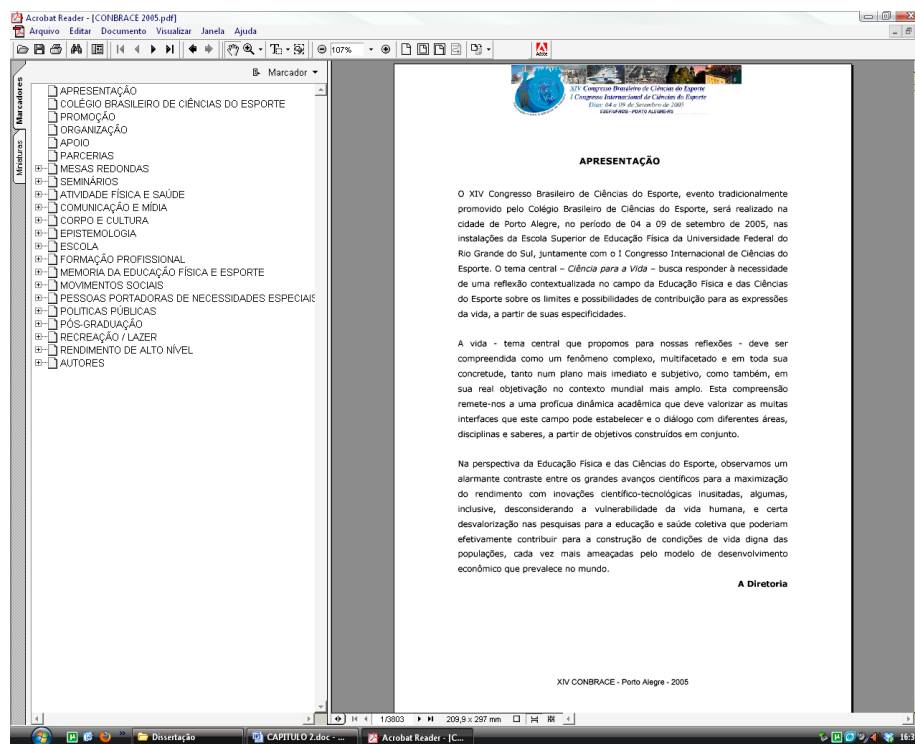
<sup>66</sup> Diz-se do “[...] nome dado pelos romanos às tabuinhas de madeira revestidas de cera em que escreviam e que eram ligadas entre si por um cordel” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 170).

Chartier (1999, p. 13-16) auxilia na reflexão sobre essas mudanças na história da leitura ao ponderar que

De um lado, ele [o leitor do texto digital] é como o leitor medieval ou leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao texto escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo [...]. O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal [...]. A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito permaneciam separadas.

O formato adotado nos anais do XIV CONBRACE/I CONICE favorece apenas a realização da leitura dos trabalhos na tela do computador, dado que os processos de entrada e retomada do leitor a um determinado texto ficariam comprometidos, caso o usuário optasse por imprimir esses textos, uma vez que essa produção não apresenta marca de paginação no *layout* da página. Não obstante, o *software* utilizado como suporte aos trabalhos dispõe de uma ferramenta de orientação que possibilita ao leitor transitar por outros espaços dos anais e retornar a leitura no ponto em que se encontrava anteriormente.

Como pode ser verificado na Figura 10, em todas as páginas desse documento, existe uma referência ao número de série do congresso, bem como uma referência ao local de realização do evento. Outra característica específica desses anais é a exibição do logotipo do congresso juntamente com imagens da cidade de Porto Alegre, marcando uma retomada da estratégia de divulgação do evento que utiliza a potencialidade turística do local de realização do congresso.



**Figura 10** – Layout de apresentação do software dos anais do XIV CONBRACE/I CONICE

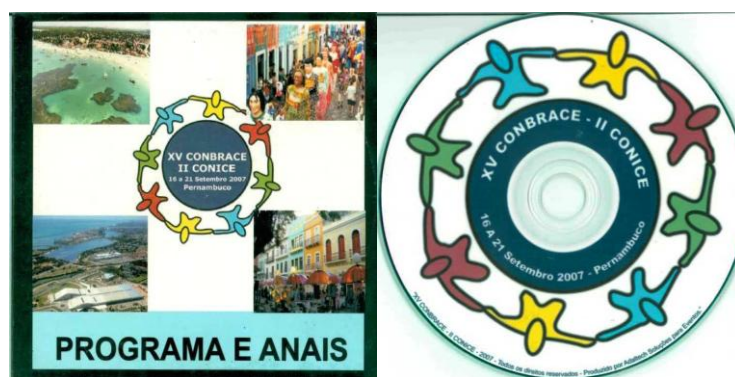
Nesse CONBRACE, nota-se uma nova modificação no sistema de GTTs, pois o número de grupos no congresso foi alterado de 12 para 13 GTTs. O aumento ocorreu visto o desmembramento do GTT Memória, Corpo e Cultura em GTT Memórias da Educação Física e Esporte e em GTT Corpo e Cultura. Muito provavelmente, essa reorganização deveu-se a disputas de legitimidade de temáticas e práticas científicas e à necessidade de desenvolver um debate mais aprofundado nas temáticas de grupos de pesquisadores especializados nesses objetos de estudo.

Outro ponto marcante nos anais do XIV CONBRACE/I CONICE é a não distinção entre os trabalhos que foram veiculados por meio da comunicação oral e os que somente foram apresentados no formato de pôster. Desse modo, faz-se necessário ao leitor interessado em uma dessas modalidades específicas verificar a categorização desses estudos no caderno que contém a programação do congresso.

No XV CONBRACE/II CONICE, realizado em 2007, nas cidades de Recife e Olinda, novamente são utilizadas estratégias diferenciadas nos modos de apresentação dos anais do evento. Por exemplo, o tipo de material empregado na confecção das capas dos CD-ROM é modificado do plástico para o papelão, e a

identificação do logotipo do evento localiza-se na parte da frente, enquanto a ficha catalográfica e a marca do CBCE encontram-se impressas no corpo das estruturas que lhes confere suporte. Possivelmente, essas mudanças estão ligadas ao fato de o material biodegradável, como o papel, apelar para a representação do que é eticamente correto, ou mesmo para baratear o processo de produção do material.

O CD-ROM volta a ser elaborado com uma etiqueta adesiva, porém mantém os padrões de impressão que exibem na superfície do disco o logotipo do evento, o número de série, o local e a data de realização do congresso. Em contrapartida, o número de ISBN e a temática<sup>67</sup> do XV CONBRACE/II CONICE não são veiculados na etiqueta do dispositivo, sendo exibidos, assim, como as palavras-chave,<sup>68</sup> somente na ficha catalográfica.



**Figura 11** – Encarte e CD-ROM dos anais do XV CONBRACE/II CONICE

Nota-se, na Figura 11, a amplificação de um viés mercadológico do congresso, dada a maior exibição de imagens promocionais de atrações turísticas das cidades-sede, no encarte dos anais, e à sobreposição dessas fotos ao logotipo do evento.

No XV CONBRACE, pela primeira vez, observa-se uma preocupação dos organizadores em explicar para a comunidade científica as razões da escolha do símbolo representativo do congresso. Nesse caso, a representação da dança de roda “Ciranda”, segundo a comissão organizadora, encontra íntima relação com a temática do evento, pois

[...] A CIRANDA, símbolo do nosso XV CONBRACE e II CONICE é uma dança comunitária em que não há limite de participantes. Inicia com uma roda pequena que vai aumentando à medida que as pessoas chegam para dançar, abrindo o círculo e segurando nas mãos dos que já estão

<sup>67</sup> O tema central do XV CONBRACE/II CONICE foi Política Científica e Produção do Conhecimento.

<sup>68</sup> 1. Educação Física – Congressos. 2. Esportes – Congressos. 3. Ciência – Congressos.

dançando. Para entrar ou sair não é preciso a menor cerimônia. Quando a roda atinge um tamanho que dificulta a movimentação, forma-se outra menor no interior da roda maior e assim por diante. A CIRANDA nos inspira para a realização do evento. Uma grande roda onde todos, advindos de diferentes regiões e realidades, possam discutir a POLÍTICA CIENTÍFICA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, considerando as problemáticas significativas de cada contexto e criando novas possibilidades, novas rodas, novas realidades, sem nunca perder o passo (CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2007, s.p.).

Desse modo, evidencia-se que o tema do XV CONBRACE/II CONICE é representado no encarte do CD-ROM pelo próprio logotipo do evento. A justificativa do símbolo do congresso expressa também a visão de ciência circulante (ou disputante) na instituição, ao ponderar que, no processo de produção do conhecimento de uma área de conhecimento, os sujeitos movimentam-se livremente, podendo “entrar ou sair sem cerimônia”, denotando uma visão relativista da ciência que estrutura as “representações” (CHARTIER, 1991) das práticas de um campo. Esses ordenamentos interagem e “fabricam” (CERTEAU, 1994) as relações entre a leitura dos anais e seus interlocutores.

A escolha do tema do congresso se deu pela necessidade de problematizar as dificuldades encontradas no campo científico, no que diz respeito ao desenvolvimento de políticas científicas, dos processos de formação de pesquisadores nos programas de pós-graduação e das práticas de pesquisa circulantes no campo da Educação Física.

O tema norteador deste XV CONBRACE e II CONICE foi POLÍTICA CIENTÍFICA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO. Não foi um tema novo e a sua recorrência aponta para a necessidade de aprofundarmos o debate no que se refere às questões que desafiam o âmbito da pesquisa e da pós-graduação nacional, de modo geral, e as áreas de concentração e linhas de pesquisa, por exemplo, no campo específico, sem perder de vista o motivo pelo qual fazemos pesquisa (CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2007, s.p.).

Nesse evento, é perceptível a tentativa de legitimar a temática ora em curso, vista a veiculação dela em diversos espaços dos anais, como na ficha catalográfica, na apresentação do evento e na explicação da constituição do logotipo, fato somente ocorrido no congresso em que se comemoraram os 25 anos do CBCE.

A maior inovação trazida para o evento foi o modo de exibição das narrativas que circularam no XV CONBRACE/II CONICE. Na maneira de acessar o CD-ROM,

observa-se o retorno do *autorun* aplicado conjuntamente ao *Flash Player*,<sup>69</sup> porém a plataforma do programa encontra-se associada ao navegador de *internet* padrão do sistema operacional. O artifício muito provavelmente foi utilizado por permitir a circulação dos anais na rede, dado que nesse evento as produções veiculadas no congresso também foram publicadas por meio de um sítio na *web*.<sup>70</sup>



**Figura 12** – *Layout* de apresentação dos anais do XV CONBRACE/II CONICE

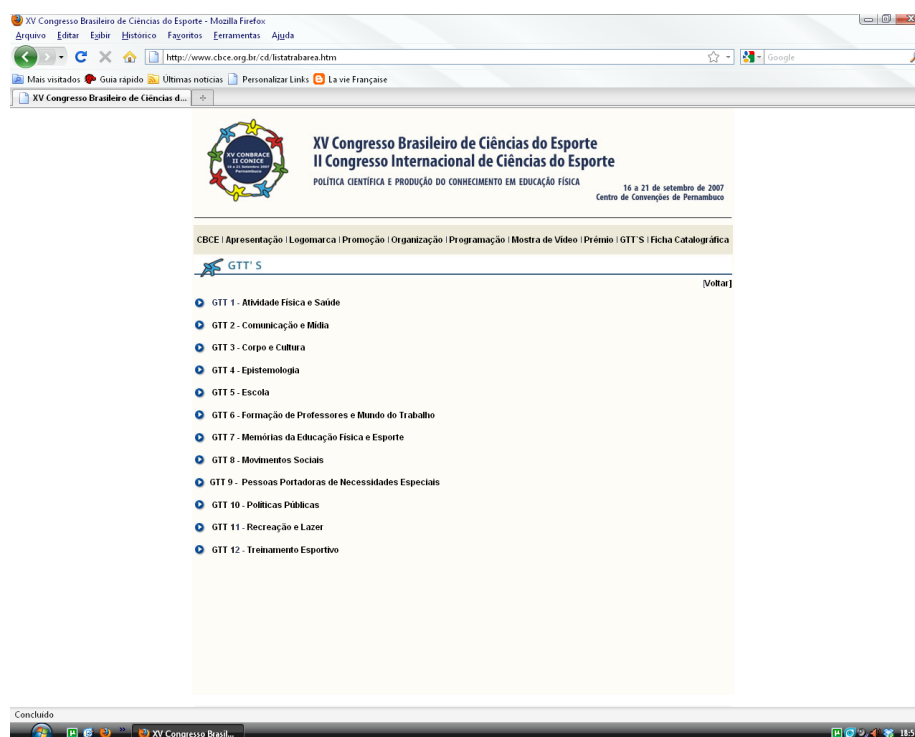
A estratégia utilizada, além de servir como modelo experimental para publicações posteriores, também contempla as políticas de democratização do saber, pois, com o uso da *internet*, não somente os partícipes do evento teriam acesso aos anais do congresso, permitindo maior circulação dos saberes produzidos pela comunidade científica circulante no CBCE.

Observa-se, na Figura 13, que no XV CONBRACE ocorreu a supressão do GTT Pós-Graduação, provavelmente pela organização de uma plenária permanente de pós-graduação no âmbito do CBCE. Desse modo, a demanda de trabalhos sobre essa temática passou a ser apresentada de maneira diluída nos outros grupos. No entanto, o sistema interno de busca dos anais não acusou a existência dessa

<sup>69</sup> Adobe Flash Player 6.0

<sup>70</sup> Os anais do XV CONBRACE/II CONICE também podem ser acessados no endereço da *web* [www.cbce.org.br/cd](http://www.cbce.org.br/cd). O *layout* dos anais, tanto no CD-ROM, quanto na página da *web*, apresenta as mesmas características de programação.

temática nos títulos dos trabalhos publicados nesse congresso, situação bastante peculiar para um evento que pretende debater, entre outros assuntos, as políticas de produção do conhecimento no campo da Educação Física, o que implicaria, conseqüentemente, um aprofundado debate sobre pós-graduação.



**Figura 13** – *Layout* de apresentação dos GTTs no XV CONBRACE/II CONICE

Um aspecto inovador nesse evento é a existência de um espaço destinado à mostra de vídeos, o que indica uma aceitação por parte do CBCE com outras possibilidades de práticas de pesquisa que demandam diferentes instrumentos de produção de saberes e de comunicação científica no campo da Educação Física. Porém, o que se encontra documentado nos anais são apenas as ementas e os roteiros dos vídeos que foram apresentados no XV CONBRACE/II CONICE.

Outra modificação realizada nesse congresso foi a mudança da nomenclatura do GTT Rendimento de Alto Nível para Treinamento Desportivo. É possível afirmar que essa mudança tenha ocorrido, porque a nova terminologia permite maior flexibilidade na temática do grupo de modo a abranger pesquisas com diferentes focos de análise que transitem entre os distintos níveis e aplicações do treinamento.

No que diz respeito à organização dos trabalhos nos grupos, nota-se um retorno às distinções entre as pesquisas em estágio inicial, apresentadas no formato

de pôster, e os textos veiculados nas comunicações orais. Assim, mesmo não havendo um espaço diferenciado para esses dois formatos em cada GTT, a separação dos estudos se deu pela inscrição da categoria deles ao fim do título de cada trabalho. Nota-se, nesse CONBRACE/CONICE, uma padronização na diagramação dos textos expressos nos GTTs, de modo que cada estudo apresenta paginação individual localizada na margem superior do lado direito e resumos em português, espanhol e inglês.

A estratégia utilizada para a elaboração dos anais do XV CONBRACE/ II CONICE salienta um movimento que, no decorrer dos anos, vinha apontando para a mesma direção, qual seja, um processo de transição definitiva dos dispositivos materiais para o uso do modelo unicamente virtual.

#### **2.1.4 Sem cheiro, sem tato e sem materialidade: a virtualização dos anais do XVI CONBRACE/III CONICE**

No XVI CONBRACE/III CONICE, realizado em 2009, na cidade de Salvador – BA, a tendência apresentada nos anais do congresso de 2007 ganha forma, visto que os trabalhos expressos nesse evento passaram a circular somente por meio de uma página na *web*.<sup>71</sup>

Essa virtualização dos registros do congresso gera práticas diferenciadas de leituras, a começar pelas próprias relações estabelecidas entre essas produções e aqueles que a acessam, dado que os usuários desse produto deixam de ser leitores de textos e passam a ser navegadores de produções virtuais. Porém, antes de adentrar a discussão sobre esses processos, faz-se necessário, primeiramente, compreender o significado do tão frequentemente referido “virtual”.

Segundo Lévy (1996), a primeira medida que se deve tomar para entender o virtual é parar de associá-lo ao antagonismo daquilo que é real, pois não se trata de escolher entre um nostálgico real temporalmente justificado e uma produção ameaçadora ou excitante, mas sim entender a existência de concepções diversificadas do virtual.

---

<sup>71</sup> Os anais do XVI CONBRACE/III CONICE podem ser acessados pelo endereço eletrônico <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/CONBRACE/XVI>.



Para Lévy (1996), esse processo tem ganhado espaço em várias esferas da vida, de modo que o ciberespaço poderá amplificar o consumo da informação mercantil em uma escala maior do que a atual, ou então acompanhar tendências mais positivas, de modo a desenvolver-se um projeto de sociedade centrado sobre coletivos inteligentes, compreendendo que “[...] a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra” (LÉVY, 1996, p. 11-12).

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização [...] exprime-se uma busca pela hominização (LÉVY, 1996, p. 11).

A virtualização, para Lévy (1996), pode ser entendida não mais como um modo de ser, mas sim como um movimento dinâmico. É uma mudança na configuração ontológica do objeto. Nesses termos, o ato de virtualizar perpassa pelo processo de descobrimento da questão geral das relações estabelecidas pelo virtualizado, de modo que se realize um “[...] desprendimento do aqui e do agora” (LÉVY, 1996, p. 19).

Nesse aspecto, Poissant (2009, p. 72)<sup>72</sup> faz considerações sobre modificações nos suportes de leitura ao afirmar que

[...] as mudanças que ocorrem no material oferecem-nos indicações valiosas com relação à natureza e profundidade da reorganização que traduzem e produzem. O desenvolvimento e a escolha do material e seu tratamento são sintomáticos das representações que os sujeitos fazem de si mesmos e de suas aptidões. Mas o material e as ferramentas que eles controlam também determinam as perguntas e as respostas que eles, e nós, somos capazes de conceber. ‘Tudo se transforma num prego para a mão que segura o martelo’. Todo material carrega em si uma abordagem, uma maneira de se relacionar e de ser relacionado a algo, um horizonte de expectativas, de mecanismos de ‘atenção’, e um ambiente e postura que despertam certos circuitos neuronais, emocionais e cognitivos.

Diante desses conceitos, a dinâmica de virtualização dos anais do CONBRACE/CONICE os torna desterritorializados, existentes ao todo em todas as suas cópias e projeções. Sua estrutura transforma-se em um passante transitório,

---

<sup>72</sup> Estudo realizado sobre os processos de modificação dos suportes de visualização e assimilação das produções artísticas.

onipresente no ciberespaço. Essa nova relação do texto (ou hipertexto) contribui para o desenvolvimento simultâneo de práticas de navegação e leitura. “Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui lugar” (LÉVY, 1996, p. 20), de modo que somente o ato de leitura e navegação é situado no tempo e no espaço.

Desse tipo de produção emerge uma potencialidade, pois o leitor pode interagir, ao mesmo tempo e automaticamente, com outros recursos por meio de uma matriz digital, adentrando um universo de criação de leitura de signos antes inexistentes nos dispositivos materiais. Na leitura das produções veiculadas nos anais do XVI CONBRACE/III CONICE, dependendo da situação em curso ou da demanda do usuário, é possível se criar um número indefinido de diferentes maneiras de ler. Desse modo, “[...] a tela informática é uma nova ‘máquina de ler’, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para o leitor particular. Toda leitura em um computador é uma edição, uma montagem singular” (LÉVY, 1996, p. 41).

Os trabalhos publicados no congresso de 2009 não se resumem apenas ao binômio texto-fonte; eles resultam de uma série de combinações e decisões como regulagens, conexões, interfaces de navegação, entre outros recursos inerentes às relações de navegação e leitura. Escolhas que, de maneira geral, vão intervir diretamente nas interações do usuário e no programa de navegação utilizado, tendo em vista a quebra da linearidade da leitura possibilitada pelo hipertexto.

Nesses textos virtuais, as relações estabelecidas com o leitor são muito mais intensas com um programa de leitura e navegação do que somente com a tela. Esses processos sofrem modificações de acordo com as ferramentas oferecidas pela interface do sistema, que pode permitir ao leitor a personalização dos textos com marcações, anotações e manipulações. Enfim, variáveis que vão modificar diretamente a apropriação daquilo que é lido, assim como as operações intelectuais realizadas pelo leitor.

Nesse sentido, para os anais do XVI CONBRACE/III CONICE, foi utilizada uma ferramenta denominada Sistema On-line de Apoio a Congressos (SOAC).<sup>73</sup> Esse sistema foi desenvolvido com o objetivo de oferecer suporte a todos os eventos elaborados sob a chancela do CBCE. Atualmente, o SOAC encontra-se vinculado à

---

<sup>73</sup> O sistema pode ser acessado em <http://www.rbceonline.org.br/congressos>.

mesma base de dados utilizada para a RBCE On-Line, permitindo o acesso ao sistema sem a necessidade de outro servidor.

A construção do SOAC foi desenvolvida por meio de *softwares* livres, que são programas sem registro de patente de licenças, o que possibilita o uso gratuito e irrestrito de todos os recursos disponíveis no sistema. A implementação desse tipo de dispositivo pode indicar duas ações por parte do CBCE: a adoção de políticas editoriais que incentivem a democratização do acesso a informações e códigos-fonte a toda a comunidade científica; a tentativa de reduzir os custos de produção, circulação e distribuição dos anais dos CONBRACEs/CONICEs, além de agilizar o processo de publicação desse documento.

O acesso aos anais do congresso de 2009 ocorre por meio de um *link* específico do evento na página do SOAC que direciona o navegador ao espaço destinado à publicação de todas as informações referentes ao XVI CONBRACE/III CONICE.

Na página inicial, encontram-se expressas as informações do congresso, como a sigla, o número de série, o logotipo, o número do *International Standard Serial Number* (ISSN),<sup>74</sup> o período, o local de realização do evento e o tema posto em debate nesse congresso.<sup>75</sup>



**Figura 14** – Cabeçalho da página inicial dos anais do XVI CONBRACE/III CONICE

Diferentemente do ocorrido nos CONBRACEs/CONICEs antecedentes, a décima sexta edição não apresenta a justificativa dos motivos que levaram à escolha do tema em voga no evento, existindo apenas a repetição da temática do evento em alguns espaços dos anais. Outra mudança ocorrida nesse congresso foi a não publicação da ficha catalográfica nem, tampouco, das palavras-chave do congresso.

<sup>74</sup> O Comitê Organizador desse congresso optou por registrar o evento com número de ISSN ao invés de ISBN, como ocorrido nos eventos antecedentes. Possivelmente a mudança ocorreu pelo fato de o ISBN ser utilizado para registro de livros e eventos estanques, enquanto revistas e anais de congressos seriais são normalmente registrados com ISSN.

<sup>75</sup> A discussão central do XVI CONBRACE/III CONICE girou em torno do tema “Formação em Educação Física e Ciências do Esporte: política e cotidiano”.

A divulgação dos objetivos do evento, prática somente encontrada nos anais do CONBRACE de 1997, é novamente retomada no ano de 2009. Segundo a organização, o XVI CONBRACE/III CONICE teve o objetivo de

[...] ampliar seu diálogo internacional na perspectiva de estabelecer parcerias e protocolos de cooperação no que diz respeito ao incentivo à realização de intercâmbios junto aos grupos de pesquisa, instituições e entidades científicas de forma a ampliar as bases da soberania nacional e da cooperação internacional (CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2009, s.p.).

Percebe-se, pela redação dos objetivos do congresso, que o foco principal do evento é tentar fortalecer o intercâmbio da comunidade científica da Educação Física brasileira com pesquisadores de outros países e, conseqüentemente, ampliar a visibilidade do CBCE no cenário internacional, principalmente na América Latina, tendo em vista as constantes tentativas da Direção Nacional da instituição em estreitar os laços com sociedades científicas de outros países.

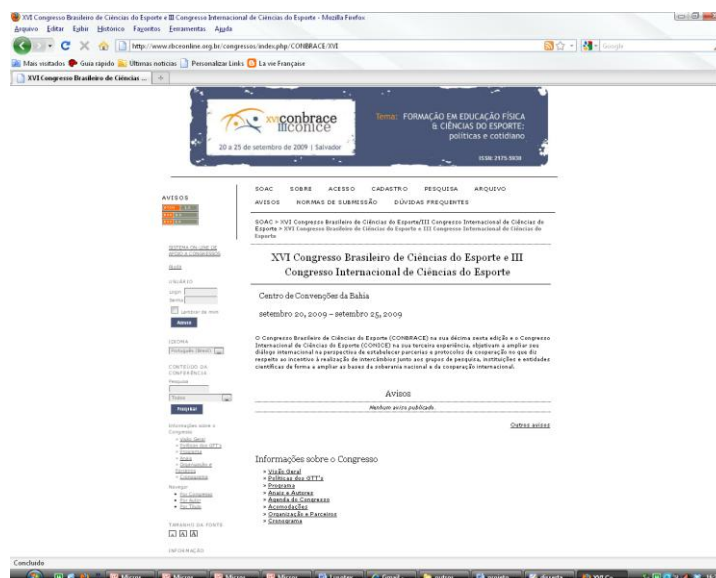
Essa medida explica o uso recorrente do viés cultural-turístico que, no XVI CONBRACE/III CONICE, muito possivelmente está apresentado na imagem simbolizando um jogo de capoeira utilizado como logotipo do congresso, dado que essa prática corporal é um signo marcadamente usado para “representar” (CHARTIER, 1991) a cultura do Estado da Bahia.

É importante salientar que a estratégia de divulgação aplicada nesse congresso já havia sido utilizada em eventos anteriores,<sup>76</sup> denotando que, cada vez mais, as administrações do CBCE têm escolhido como sede para seus congressos as cidades que apresentam um potencial turístico relevante. Essa característica demonstra que, possivelmente, a comunidade científica da Educação Física frequenta esses eventos tanto por razões acadêmicas, quanto por motivos turístico-culturais.

Desse modo, o espaço dos anais tradicionalmente destinado à publicidade deixa de existir, sendo apresentado somente na página oficial do evento, juntamente com pacotes turísticos promocionais oferecidos por empresas privadas que estabeleceram parcerias com os organizadores do congresso.

---

<sup>76</sup> Como pode ser verificado nos CONBRACEs de 1999 e 2007.



**Figura 15** – *Layout* da página inicial dos anais do XVI CONBRACE/III CONICE

No *layout* inicial da página desse evento (Figura 15) são apresentados os *links* que direcionam o usuário às informações específicas do congresso como: programa, políticas dos GTTs, cronograma, agenda do congresso e um tópico denominado “anais e autores” que permite acesso aos anais dos trabalhos publicados como pôsteres, comunicações orais e palestras de cada GTT.<sup>77</sup>

Nessa área destinada aos hipertextos veiculados nesse congresso, existe uma ferramenta de busca que permite a localização de trabalhos pela autoria ou pelo título do documento, de modo que a pesquisa pode ser realizada mais refinadamente em um grupo ou de maneira mais ampla em todos os GTTs. Outra opção de busca existente nesses anais é uma pesquisa alfabética, que possibilita a checagem dos autores pela letra inicial do último nome do autor, em caso de autoria individual, e, em caso de autoria coletiva, de qualquer um dos autores.

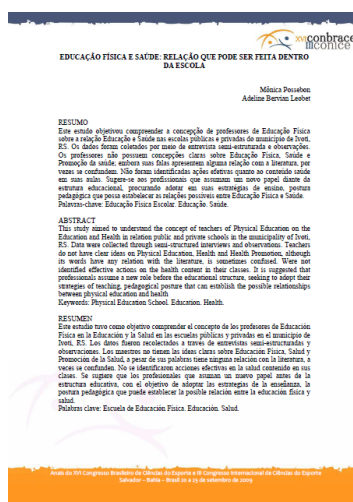
Nesse congresso, novamente se observa a não separação dos trabalhos apresentados no formato de pôster e os veiculados como comunicação oral em cada GTT, sendo necessária, assim como o ocorrido no CONBRACE/CONICE de 2005, a utilização da programação do evento para se distinguir cada tipo de produção, porém, no XVI CONBRACE/III CONICE, cada hipertexto encontra-se disposto em arquivos individuais, potencializando a sua leitura, vista a possibilidade de se dobrar, com mais facilidade, o texto sobre si mesmo sem que seja necessário realizar uma

<sup>77</sup> Sobre o sistema de GTTs, percebe-se uma nova modificação na nomenclatura de um dos grupos, qual seja, o GTT Portadores de Necessidades Especiais tem seu título alterado para GTT Inclusão e Diferença, muito provavelmente para atender a uma correção política das terminologias específicas adotadas nos estudos sobre essa temática.

varredura em todo o documento dos anais, como acontece no formato de rolo, adotado no congresso de 2005.

Fora do formato de rolo, o navegador pode se fazer autor de maneira mais profunda, pois lhe é permitido “[...] modificar nós (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos” (LÉVY, 1996, p. 45-46).

Os trabalhos publicados no congresso de 2009 apresentam o mesmo padrão diagramático. Primeiramente, para serem acessados, dependem do aplicativo utilizado pelos usuários para a leitura do formato *PDF*. Além disso, a paginação dos hipertextos localiza-se sempre no lado direito da margem inferior dos documentos, exceto na primeira que não recebe paginação.



**Figura 16** – Amostra de página dos trabalhos publicados no XVI CONBRACE

Como pode ser verificado no exemplo exibido na Figura 16, em cada página dos trabalhos foi inserida uma moldura azul na porção superior, juntamente com o logotipo do congresso, e laranja na parte inferior das páginas, contendo o nome do congresso, o período e o local de sua realização.

Essas marcas diagramáticas funcionam como um artifício que há muito tempo já tem sido utilizado na história da leitura. Trata-se dos processos de “artificialização” dos textos (LÉVY, 1996) pela inserção de “dispositivos editoriais” (CHARTIER, 1991) para leitura, de modo a facilitá-la, controlá-la e permitir maior acesso à consulta dos

documentos escritos. Essas estruturas potencializam os documentos para além de sua linearidade, pois, segundo Chartier (1999), as práticas de leitura sempre denotaram liberdade de atribuição de sentidos, uma vez que o sentido do lido nem sempre é aquele pretendido pelo autor do texto.

No sentido expresso por Certeau (1994), na atividade leitora, essa apropriação desloca e subverte aquilo que o texto pretende impor, uma vez que o leitor pode efetuar saltos, realizar conexões entre pontos diferenciados da leitura, compará-lo com outros de uma mesma coleção, enfim, deixar suas marcas.

Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cerceada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas e outras se extinguem (CHARTIER, 1999, p. 77).

Esse é o paradoxo que cerceia a relação do leitor com essas novas tecnologias, pois o formato hipertextual potencializa a liberdade de uma ação “tática” (CERTEAU, 1994) entre o sentido expresso na produção e os construídos pelos leitores por meio de suas astúcias e habilidades tecnológicas. Porém, ao mesmo tempo, o acesso a essas informações se torna mais controlado, uma vez que, com os processos de virtualização, os métodos de busca têm se tornado cada vez mais específicos por meio de termos distintos, ordenando-os pela incidência e relevância.

É nesse contexto que se salienta a rigidez desses sistemas, pois, mesmo com todos os avanços tecnológicos dessas bases de dados, as buscas assim realizadas não consideram o sentido etimológico e cultural dos descritores relacionados nas pesquisas, o que não acontece nas buscas em bancos de dados impressos, nos quais o significado social ou sinonímico das terminologias em pesquisa pode ser acrescido à busca por meio da ativação da memória do leitor, a partir do momento em que esse se depara com um signo que lhe é familiar.

Assim, nas bases de dados impressas, os resultados das buscas sofrem alterações qualitativas, que podem variar, negativamente ou positivamente, pelos níveis de atenção e experiência de quem pesquisa, enquanto, nos arquivos virtuais, o volume dos índices adquiridos depende, inexoravelmente, da capacidade de erudição e do domínio que o pesquisador detém sobre as ferramentas de busca.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> Como no caso do catálogo de periódicos organizado por Ferreira Neto et al. (2002), no qual é possível chegar a resultados de busca mais ou menos complexos, dependendo da versão que o pesquisador utiliza, seja a impressa, seja a virtual.

Desse modo, o modelo hipertextual adotado no congresso de 2009 leva adiante esse processo de artificialização da leitura. A leitura dos anais do CONBRACE sempre foi perpassada pelas relações de seleção, esquematização das estruturas lógicas dos textos, associando-os a outros elementos em uma constante tensão entre os sentidos pretendidos pelo autor por meio dos dispositivos materiais e os atribuídos pelo leitor com base em suas “artes de fazer” (CERTEAU, 1994) e reconstruir permanentemente as leituras. Nesses termos, os hipertextos utilizados no XVI CONBRACE/III CONICE “[...] constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura” (LÉVY, 1996, p. 43), encontrando-se desterritorializados na *web*.

A potencialidade que se salienta no uso dos textos virtuais é bastante profícua quando se pensa em circularidade de informações e na consequente democratização dos saberes produzidos pelo grupo de pesquisadores que circula no CONBRACE/CONICE. No entanto, como demonstra Paul (2009), a preservação desse tipo de mídia ainda é um desafio importante para o aprimoramento dessas tecnologias, uma vez que, em longo prazo, com os processos de atualização dos sistemas, o código-fonte que compõe a organização desses documentos virtuais torna-se obsoleto e para de funcionar, tornando-se inacessível em novas versões dos *softwares* de leitura.

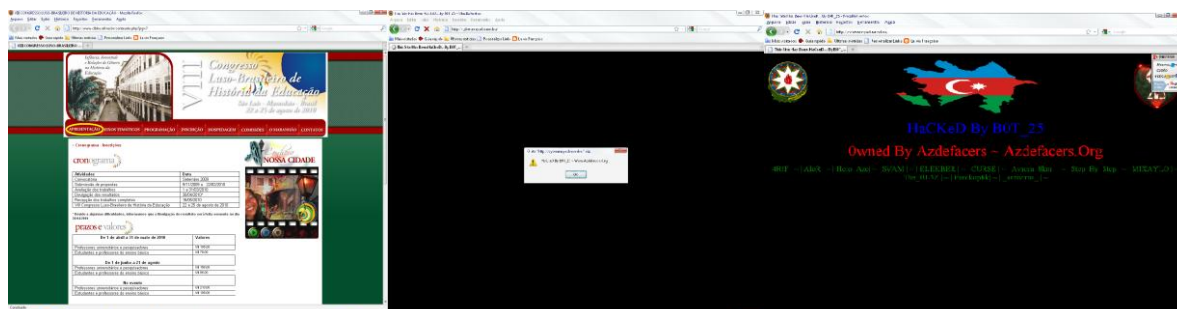
Além disso, manter os trabalhos armazenados em uma única base de dados pode ocasionar alguns inconvenientes à comunidade científica que utiliza esse material como fonte de pesquisa, uma vez que a página pode ficar fora do ar, o servidor pode corromper ocasionando perda temporária<sup>79</sup> das informações do congresso, ou mesmo sofrer a ação de *hackers*,<sup>80</sup> como ocorrido recentemente na página do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (CLBHE) em maio de 2010.

---

<sup>79</sup> O corrompimento da base de dados do servidor pode causar a perda permanente das informações. No entanto, supõe-se a existência de um arquivo de *backup* contendo os dados referentes aos anais do CONBRACE/CONICE de 2009.

<sup>80</sup> Termo utilizado para denominar os invasores de sistemas de computador.





**Figura 17** – Imagem da página do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação após a invasão do sistema

Como demonstrado na Figura 17, ao acessar o *link* “Apresentação” da página do VIII CLBHE, a navegação era interrompida e uma mensagem de advertência aparecia na tela com o aviso de que aquele *site* havia sido invadido por um *hacker* de codinome Bot\_25,<sup>81</sup> sendo a conexão transferida para um portal do Azerbaijão denominada “Azdefacers”.<sup>82</sup> O problema demorou por volta de 24 horas para ser detectado e contornado, isso por se tratar de um evento que estava em evidência e que somente seria realizado no período de 22 a 25 de agosto do ano de 2010.

Uma das questões que o uso exclusivo do formato virtual para os anais do XVI CONBRACE/III CONICE levanta relaciona-se com a capacidade de resposta do CBCE, para solucionar um problema, caso algo similar ao ocorrido no VIII CLBHE acontecesse a essa produção, principalmente, por se tratar de um congresso já realizado, portanto, sem necessidade de divulgação.

Desse modo, há de se pensar que a estratégia utilizada no ano de 2007, em Pernambuco, fosse mais profícua para a instituição e, também, mais adequada à realidade brasileira, uma vez que a distribuição concomitante dos anais no formato de CD-ROM e na *web* permite um alcance diferenciado entre a comunidade da Educação Física, potencializando a circulação desses trabalhos, além de permitir que cada leitor dessa produção constitua seu acervo pessoal.

No entanto, o que se observa no decorrer dos congressos é que os anais têm assumido características diferenciadas de acordo com o grupo responsável por organizar o evento. Como editores, eles procuram deixar sua marca nessa produção. Assim, observam-se muitas continuidades e descontinuidades nos formatos adotados para os anais, bem como nos modos de ação dos dispositivos.

<sup>81</sup> A mensagem exata exibida no console de advertência era: *Hacked by BOT\_25*.

<sup>82</sup> A página era acessada pelo endereço eletrônico [www.azdefacers.org](http://www.azdefacers.org), mas, atualmente, encontra-se fora do sistema.

Normalmente, o que tem se perpetuado são as estratégias de divulgação que permitem reduzir cada vez mais os custos de produção e circulação dos anais do CONBRACE/CONICE.

Essas ações denotam, também, um esforço desses grupos em aperfeiçoar a forma e as maneiras de circulação dos trabalhos veiculados nos congressos, visando a alcançar os meios que melhor atendam à comunidade científica da Educação Física.

## CAPÍTULO 3

### 3 MAPEANDO AS PRODUÇÕES: O PANORAMA DA PESQUISA NOS CONGRESSOS

O presente capítulo teve como objetivo apresentar o panorama dos trabalhos postos em circulação na comunicação oral do GTT Escola, veiculados nos CONBRACEs e CONICEs de 1997 a 2009. Desse modo, com base nos fundamentos de produção e reorganização das fontes preconizados por Certeau (2008), os dados coletados foram dispostos em gráficos e tabelas de maneira a permitir uma visualização mais elaborada das práticas de pesquisa recorrentes nessas produções.

Foram tomados como base os estudos desenvolvidos por Ventorim (2005), Santos (2010) e Nascimento (2010), o que possibilitou aproximar e organizar cada categoria de análise, favorecendo o questionamento das fontes e a interlocução dessas produções com o referencial teórico e a literatura específica da área de Educação Física.

As análises foram desenvolvidas seguindo a ordem dos protocolos de leitura deixados pelos autores dos trabalhos, mas não os consumindo como modo único de leitura das fontes. Dessa forma, os documentos produzidos com base nessa apropriação permitiram a visualização do tecido formado pelas produções do GTT Escola, demonstrando as lacunas existentes nas tramas da história dessa comunidade científica. Com base nessa premissa, foram construídos os mapas dos 177 estudos veiculados na comunicação oral do GTT Escola durante os CONBRACEs e CONICEs ocorridos entre 1997 e 2009.

Assim, neste capítulo, a apresentação dos dados seguiu os modos de organização apresentados nos trabalhos, a saber: as informações existentes nos cabeçalhos dos estudos, como tipo de autoria, titulação, vínculo a grupos de pesquisa, instituição e a procedência regional dessas produções.

Essa investida permitiu catalogar e sistematizar os estudos circulantes nesses eventos de modo a inferir, à maneira de Certeau (1994), que a priorização de determinadas práticas de pesquisa no campo desenvolve modos específicos de acepção das leituras destinadas a leitores especializados. Porém, nas “artes de

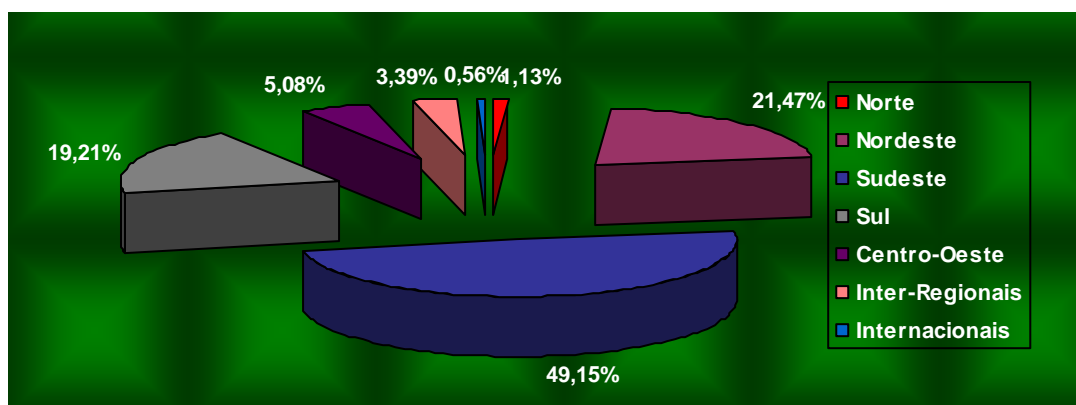
fazer” (CERTEAU, 1994), principalmente no que se refere à “burla” daquilo que é instituído, “[...] cabe sobretudo a todos nós, pesquisadores/leitores, especializados ou não, ouvirmos/vermos/lermos também e, às vezes, prioritariamente, o que deveria permanecer na obscuridade, ou seja, fora do alcance da história” (FERREIRA NETO, 2005b, p. 154).

### 3.1. DA PROCEDÊNCIA TERRITORIAL

A pretensão do CBCE ao organizar o CONBRACE é realizar um evento científico que congregue pesquisadores de todo o território nacional e, com a efetivação do CONICE, também reunir estudiosos de fora do País.

Com base nesse objetivo, efetuou-se um levantamento da procedência dos trabalhos veiculados no GTT Escola dos congressos investigados. Os dados foram elaborados com base na divisão territorial do Brasil, utilizando-se como critério o vínculo institucional apresentado pelos pesquisadores, de modo que os trabalhos com autores originários de regiões distintas foram classificados como “inter-regionais”, assim como os estudos de autores vinculados a instituições de ensino de fora do País constituíram o grupo de publicações internacionais.

O gráfico a seguir demonstra a circulação de trabalhos procedentes das cinco regiões do Brasil, bem como as publicações inter-regionais e internacionais, apresentando localização dos pesquisadores da comunidade científica da Educação Física que circulam nos fóruns do GTT Escola realizados durante os CONBRACEs de 1997 a 2009.



**Gráfico 1** – Procedência territorial da comunicação oral do GTT Escola nos X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACEs

Os dados demonstram que, do universo dos 177 trabalhos apresentados na comunicação oral do GTT Escola, 49,15% são provenientes da Região Sudeste, o que representa 87 pesquisas. Em seguida vem a Região Nordeste, com 21,47%, percentual correspondente a 38 estudos; a e Sul com 19,21%, ou seja, 34 textos e hipertextos.

Em contrapartida, encontram-se poucas produções procedentes das outras localidades do País, visto que os pesquisadores de instituições da Região Norte publicaram dois trabalhos, ou seja 1,13%; os da Região Centro-Oeste veicularam nove estudos, o que representa 5,08% do universo total das produções. Já os trabalhos de instituições internacionais correspondem a 0,56%, isto é, apenas uma pesquisa; e 3,39% das publicações circulantes nesse fórum foram construídas por meio de ações conjuntas de instituições inter-regionais, ou seja, seis pesquisas.

Os dados referentes à procedência territorial dos trabalhos publicados no GTT Escola demonstram que as pesquisas que ganham circulação nesses eventos são realizadas por estudiosos com vinculação acadêmica a instituições do Sul e Nordeste e, principalmente, da Região Sudeste do País.

Esse panorama de pesquisa remonta à própria pós-graduação brasileira, no que diz respeito à área de Educação Física, dado que, como apresenta Nascimento (2010), em sua tese de doutoramento, os programas de mestrado e doutorado no campo em funcionamento no Brasil estão localizados, majoritariamente, nas Regiões Sudeste e Sul, como demonstra o quadro a seguir.

IES	PROGRAMA	UF	M	D	NATUREZA INSTITUCIONAL
USP	Educação Física	SP	1977	1989	Pública Estadual
UGF	Educação Física	RJ	1985	1994	Privada
Unicamp	Educação Física	SP	1988	1993	Pública Estadual
UFRGS	Ciências do Movimento Humano	RS	1989	1999	Pública Federal
UNESP/RC	Ciências da Motricidade	SP	1991	2001	Pública Estadual
UFSC	Educação Física	SC	1996	2006	Pública Federal
UFMG	Ciências do Esporte	MG	1995	2008	Pública Federal
UDESC	Ciências do Movimento Humano	SC	1997	2009	Pública Estadual
UCB/DF	Educação Física	DF	1999	2006	Privada
UNIMEP	Educação Física	SP	2000	-	Privada
UFPR	Educação Física	PR	2002	2008	Pública Federal
USJT	Educação Física	SP	2004	2009	Privada
UNIVERSO	Ciências da Atividade Física	RJ	2006	-	Privada
UNICSUL	Ciências do Movimento Humano	SP	2006	-	Privada
UNB	Educação Física	DF	2006	-	Pública Federal
UFES	Educação Física	ES	2006	-	Pública Federal
UEL	Educação Física	PR	2006	-	Pública Estadual
UFV	Educação Física	MG	2007	-	Pública Federal
UFRJ	Educação Física	RJ	2007	-	Pública Federal
UFPEL	Educação Física	RS	2007	-	Pública Federal
FESP/UPE	Educação Física	PE	2008	-	Pública Estadual
UFSCAR	Terapia Ocupacional	SP	2009	-	Pública Federal

**Quadro 1**<sup>83</sup> – Caracterização dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física segundo denominação, localização geográfica, ano de criação dos cursos e natureza institucional

Fonte: Nascimento (2010, p. 106).

Com base nessas informações, é possível inferir que a alta circulação no GTT Escola de trabalhos provenientes dessas regiões configura uma situação de endogenia necessária<sup>84</sup> à área de Educação Física. Entretanto, é preciso compreender que é importante para o campo o volume de pesquisa advindo dessas regiões. Tendo em vista a distribuição econômica do Brasil, é de se esperar que a pesquisa científica mais qualificada seja originada nos polos científicos incrementados pelas políticas de pós-graduação.

Ressalta-se, ainda, que a concentração geográfica dos programas existentes nas regiões Sul e Sudeste fez, e continua fazendo, com que em muitos casos a escolha de um programa de outra área não ocorresse por opção mas por necessidade, as vezes como única alternativa de qualificação (SILVA, 2005, p. 63).

Essa situação também explica a baixa circulação de trabalhos elaborados por pesquisadores das outras regiões, uma vez que expressa a dificuldade de geração de recursos e estruturas que possibilitem o desenvolvimento da pós-graduação em

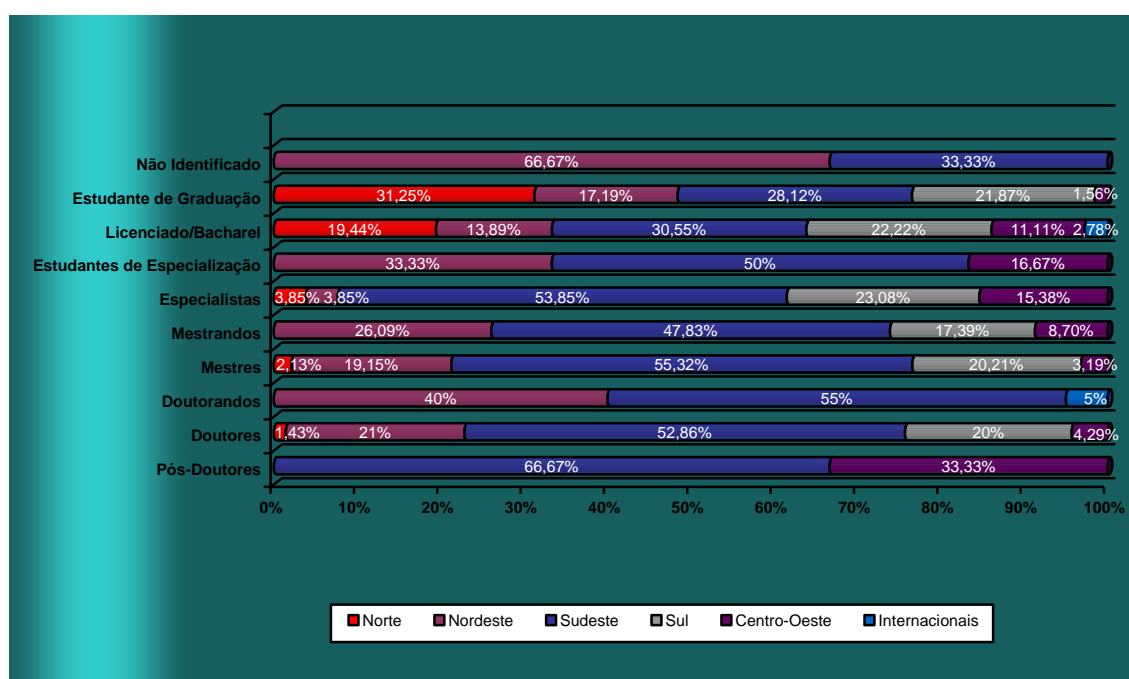
<sup>83</sup> Segundo Nascimento (2010), os programas que compõem o cenário da pós-graduação em Educação Física não apresentam uma homogeneidade em suas nomenclaturas, no entanto, todos os programas apresentados no Quadro 1 são considerados pela CAPES como pertencentes à área de Educação Física.

<sup>84</sup> Entendida como prática de autorreprodução que favorece a ampliação quantitativa e qualitativa da área.

nível de mestrado e doutorado fora dos grandes centros políticos e econômicos do Brasil.

Desse modo, uma interrogação emerge da comparação entre os dados do gráfico anterior e as informações contidas no quadro de Nascimento (2010), pois observa-se que, no período de 1997 a 2009, as publicações procedentes da Região Nordeste são em número maior do que as provenientes da Região Sul, porém o primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física da Região Nordeste somente foi implementado no ano de 2008.

O gráfico a seguir auxilia a elucidar as razões dessa recorrência ao demonstrar a distribuição territorial dos níveis de formação acadêmica<sup>85</sup> dos autores que veicularam pesquisas no GTT Escola. É importante frisar que não foi possível identificar a titulação de dois autores da Região Nordeste e de um da Região Sudeste, pois esses pesquisadores não informaram suas formações acadêmicas e não possuem currículo registrado na Plataforma Lattes.



**Gráfico 2** – Distribuição dos níveis de formação por região do Brasil dos pesquisadores que veicularam trabalhos no GTT Escola durante os CONBRACE de 1997 a 2009

Esses resultados foram construídos tomando como base a titulação apresentada nas 360 assinaturas autorais que, entre produções individuais e

<sup>85</sup> Como se sabe, os processos de formação não são vistos como títulos, entretanto essas categorias foram assim consideradas, por acreditar na existência de diferenças qualitativas das produções dos alunos dos programas de pós-graduação.

coletivas, ganharam circulação nos CONBRACEs. Nesse universo, encontram-se 54 estudantes de graduação: 17 (31,25%) são do Norte; 9 (17,19%) do Nordeste; 15 (28,12%) do Sudeste; 12 (21,87%) do Sul; 1 (1,56%) da região Centro-Oeste do Brasil.

Nesses eventos, identificou-se que 38 licenciados/bacharéis assinaram comunicações orais, de modo que 7 (19,44%), apresentaram vínculo com instituições do Norte do País; 5 estão lotados na Região Nordeste, representando 13,89% das assinaturas autorais; do Sudeste do Brasil foram encontradas 12 autorias, o que corresponde a 30,55%; da Região Sul foram identificados 9 pesquisas de professores, ou seja, 22,22%; por fim, do universo total de assinaturas da categoria foram identificados 4 autores da Região Centro-Oeste e 1 com vínculo em instituição internacional, representando 11,11% e 2,78%, respectivamente.

Os dados elaborados pelas produções do GTT Escola apontam para uma concentração dos estudantes de curso de especialização em três regiões, quais sejam: no Nordeste com 33,33%, o que representa 2 autores de um universo de 6; no Sudeste do País com 50%, ou seja, 3 assinaturas autorais; e 16,67% do alunado de especialização se concentra na Região Centro-Oeste do País, representando 1 autoria.

Já a disposição dos especialistas que assinaram trabalhos nas comunicações orais dos congressos analisados encontra-se mais distribuída territorialmente do que a dos estudantes de especialização, de modo que houve trabalhos assinados por especialistas de todas as regiões do Brasil, visto que, do universo de 26 autores, 3,85% possuem vínculo no Norte e no Nordeste do País, o que corresponde a 1 pesquisador em cada região; 53,85%, referentes a 14 autores, encontram-se lotados no Sudeste; 23,08% no Sul brasileiro, o que representa 6 assinaturas autorais; e 15,38% na Região Centro-Oeste, correspondendo a 4 autorias.

Quanto aos mestrados que assinaram publicações nos anais do GTT Escola durante os CONBRACEs de 1997 a 2009, observou-se que, do universo de 47 autores, 28,09% estavam vinculados a programas de pós-graduação da Região Nordeste, correspondendo a 12 autorias; 47,83%, ou 23 pesquisadores, apresentaram relação com instituições do Sudeste; 17,39% pertenciam a programas da Região Sul, ou seja, 8 assinaturas autorais; e 8,70% foram assinados por 4 mestrados da região Centro-Oeste.



Dos trabalhos assinados por mestres, observa-se, no gráfico que, de um total de 94 autorias, a procedência territorial dessas produções são da Região Norte com 2,13%, representando 2 pesquisadores; 19,15%, ou seja, 18 assinaturas são de autores com vínculo no Nordeste do País; 55,32% são de 52 pesquisadores do Sudeste brasileiro; 20,21%, valor correspondente a 19 autores com vínculo na Região Sul; já no Centro-Oeste do Brasil concentram-se 3,19% dos mestres que assinaram trabalhos nos congressos estudados, equivalendo a 3 autores.

O gráfico demonstra que as pesquisas do GTT Escola realizadas por doutorandos são provenientes basicamente de duas regiões do País, quais sejam: Região Nordeste com 40% dessas assinaturas autorais, correspondendo a 8 pesquisadores; e Região Sudeste representando 55%, ou seja, 11 autores; também foi encontrada a assinatura de um autor com vínculo em instituição internacional, o que corresponde a 5% dessas autorias.

Sobre a disposição dos doutores que publicaram nas comunicações orais em investigação, a representação gráfica aponta para uma maior distribuição desses pesquisadores no território nacional em relação aos doutores em processo de formação, pois, assim como acontece com os mestres, observa-se que as pesquisas realizadas por doutores são provenientes de todo o Brasil.

Nota-se também que, de um total de 69 autorias, os trabalhos procedem em menor escala da Região Norte, com 1,43%, e no Centro-Oeste, com 4,29%, representando, respectivamente, 1 e 3 dessas assinaturas autorais. Em maior escala percebem-se as investigações procedidas por doutores da Região Nordeste com 21,43%, o que representa a autoria de 15 pesquisadores; Sul que reúne 20% dessas assinaturas, ou seja, 14 estudiosos; e a Região Sudeste com a maior concentração de pesquisas de doutores publicadas no GTT Escola, dado que 52,86% apresentaram vínculo institucional com instituições dessa região, ou seja, 36 autores com formação completa em cursos de doutorado.

Por fim, o Gráfico 2 demonstra que, nas produções analisadas, existe a assinatura autoral de 3 pesquisadores com formação em cursos de pós-doutorado. Os vínculos institucionais de 2 desses autores localizam-se na Região Sudeste, ou seja 66,67% do total, e 1 encontra-se vinculado na Região Centro-Oeste do País, representando 33,33% dos autores com essa formação.

Esses dados possibilitam inferir que, quanto mais elevada for a formação dos autores no campo da Educação Física, maior será a concentração deles na Região

Sudeste do País. Esse movimento se explica pela demanda de produção e financiamento originada do aprimoramento da formação do pesquisador. Nesses termos, a existência de maiores possibilidades de captação de recursos, bem como o maior número de universidades e centros de pesquisa nesses polos econômicos causam uma concentração dos pesquisadores mais gabaritados no Sudeste brasileiro.

O gráfico também apresenta indícios de que os pesquisadores em formação que circularam pelo GTT Escola no período de 1997 a 2009 buscaram qualificação acadêmica em programas de pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu* nas regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Assim, a recente implementação de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física nas regiões Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, apontada por Nascimento (2010), permite afirmar que, antes desse advento, muito provavelmente, esses pesquisadores buscaram qualificar-se em programas da área da Educação, principalmente se considerarmos a especificidade temática desse GTT do CBCE.

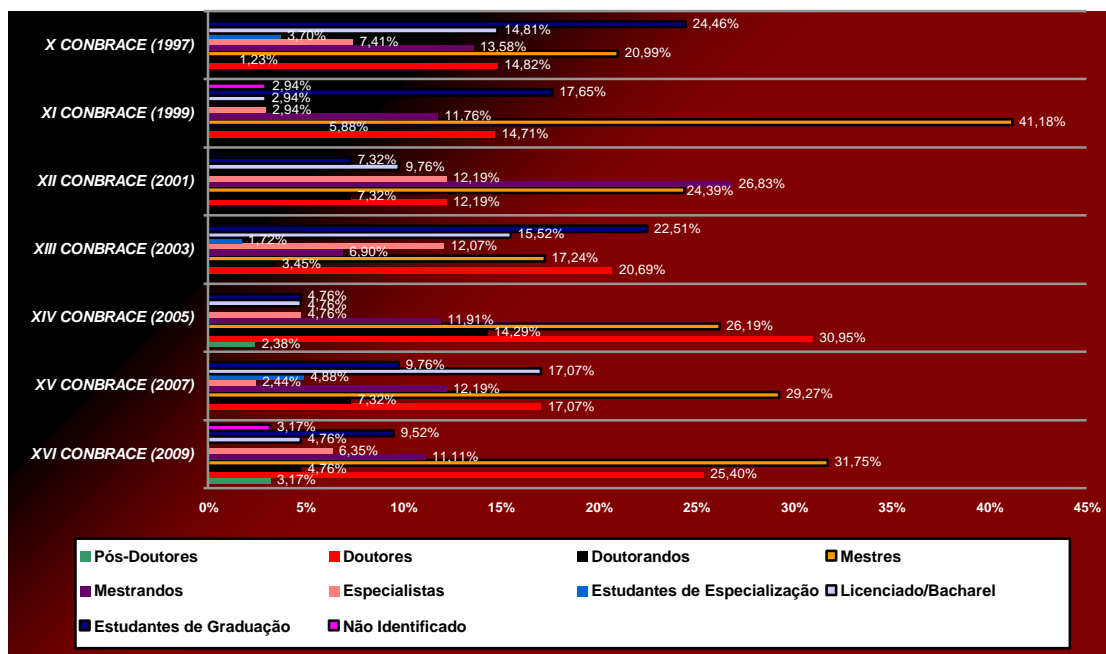
### 3.2 DA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PESQUISADORES NOS CONBRACEs (1997-2009)

Sobre a titulação acadêmica dos autores que veicularam trabalhos na comunicação oral do GTT Escola durante os X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACEs, os dados “consumidos” (CERTEAU, 1994) nesta pesquisa apontam, no decorrer dos eventos, para uma alta variabilidade de níveis de formação desses pesquisadores.

Nesses termos, categorizando os autores de acordo com suas titulações, o gráfico a seguir procurou apresentar o modo como eles se distribuíram no decorrer dos congressos.

Assim, observa-se no X CONBRACE que, dos 81 pesquisadores que assinaram pesquisas no evento, 19 eram estudantes de graduação, ou seja 23,46%; 12 detinham o título de licenciado/bacharel, o que representa 14,81% do total; 3 dos autores eram estudantes de especialização, correspondendo a 3,70%; 6 assinaram como especialistas, representando 7,41% dos autores; 11 pesquisadores eram mestrandos, ou seja, 13,58%; 17 assinaram sob o título de mestre, o que

corresponde a 20,99% desse universo; 1 publicou na qualidade de doutorando, isto é, 1,23% do total; e 12 pesquisadores que veicularam trabalhos nesse eventos detinham a titulação de doutor, totalizando 14,82%.



**Gráfico 3** – Titulação dos autores que veicularam pesquisas na comunicação oral do GTT Escola durante os X, XII, XIII, XIV, XV, XVI CONBRACES

No XI CONBRACE, dos 34 autores que assinaram as pesquisas veiculadas nesse evento, um deles não teve titulação identificada, ou seja, 2,94% do total, dada a indisponibilidade dessa informação nos anais do evento e na Plataforma *Lattes*.

Desse modo, observa-se que, dos autores que participaram do fórum ocorrido em 1999 no GTT Escola, 17,65% eram estudantes de graduação, o que representa 6 autorias; é apresentado no Gráfico 3 que, nesse evento, 2,94% dos autores detinham o título de licenciados/bacharéis, o que corresponde a 1 pesquisador. Esses mesmos números também são encontrados para os autores titulados como especialistas; 11,76% eram estudantes de mestrado, o que representa 4 autorias; 41,18% eram mestres, ou seja, 14 autores; os estudantes de doutorado corresponderam a 5,88% do total, o que representa 2 pesquisadores; e 14,71% das autorias dos trabalhos veiculados no XI CONBRACE foram assinadas por doutores, o que corresponde a um total de 5 autorias.

No XII CONBRACE, o panorama configura-se da seguinte maneira: do universo de 41 autores, os estudantes de graduação corresponderam a 7,32%, ou

seja, 3 pesquisadores; os licenciados/bacharéis representaram 9,76%, o que equivale a 4 autorias; 12,19% detinham o título de especialistas, valor que corresponde a 5 investigadores; os estudantes de mestrado equivaleram a 26,83%, o que representa 11 assinaturas autorais; 24,39% publicaram trabalhos na condição de mestre, ou seja, 10 autores; os doutorandos figuraram com 7,32% das autorias, equivalendo a 3 estudiosos; e 12,19%, ou seja, 5 pesquisadores assinaram os trabalhos na condição de doutor.

A ilustração gráfica demonstra que, no evento subsequente, a titulação dos 58 pesquisadores que circularam no fórum do GTT Escola realizado no XIII CONBRACE foi composta de 22,51%, ou seja, 13 estudantes de graduação; 15,52% de licenciados/bacharéis, o que corresponde a 9 pesquisadores; 1,72% do grupo estudantes de especialização, equivalendo a 1 autor; 12,07% de especialistas, representando 7 estudiosos; 6,90% de mestrandos, correspondente a 4 assinaturas autorais; 17,24% com a titulação de mestre, ou seja, 10 pesquisadores; 3,45%, o equivalente a 2 estudantes de doutorado; e 20,69% doutores, o que representa um total de 12 pesquisadores.

Na sequência dos dados, observa-se, no XIV CONBRACE, que, dos 41 autores que publicaram trabalhos no GTT investigado, os pesquisadores nas condições de estudante de graduação, licenciados/bacharéis e especialistas corresponderam cada um a 4,76% do total, o que representa 2 assinaturas autorais de cada categoria; os estudantes de mestrado somaram 11,91% dos autores, o que equivale a 5 mestrandos; 26,19% das autorias foram compostas por 11 mestres; 14,29% dos pesquisadores assinaram como doutorandos, ou seja, 6 estudiosos; os doutores equivaleram a 30,95%, o que representa 12 autorias. Por fim, nesse congresso, aparece pela primeira vez uma assinatura autoral de pesquisador com formação em pós-doutorado, correspondendo a 2,38% do universo total.

O gráfico demonstra que, no XV CONBRACE, dos 41 pesquisadores que obtiveram aprovações nas comunicações orais do GTT Escola, 4 assinaram trabalhos na condição de estudante de graduação, representando 9,76% do total; 7 detinham o título de licenciados/bacharéis, ou seja, 17,07% dos autores; 2 como estudantes de especialização, equivalendo a 4,88% das autorias; 1 estudioso titulado como especialista, representando 2,44% das assinaturas autorais; 5 publicaram durante o curso de mestrado, correspondendo a 12,19% dos pesquisadores; 12 veicularam suas produções sob o título de mestre, ou seja,

29,27%; 3 autores assinaram os trabalhos enquanto cursavam o doutorado, o que equivale a 7,32% dos estudiosos; e 7 autores publicaram suas pesquisas na condição de doutores, representando 17,07% do total.

Por fim, no XVI CONBRACE, aparecem novamente pesquisadores que não apresentam o nível de formação, o que equivale a 3,17% do universo de 64 autorias, ou seja, 2 pesquisadores. Das autorias identificadas, observa-se a seguinte distribuição: 9,52% eram estudantes de graduação, o que equivale a 7 estudantes; 4,76% eram licenciados/bacharéis, ou seja, 3 professores; 6,35% de especialistas, correspondendo a 4 autorias; 11,11% estudantes de mestrado, o que equivale a 7 mestrandos; 31,75% detinham o título de mestre, representando 20 pesquisadores; 4,76% eram estudantes de doutorado, ou seja, 3 doutorandos; 25,40% eram titulados como doutores, o que corresponde a 16 pesquisadores; e novamente aparecem assinaturas de 2 pós-doutores, com 3,17% das representações autorais.

Os dados apresentados indicam que, no decorrer dos eventos, a massa crítica de pesquisadores dessa comunidade científica sofreu alterações qualitativas, uma vez que, nos congressos de 1997, 1999 e 2003, se percebe uma forte presença de alunos de graduação assinando trabalhos. Essa situação, muito provavelmente, é resultado da implementação, em 1988, de políticas de formação de jovens pesquisadores por meio do Programa Integrado de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq,<sup>86</sup> indicando que uma parcela considerável das pesquisas veiculadas nos fóruns daqueles anos, possivelmente, eram frutos de trabalhos de iniciação científica, principalmente se considerarmos que o acesso à pós-graduação *stricto sensu* em instituições públicas até 2003 era bastante restrito.<sup>87</sup>

No congresso de 2001, ocorre uma descontinuidade dessa relação, pois os índices de circulação de estudantes de graduação nas comunicações orais do GTT Escola reduziram-se bastante e, em detrimento do crescimento das assinaturas autorais de mestrandos, essa descontinuidade aponta para a tendência ocorrida nos eventos de 2005 a 2009, nos quais os mestres, doutores e os autores vinculados à pós-graduação *stricto sensu* representaram a maior parte das autorias dos trabalhos desses congressos. Esses dados encontram eco nas ponderações de Resende e Votre (2003), ao afirmarem que, historicamente, as práticas de pesquisa no Brasil

---

<sup>86</sup> Ver pesquisa de Tenório e Beraldi (2010).

<sup>87</sup> Segundo os dados de Nascimento (2010), até 2003, existiam no Brasil apenas oito programas de pós-graduação *stricto sensu* em instituições públicas: quatro em universidades federais e quatro em estaduais.

mantêm relação bastante imbricada entre a pós-graduação *stricto sensu* com a produção científica.

Para Resende e Votre (2003), especialmente na área de Educação Física, o surgimento dos primeiros programas de mestrado e doutorado, durante as décadas de 1970 e 1980, contribuíram qualitativamente para o desenvolvimento técnico e científico do campo. Assim, de maneira geral, essa participação, cada vez mais ampla da pós-graduação na comunidade científica do GTT Escola, principalmente de mestres e doutores, indica a possibilidade de os textos apresentados por esses autores nesse fórum serem recortes de suas respectivas dissertações de mestrado e teses de doutorado, pressupondo uma qualificação diferenciada dos estudos postos em circulação no GTT.

Outro ponto a ser salientado é que os dados que apontam para o crescimento do número de pesquisadores com formação em programas *stricto sensu* no campo da Educação Física encontram eco na publicação realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), que desenvolveu um estudo demográfico sobre o desenvolvimento e distribuição da base técnico-científica brasileira e indica um crescimento do número de profissionais com formação em nível de mestrado e doutorado.<sup>88</sup>

Há que assinalar também o fato de que o número de programas de doutorado já é relativamente muito menos concentrado geograficamente do que o número de titulados nestes programas. No ano de 2008, a região Sudeste tituló 70,1% dos doutores titulados no Brasil, mas ela tinha apenas 60,4% do número de programas de doutorado existentes no País. Ademais, o crescimento mais acelerado no número de programas de doutorado das regiões de menor tradição na pós-graduação pode estar antecipando uma tendência de aceleração da formação de doutores nessas regiões na medida em que os programas mais novos vierem a se consolidar (DOUTORES, 2010, p. 34-35).

Esse panorama indica que, na área de Educação Física, como, de maneira geral, no setor de ciência e tecnologia do País, os investimentos em políticas científicas, iniciados mais fortemente no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, vêm surtindo o efeito esperado, uma vez que a base técnico-científica nacional tem-se consolidado com o gabarito necessário para sustentar a pesquisa científica de ponta. Em contrapartida, Sguissardi e Silva Júnior (2009) ponderam que o desenvolvimento dos critérios de avaliação universal construídos para possibilitar a

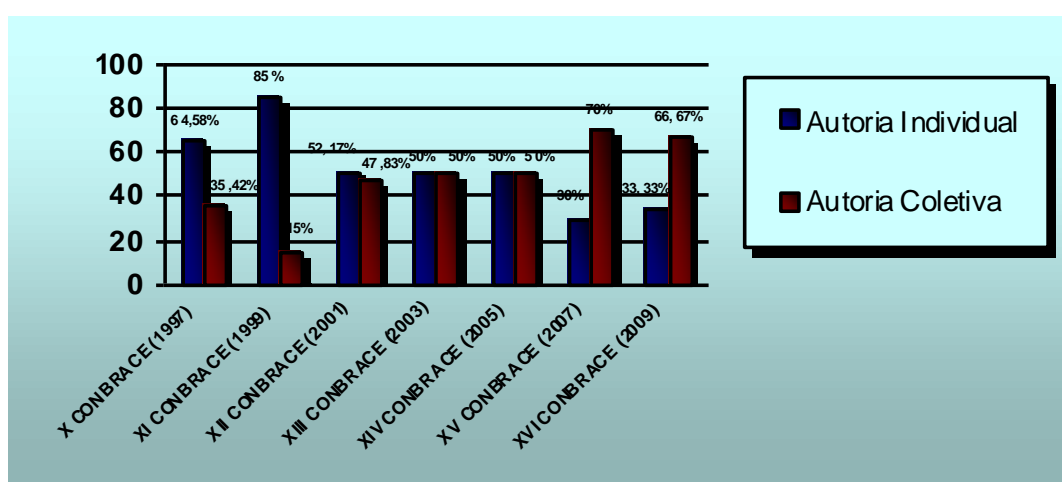
---

<sup>88</sup> Ver Doutores (2010).

manutenção e aprimoramento desse sistema parece cobrar um alto preço na qualidade de vida<sup>89</sup> dos pesquisadores que desejam manter-se na pós-graduação.

### 3.3 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO GTT ESCOLA: DA RELAÇÃO AUTORAL E DA ORGANIZAÇÃO EM GRUPOS DE PESQUISA

Utilizando como base os 360 autores, entre estudantes de graduação e pós-doutores, que publicaram os 177 trabalhos veiculados na comunicação oral do GTT Escola, nota-se a existência de duas maneiras de circulação de pesquisas, quais sejam: a publicação de trabalhos com autoria de apenas um pesquisador e estudos assinados por dois ou mais autores, o que, nesta pesquisa, foi considerado autoria coletiva.



**Gráfico 4** – Evolução da produção individual e coletiva nos CONBRACEs de 1997 a 2009

O Gráfico 4 permite observar a existência de três momentos distintos referentes aos modos como a comunidade científica da Educação Física e o CBCE se organizam para produzir trabalhos em grupo ou individualmente.

No primeiro momento, situado entre os congressos realizados em 1997 e 1999, nota-se que as pesquisas dessa comunidade eram produzidas mais de modo individual, com 64,58% (31 pesquisas) no primeiro ano e 85% (17 pesquisas) no

<sup>89</sup> Entre essas questões, Sguissardi e Silva Júnior (2009) ressaltam que a intensificação do trabalho nas universidades tem contribuído para o desenvolvimento de situações como estresse, jornadas de trabalho estafantes, introdução de uma lógica acadêmica produtivista, bem como o desgaste de funcionários e das relações interpessoais.

segundo, do que coletivamente, correspondendo a 35,42% (17 pesquisas) e 15% (3 pesquisas) em 1997 e 1999, respectivamente.

O “pico” desse modo de organização das pesquisas ocorre no XI CONBRACE, quando a maior parte dos trabalhos teve a autoria assinada por apenas um pesquisador. Um indício (GINZBURG, 1988) que permite inferir explicação para essa maior concentração no congresso de 1999 foi o formato de artigos da RBCE adotado para os textos publicados nesse evento, fator que pode ter servido de incentivo aos pesquisadores consolidados no campo para enviarem suas pesquisas à apreciação dos pares no congresso.

O segundo momento concentra-se nos CONBRACEs ocorridos entre os anos de 2001 e 2005, que demonstra uma descontinuidade nos tipos de autoria dos trabalhos, visto que ocorre uma equiparação no número de pesquisas assinadas por apenas um autor e os construídos por um coletivo de pesquisadores. Observa-se, no congresso de 2001, uma pequena variação de percentual entre as produções de autoria individual e as coletivas, dado que a primeira representou 52,17% das publicações, ou seja, 12 trabalhos, e a segunda, com 47,83%, corresponde a 11 produções. Já nas 20 produções do XIII CONBRACE e nas 22 veiculadas no XIV CONBRACE, a assinatura autoral dividiu-se em 50%, tanto para a individual, quanto para a coletiva.

Esse equilíbrio entre as publicações conjuntas e solo pode ter sido gerado por uma política do CBCE de privilegiar as duas modalidades de pesquisa, mas também pode ter sido o impacto de uma maior participação em grupos de pesquisa por parte dos pesquisadores que publicam no GTT Escola, bem como em programas de pós-graduação, indicando a participação conjunta de orientadores e orientandos nesses congressos.

A publicação da Portaria nº 051, de junho de 2004, pela CAPES, confere força a essa argumentação, uma vez que esse documento foi elaborado com o objetivo de fixar “[...] normas e procedimentos para a avaliação anual de propostas de cursos de mestrado e doutorado e define a concepção do aplicativo a ser utilizado para o encaminhamento de tais propostas” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004, p. 1).

Assim, esse documento traz, como um dos critérios para a implantação de programas de pós-graduação e de avaliação dos cursos em atividade, a existência de um professorado gabaritado com produção científica qualificada no campo, para assegurar a regularidade do curso. Segundo o mesmo documento, esses processos



devem ser fomentados pela organização e maturação de grupos de pesquisa com capacidade para alimentar as áreas de concentração de estudo que compõem os programas de pós-graduação.

O terceiro movimento é identificado nos XV e XVI CONBRACEs. Trata-se da inversão dos processos ocorridos nos congressos de 1997 e 1999, ou seja, a mudança no perfil das publicações no campo, passando então a existir um maior volume de trabalhos com autoria coletiva do que estudos assinados individualmente.

Assim, já no congresso de 2007, acompanha-se a maior concentração de pesquisas coletivamente elaboradas, em que 70% dos estudos foram assinados por um conjunto de pesquisadores, o que corresponde a 14 trabalhos, enquanto 30% foram submetidos individualmente, ou seja, 6 produções. No evento de 2009, o GTT Escola teve 24 estudos veiculados como comunicação oral. Desse universo, 33,33% (8 pesquisas) foram publicados sob autoria individual, enquanto 66,67% (16 pesquisas) circularam com a assinatura autoral de dois ou mais pesquisadores.

Nesses termos, a elevação do número de produções coletivas aponta para uma mudança no perfil organizacional da comunidade científica da Educação Física em atendimento às políticas de pós-graduação, revelando uma “tática” (CERTEAU, 1994) dos pesquisadores do campo em frente à cobrança por produtividade imposta pela CAPES.

Inicialmente, pode parecer contraditório o argumento de que o crescimento da circulação de pesquisadores com vínculo em pós-graduação e do número de autorias coletivas no GTT Escola seja uma tentativa de atingir as metas de produtividade exigidas pelas agências de avaliação, principalmente se considerarmos o fato de que publicações em congressos têm avaliação baixa na área de Educação Física. No entanto, é preciso pôr em relevo que, nesse campo científico, ainda existem poucas revistas científicas bem qualificadas no sistema *Qualis* da CAPES, ainda mais as que, tradicionalmente, atendem à demanda originada das pesquisas de cunho sociocultural.

Nesses termos, é possível tensionar os espaços de congressos como momentos de construção e estreitamento de laços profissionais. Assim, a participação dos pesquisadores em eventos científicos pode ser percebida não apenas com o propósito de fazer circular e debater o conhecimento produzido, mas, também, para estabelecer redes de colaboração, permitindo acúmulo de “capital

simbólico” (BOURDIEU, 2005) e, conseqüentemente, posterior conquista de espaço no campo científico.

Sobre o número de pesquisadores assinando um mesmo trabalho, Meadows (1999) pondera que, na comunicação científica, os autores de uma pesquisa deveriam ser mencionados tomando como base a relevância da contribuição de cada pesquisador durante a elaboração do estudo. Porém, considera que, em trabalhos nos quais vários autores cooperaram em diversos aspectos da pesquisa, a importância relativa de suas colaborações torna-se algo difícil de determinar.

Desse modo, considerando que algumas das comunicações orais do GTT foram assinadas por nove ou mais autores,<sup>90</sup> é possível afirmar a impossibilidade de se justificar a participação efetiva de todos os pesquisadores. Entretanto, é preciso salientar que essa prática na pesquisa é uma propensão em trabalhos científicos, pois, com a cobrança cada vez mais acirrada por publicação por parte da CAPES, os pesquisadores tendem a utilizar cada vez mais esse artifício.

Nesses termos, ganha saliência a afirmação de que parte dos pesquisadores que compõem a “lista telefônica” autoral de alguns dos trabalhos aprovados para a comunicação oral do GTT Escola, possivelmente, não contribuíram de maneira relevante para o desenvolvimento dos estudos, de modo que, provavelmente, somente assinaram esses trabalhos, por fazerem parte de um mesmo grupo de pesquisa.

---

<sup>90</sup> Essa situação pôde ser vista no X CONBRACE no trabalho “A razão da dança sem razão: refletindo as possibilidades da dança na educação”, assinado por Maria do Carmo Saraiva-Kunz, Alessandra Del Pra, Alessandra Lemos, Carlos Luis Paim Filho, Daniela Ramos Dias, Deise Cruz, Elaine Cristina P. de Lima, Fátima Cristina Valle Leitão e Tais Raquel Ternes (9 autores);

No texto “Diagnóstico da educação física escolar no Estado do Espírito Santo: o imaginário social do professor”, publicado no XI CONBRACE e assinado por Andréia Dias, Emilene C. dos Santos, Fernanda Paiva, Francisco Eduardo Caparroz, Giulliana V. Polati, José C. Frade, Nilda A. S. Souza, Kalline P. Aroeira, Omar Schneider, Rosely M. S. Pires, Sandra Soares Della Fonte e Valter Bracht (12 autores).

No XIII CONBRACE, na pesquisa “A (des)orientação normativa do ensino da educação física nas escolas”, de autoria de Silvana M. de Araújo, Agripino A L. Junior, Marileide M. dos S. Silva, Maria Aparecida de A C. Mota, Wanderson G. Robson, Telésforo N. R. de Sousa, Francisca das C. O Elias, Jorge César S. Mendes, Mara Portela, Maria do Socorro P. de Carvalho, Ana Teresa R. Ferreira, Aline S. Andrade, Ana Karine P. Miranda, Carolina dos R. Cordeiro, Izolina Ângela da S. Borges, Karine Daniely C.da Silva, Karla Régia F. Viana, Raffaelle Andressa dos Santos, Rodrigo Ferreira e Taiana F. Pinto (20 autores).

No XVI CONBRACE, no trabalho “Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão”, assinado por Marcílio Souza Júnior, Roberta Granville, Ana Rita Lorenzini, Gina Guimarães, Hilda Sayone, Rita Cláudia Ferreira, Eliene Lacerda Pereira, Deise França, Marcelo Tavares, Rosângela Cely Lindoso e Fábio Cunha de Sousa (11 autores).

É importante salientar que o fato de esses trabalhos apresentarem um elevado número de autores não significa que esses pesquisadores recorreram às modalidades de “autoria de presente” (COIMBRA JÚNIOR, 1998) e de “Autoria convidada” ou “pressionada” (MONTEIRO et al., 2004).

É possível inferir que a situação da composição autoral identificada no GTT Escola parece se aproximar do que Coimbra Júnior (1998) denomina de “autoria de presente”. O termo aplica-se aos trabalhos em que a autoria é constituída por pesquisadores

[...] cuja contribuição para a investigação, mesmo bastante periférica, ainda assim se consubstancia na forma de co-autoria, conferindo mérito não inferior àqueles recebidos pelos pesquisadores que efetivamente conceberam, obtiveram financiamentos, executaram e redigiram o trabalho (COIMBRA JÚNIOR, 1998, p. 1).

Segundo Coimbra Júnior (1998), essa prática de pesquisa encontra-se perpassada por uma forte relação de reciprocidade, de modo que uma autoria dada como presente torna-se uma moeda de troca para uma retribuição futura. Essa rede de “favores” pode produzir carreiras científicas com produtividade bastante elevada, mesmo que não sedimentada na efetiva elaboração de pesquisas originais.

Outras possibilidades de explicação para o ocorrido no GTT Escola ressoam na pesquisa de Monteiro et al. (2004). Ao estudarem a questão da autoria na área médica, ponderam sobre alguns desvios e práticas não éticas que frequentemente ocorrem no estabelecimento de autoria em publicações científicas. Essas práticas são identificadas como:

Autoria e/ou co-autoria ‘convidada’ (guest authors) – pessoas que têm seus nomes incluídos como autores em um trabalho do qual não participaram. As razões para essa prática são as mais variadas, como agradar a pessoas hierarquicamente superiores, aumentar as chances de publicação do trabalho com a inclusão de nomes de maior prestígio e reconhecimento científico ou, ainda, troca de favores [...].

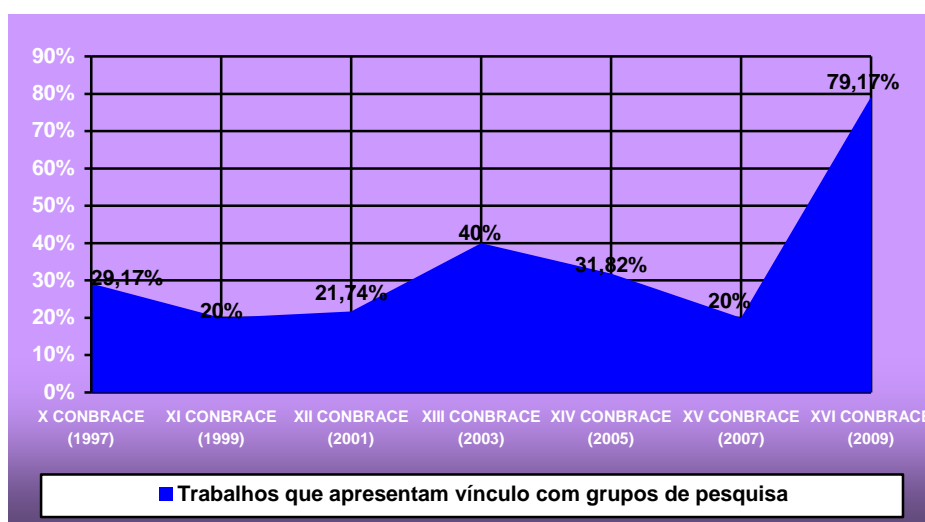
Autoria e/ou co-autoria ‘pressionada’ – ocorre quando o responsável por um grupo exige a inclusão de seu nome em todos os trabalhos realizados por membros da sua equipe, mesmo naqueles onde sequer leu a redação final [...] (MONTEIRO et al., 2004, p. 4).

Nas pesquisas científicas, essas práticas têm implicações importantes, por exemplo, na concessão de financiamento e de promoções acadêmicas. Além disso, ferem “[...] um dos princípios básicos da ciência que é a transparência, colocando em jogo toda a credibilidade da pesquisa” (MONTEIRO et al., 2004, p. 4).

Sem dúvida, esse assunto é polêmico e delicado, de modo que esse movimento vem sendo interpretado como uma espécie de solidariedade corporativa de manutenção e alavancagem de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação. Infere-se que esse processo tem objetivos anunciados e necessários à possível ampliação e qualificação da formação profissional em Educação Física.

Assim, mesmo havendo uma variação percentual entre as relações autorais nas publicações veiculadas no GTT Escola, durante os XV e XVI CONBRACEs, é possível observar a manutenção do panorama, dado que as produções coletivas permanecem em maior número do que as individuais. Esse processo pode indicar a consolidação de grupos de pesquisa especializados em estudos escolares no campo da Educação Física.

No entanto, o gráfico seguinte parece apontar para uma relação um pouco diferenciada no que diz respeito à organização em grupos de pesquisa.



**Gráfico 5** – Percentual de trabalhos vinculados a grupos de pesquisa no GTT Escola nos CONBRACEs de 1997 a 2009

Primeiramente, é necessário explicar que, além dos textos publicados coletivamente, o gráfico anterior foi elaborado considerando-se como estudos construídos por grupos de pesquisa os trabalhos assinados individualmente. Porém, nesse caso, o autor, necessariamente, indicou um vínculo com algum grupo de pesquisa, registrado ou não, no Diretório de Grupos do CNPq.

Essa classificação foi assim considerada por se entender que as pesquisas elaboradas por autores com participação em um grupo especializado em um determinado assunto expressam não apenas as concepções e ideologias de um pesquisador, mas sim do grupo ao qual ele é vinculado.

Feitas essas ponderações, o Gráfico 5 expressa a movimentação de grupos de pesquisa nos trabalhos do GTT Escola e mostra uma certa estabilidade quanto a essa circulação, apresentando apenas dois momentos de alteração, um salientado no XIII CONBRACE e outro mais acentuado no XVI CONBRACE.

As informações existentes nesse gráfico indicam que o número de produções originadas pelo trabalho de grupos de pesquisa foi efetivamente baixo no X CONBRACE, com 29,17%, correspondendo a 14 estudos de um universo de 48, e no XI CONBRACE, quando 20% dos textos foram escritos por pesquisadores vinculados a grupos, efetivando 4 pesquisas de um total de 20, mantendo-se a coerência entre esses dados e os referentes à tipologia autoral nos mesmos congressos.

Cruzando-se os dados do Gráfico 5 com os apresentados no mesmo período no Gráfico 4, percebe-se que o número de estudos produzidos por grupos de pesquisa no XI CONBRACE é maior do que os textos elaborados sob autoria coletiva, o que denota a existência de trabalhos publicados individualmente, cujos autores apresentam vínculo com grupos de pesquisa, prática recorrente em todos os congressos.

Dentro do mesmo cotejamento, observa-se que, contraditoriamente, em dois dos três CONBRACEs, realizados em 2001 e 2005, quando se equiparou o número de trabalhos publicados individualmente com os assinados por um grupo de autores, não ocorreu o aumento da participação de grupos de pesquisa. Nos termos de Ginzburg (1988), esse movimento indiciariamente aponta para o perfil da comunidade científica da Educação Física, dado que, aparentemente, os pesquisadores do campo organizam produções conjuntas, tendo como base a relação estabelecida entre orientadores e orientandos.

Nesses termos, a elevação do número de trabalhos de grupos de pesquisa no XIV CONBRACE poderia representar uma alteração no panorama da pesquisa em Educação Física escolar, que passaria a se organizar em pequenas associações especializadas em temáticas pontuais. Todavia, a posterior depressão da circulação dos grupos ocorrida no congresso subsequente e a recorrência desse fato no XV CONBRACE indicam uma sazonalidade na relação entre os estudiosos e os grupos de pesquisa, de modo que se torna possível inferir que, no campo da Educação Física, os vínculos com grupos se realizam durante o processo de formação dos pesquisadores, mas desfazem-se após esse ciclo.

Os dados apresentados no Gráfico 5 apontam que 79,17% dos trabalhos veiculados no GTT Escola durante o XVI CONBRACE foram organizados por grupos de pesquisa, ou seja, 19 de um universo de 24 trabalhos. Esse dado representa um aumento considerável em relação aos fóruns anteriores, indicando um crescimento

no número de grupos de pesquisa circulando no CBCE, bem como no campo da Educação Física, como apresentado no quadro a seguir.

GRUPOS DE PESQUISA	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	Total
LESEF	2	1	1	-	1	-	2	7
LOEDEFE	7	-	-	-	-	-	-	7
LEPEL	-	-	-	1	2	-	1	4
Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento	-	-	-	1	1	1	-	3
NEPECC	-	1	-	2	-	-	-	3
PROTEORIA	-	-	-	1	1	-	1	3
GEPEFEL	-	-	-	-	-	-	2	2
LEEFEL	-	-	-	-	2	-	-	2
NEPEF	2	-	-	-	-	-	-	2
BACOR	-	-	-	1	-	-	-	1
Base de Pesquisa Corporeidade e Educação	-	-	1	-	-	-	-	1
CAJ	1	-	-	-	-	-	-	1
CARTE	-	-	-	-	-	-	1	1
Centro de Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer	-	-	-	-	-	-	1	1
Centro de Estudos em Educação Física	-	1	-	-	-	-	-	1
CEPAE-	-	-	1	-	-	-	-	1
COLTEC	-	-	-	-	-	1	-	1
Corporeidade e Ludicidade	-	-	-	-	-	-	1	1
EDUC	-	-	-	-	-	-	1	1
Espaços educativos, produção e apropriação de conhecimentos matemáticos	-	-	-	-	-	-	1	1
ETHNÓS	-	-	-	-	-	-	1	1
ETHNÓS	-	-	-	-	-	1	-	1
GEPPEF	-	-	-	1	-	-	-	1
Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade	-	-	-	-	-	-	1	1
Grupo de Estudos sobre o Esporte Escolar	-	-	1	-	-	-	-	1
Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar	-	-	-	-	-	-	1	1
Grupo de Pesquisa em Educação Física/Ginástica Geral	-	-	1	-	-	-	-	1
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral	-	1	-	-	-	-	-	1
Grupo de Pesquisa em Pedagogia do Movimento Humano e Educação Física Escolar	-	-	-	-	-	-	1	1
Grupo de Trabalho Ampliado em Educação Física	1	-	-	-	-	-	-	1
Grupo Sarandeiros	-	-	-	-	-	-	1	1
LABORARTE	-	-	-	-	-	-	1	1
Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física e Esportes	-	-	-	1	-	-	-	1
LACIHS	1	-	-	-	-	-	-	1
Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea	-	-	-	-	-	1	-	1
PRÁXIS	-	-	-	-	-	-	1	1
Psicologia do Esporte e da Atividade Física	-	-	-	-	-	-	1	1
<b>TOTAL DE GRUPOS DE PESQUISA POR CONBRACE</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>7</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>17</b>	<b>48</b>
<b>TOTAL DE TRABALHOS POR CONBRACE</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>61</b>

**Quadro 2** – Trabalhos publicados por grupos de pesquisa nos CONBRACES de 1997 a 2009

O quadro anterior apresenta a listagem de todos os grupos de pesquisa que veicularam trabalhos durante os CONBRACES de 1997 a 2009. Os dados demonstram que, nesse período, 48 grupos de estudo circularam nesses congressos, publicando 60 textos. O crescimento do número de grupos de pesquisa, observado no Gráfico 5, confirma-se nos índices desse quadro, com ênfase no congresso de 2009, quando os 19 trabalhos publicados sob a chancela desses grupos são assinados por autores vinculados a 17 grupos distintos.

É possível inferir que esse aumento no número de trabalhos vinculados a grupos de pesquisa é um efeito das intervenções da CAPES, pois, como nos diz Lovisolo (2003), as políticas públicas brasileiras têm associado a pós-graduação *stricto sensu* diretamente à pesquisa, abrangendo linhas e terminologias desenvolvidas pela agência. Ainda determina que o desenvolvimento de grupos de pesquisa deve anteceder à criação de programas de pós-graduação. Por razões dessa imposição, segundo Lovisolo (2003), tem aumentado cada vez mais o sentimento de que não estar inserido nesses grupos e não figurar o currículo na Plataforma Lattes constitui um processo de marginalização acadêmica.

Desse modo, o aumento no número de programas de mestrado e doutorado em Educação Física, na década de 2000, apontado por Nascimento (2010), coaduna com o crescimento da circulação desses grupos de pesquisa nas instâncias do CBCE, uma vez que a sobrevivência acadêmica, na realidade das políticas científicas brasileiras, faz com que os pesquisadores, cada vez mais, busquem produzir seus trabalhos coletivamente, dentro dos grupos de pesquisa, mesmo com os riscos de uma atuação nos limites da “mediocridade possível” (LOVISOLO, 2003).

O Quadro 2 também apresenta um efeito peculiar ocorrido no X CONBRACE, quando apenas 6 grupos publicaram os 14 trabalhos de autoria de institutos de pesquisa, dos quais 7 foram assinados pelo mesmo conjunto de pesquisadores, qual seja, os do Laboratório de Observação e Estudos Descritivos em Educação Física e Esporte (LOEDEFE), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), então liderados por Celi Taffarel, o que corresponde a 12,5% dos 48 trabalhos veiculados no congresso de 1997.

O elevado número de trabalhos desse mesmo grupo permite inferir que, no ano de 1997, a comunicação oral do GTT Escola demonstrou a influência epistemológica que, naquele momento, os pesquisadores do LOEDEFE exerciam no interior do GTT. Assim, considerando-se o papel político representado pela doutora Celi Taffarel no interior do CBCE, é possível afirmar que a força política do LOEDEFE se estendia aos cargos de liderança no interior da instituição.

No entanto, como se vê, esse grupo apresentou essa alta performance somente no X CONBRACE, não publicando nenhuma pesquisa nos congressos subsequentes. Provavelmente, o desaparecimento da produção do LOEDEFE foi ocasionado pela transferência de Celi Taffarel para a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Os dados do quadro mostram que, dos 48 grupos de pesquisa presentes nos anais dos CONBRACEs de 1997 a 2009, apenas 9 publicaram mais de um trabalho nesse fórum e somente 5 veicularam comunicações orais em mais de um congresso. Desse modo, mesmo com os dados apontando para um crescimento das produções conjuntas em organizações de estudo, acentua-se a dificuldade existente no campo em organizar, manter e consolidar esses grupos de pesquisa.

Para Lovisolo (2003), classicamente, esses grupos de pesquisa eram compostos por pesquisadores experientes, alunos iniciantes e técnicos de apoio, todos participando de programas e projetos de pesquisa. Esses grupos também se constituem como espaços de troca e formação, dado que, na atualidade, a imagem desejada é a

[...] dos doutores produtivos desenvolvendo projetos com doutorandos, mestres, alunos da graduação e pessoal técnico e de apoio. Formando uma pirâmide de base larga, os técnicos e o pessoal de apoio e os estudantes de graduação; um nível intermediário de doutorandos e mestres; e, no topo, um ou mais pesquisadores experientes e produtivos (LOVISOLO, 2003, p. 107).

Essa estrutura, formada pela pós-graduação e grupos de pesquisa, seria a base da formação do jovem pesquisador e da produção científica nas universidades. Entretanto, Lovisolo (2003) pondera que a generalização desse modelo parece ser excessiva para a economia nacional, podendo acarretar o abandono de atividades, como o ensino na formação inicial, uma vez que, atualmente, não existe quadro de profissionais suficiente para suprir a demanda gerada por esse sistema.

Além disso, existem vários fatores que competem contra essa organização: o reduzido número de vagas nas universidades; a restrita possibilidade de iniciação científica a poucos estudantes de graduação, normalmente associada a uma via de acesso a pós-graduação; o número ainda mais diminuto de vagas e de programas *stricto sensu* em comparação com a demanda procedente dos cursos de graduação; outra questão, “[...] o fato é que grande parte do corpo docente, por tradição, porém talvez até por funcionalidade ou adequação, é constituída por professores não pesquisadores” (LOVISOLO, 2003, p. 104).

Entretanto, alguns grupos que circulam nesse evento têm apresentado experiências mais proveitosas na empreitada de estudar a Educação Física escolar.



Como exemplos, podem ser citados: o Laboratório de Estudos em Educação Física<sup>91</sup> (LESEF) que veiculou sete trabalhos durante os X, XI, XII, XIV e XVI CONBRACEs; e grupos mais recentes como: o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física & Esporte e Lazer<sup>92</sup> (LEPEL) com quatro publicações; uma no congresso de 2003, duas no evento de 2005 e uma em 2009; o Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento,<sup>93</sup> com três trabalhos publicados nos XIII, XIV e XV CONBRACEs; o Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física<sup>94</sup> (PROTEORIA), que também fez circular três produções durante os congressos realizados em 2003, 2005 e 2009; por fim, o Núcleo de Estudos em Psicanálise Clínica da Contemporaneidade<sup>95</sup> (NEPECC), com veiculação de um trabalho no XI CONBRACE e dois no XIII CONBRACE.

No recorte estudado, além da dificuldade identificada no campo da Educação Física de organização em grupos de pesquisa, seguida por um significativo aumento desse modo de realização de investigação coletiva, nota-se que nenhum dos grupos que apresentou certa regularidade de circulação de trabalhos na comunicação oral do GTT Escola dos CONBRACEs de 1997 a 2009 obteve circulação em todos os

---

<sup>91</sup> **Trabalhos publicados:** “A produção teórica elaborada nos anos 80/90 sobre a educação física escolar: a crítica da determinação das estruturas macrosociais. elementos para repensar a trajetória histórica da educação física na escola” (CAPARROZ, 1997); “Ginástica/educação física: aproximações historiográficas” (PAIVA, 1997); “Diagnóstico da educação física escolar no Estado do Espírito Santo: o imaginário social do professor” (DIAS et al., 1999); “A prática pedagógica em educação física: a mudança a partir da pesquisa-ação” (BRACHT et al., 2001); “Educação Física e o discurso legitimador” (BRACHT et al., 2005); “As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar” (MACHADO et al., 2009); “Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas?” (FARIA et al., 2009).

<sup>92</sup> **Trabalhos publicados:** “Pesquisando as pesquisas do campo da educação física escolar: analisando o GTT escola” (CRUZ et al., 2003); “O conhecimento reconhecido como ginástica na formação de professores e na prática pedagógica da escola pública” (ALMEIDA; TAFFAREL; ESCOBAR, 2005); “Textos televisivos nas aulas de educação física: a copa do mundo de 2002” (SILVA, 2005); “A organização do trabalho pedagógico e a avaliação da aprendizagem na educação física do colégio de aplicação da UFG: realidade e possibilidades” (SILVA; TAFFAREL, 2009).

<sup>93</sup> **Trabalhos publicados:** “Aspectos metodológicos da consciência corporal na educação física escolar” (MELO, 2003); “Tematizando o esporte na escola: um relato de ensino pautado nas concepções de aulas abertas” (ARAÚJO; MELO, 2005); “Por uma educação física com sabor: possibilidades e desafios no ensino infantil” (VIEIRA, 2007).

<sup>94</sup> **Trabalhos publicados:** “O debate em periódicos sobre avaliação na educação física escolar: percurso e perspectiva” (SANTOS; FERREIRA NETO; LOCATELLI, 2003); “Intervenção com o cotidiano escolar: uma experiência com a educação física” (SANTOS; SCHNEIDER, 2005); “Ensino e pesquisa com o cotidiano da escola: o basquete de rua como possibilidade” (FALCÃO; FERREIRA NETO, 2009).

<sup>95</sup> **Trabalhos publicados:** “Jogo e agir comunicativo: construindo uma estratégia de ensino na educação física escolar no contexto do PCTP da SME/UDI/MG” (CAMARGO; AMARAL; PALAFOX, 1999); “Proposta político pedagógica para educação física infantil no contexto do planejamento coletivo de trabalho pedagógico de Uberlândia – PCPT/UDI” (FARIA et al., 2003); “O jogo e a reprodução social: vivendo e fazendo história na educação física escolar” (ANDRADE; REZENDE; PALAFOX, 2003).

eventos, o que pode denotar a destituição desses coletivos, como também se pode indiciar a existência de grupos multitemáticos nas instâncias do CBCE, dada a relação entre a formação dessa coletividade de pesquisadores para a consolidação das pós-graduações, fazendo com que esses grupos circulem nos GTTs desse colégio, de acordo com a demanda temática originada desses programas.

Os dados do GTT Escola, apresentados até o momento, apontam para as limitações do crescimento e consolidação da pós-graduação em Educação Física no Brasil, uma vez que esse processo esbarra nas próprias disparidades de desenvolvimento político, social e econômico existente entre as regiões do território nacional. Indicam, também, que essa comunidade de pesquisadores tem apresentado dificuldades em atender aos norteamientos da CAPES, no que diz respeito ao desenvolvimento de grupos de pesquisa. No entanto, percebe-se que o esforço tem sido feito, principalmente, se for considerado o representativo aumento das publicações coletivas no decorrer dos eventos e do número de grupos de pesquisa no CONBRACE de 2009.

Outro ponto salientado na discussão, até agora empreendida, é o gradativo aumento da circulação de trabalhos oriundos da pós-graduação *stricto sensu*, por meio dos pesquisadores em formação, e de trabalhos assinados por mestres e doutores, representando a maior parte das publicações veiculadas no GTT Escola.

Parte-se do pressuposto de que os trabalhos desses autores foram qualificados pelo processo de formação dos cursos de mestrado e doutorado, assim como pela análise criteriosa de uma banca de examinadores especializados. Assim, é de esperar que as pesquisas postas em circulação nesse fórum atendam as expectativas geradas pela pós-graduação *stricto sensu*, principalmente no que diz respeito ao uso dos métodos e à apropriação do referencial teórico.

## CAPÍTULO 4

### **4 CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: APROPRIAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NAS PESQUISAS DO GTT ESCOLA**

Entendendo o CBCE como lugar estratégico de direcionamento e produção de práticas de pesquisa, no presente capítulo, foram analisados os dados referentes às abordagens e técnicas dos trabalhos, a recorrência de teorias, seus usos e formas apropriações, a forma e a procedência epistemológica dos referenciais teóricos mais recorrentes no GTT. O olhar para a tipologia científica buscou compreender as práticas de pesquisa postas em circulação no campo, além de, ao ressaltar os processos de continuidade e descontinuidades da história, apresentar os limites e possibilidades do conhecimento produzido no GTT Escola dos CONBRACEs de 1997 a 2009, no que diz respeito à sua organização teórico-metodológica.

Nesse contexto, Nóbrega (2005) evidencia que o método é o responsável pelo processo de objetivação do real obtido pelo sistema de investigação, e não o objeto. Daí a importância do método, reconhecida por Bloch (2001) quando afirma que as práticas científicas não são definidas apenas pelo objeto que analisa.

Seus limites podem ser fixados, também, pela natureza própria de seus métodos. Resta portanto nos perguntarmos se, segundo nos aproximemos ou afastemos do momento presente, as próprias técnicas da investigação não deveriam ser tidas por essencialmente diferentes. Isto é colocar o problema da observação histórica (BLOCH, 2001, p. 68).

Outro ponto fundamental para o desenvolvimento das práticas de pesquisa são as técnicas utilizadas nas investigações, que são os procedimentos sistematizados para realizar, obter e produzir os dados. Carballo (2003) pondera que o uso de determinadas técnicas de coleta e construção de dados é capaz de nos levar a conclusões por vezes distantes das suposições iniciais, o que leva a crer que elas são determinantes no processo de investigação científica e capazes de conduzir a pesquisa por caminhos inesperados.

Para Gamboa (2007), as técnicas de pesquisa expressam a dimensão prático-instrumental do método, que são elementos articulados ao paradigma científico dominante. Nesses termos, é condição imprescindível à produção científica a existência de uma articulação entre métodos e técnicas, numa confluência epistemológica, arranjo necessário à construção da própria pesquisa.

Com base nessa premissa, o presente capítulo desenvolveu-se por meio de uma investigação verticalizada dos textos publicados nos congressos, no que diz respeito às abordagens científicas e técnicas de pesquisa utilizadas nos trabalhos do GTT, de modo a identificar as teorias e as matrizes epistemológicas postas em circulação por meio dessa produção no interior do CBCE e, conseqüentemente, no campo da Educação Física.

#### 4.1 SOBRE A APROPRIAÇÃO DOS MÉTODOS E TÉCNICAS NAS PESQUISAS DO GTT ESCOLA

Como o processo desenvolvido na pesquisa de Corte (2009), no que tange à discussão da tipologia de pesquisa, buscaram-se, nos trabalhos veiculados no GTT Escola, os modos como os autores classificaram suas pesquisas quanto à natureza investigativa. Dessa forma, percebeu-se a existência de estudos que informavam a tipologia de pesquisa utilizada na elaboração dos trabalhos e de investigações que não apresentavam, enfaticamente, a natureza do estudo desenvolvido. Na primeira situação, os métodos e técnicas foram coletados, tomando-se como base as informações apresentadas pelos autores dos textos, uma vez que esses dados podem indicar as relações estabelecidas entre os pesquisadores e os objetos de estudo em análise no campo.

No segundo caso, com base nas proposições expressas por Poupart et al. (2008), buscaram-se nos textos os “sinais” (GINZBURG, 1981) que permitissem classificar a natureza da pesquisa científica desenvolvida nesses estudos. Foi com base nessas premissas que o quadro a seguir foi elaborado.

MÉTODO DE PESQUISA	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	Total
1. Pesquisa Bibliográfica-documental	23	10	10	9	9	9	11	81
2. Pesquisa-ação	10	8	4	-	4	2	2	30
3. Estudo Etnográfico	3	-	4	3	3	5	5	23
4. Relato de Experiência	2	-	-	5	3	3	2	15
5. Análise de Conteúdo	3	-	1	2	-	4	2	12
6. Estudo de Caso	5	1	2	1	-	1	2	12
7. Pesquisa de Campo	3	1	1	1	3	2	-	11
8. Pesquisa Descritiva	1	3	-	-	-	-	1	5
9. Pesquisa Histórica	4	-	-	1	-	-	-	5
10. Pesquisa Exploratória	-	-	2	1	1	-	-	4
11. Análise de Discurso	2	-	-	-	-	1	-	3
12. História de Vida	-	-	-	1	-	-	1	2
13. Abdução/Indutivo	-	-	-	-	-	-	1	1
14. Análise Microgenética	-	-	-	-	-	-	1	1
15. Bricolagem	-	-	-	-	-	-	1	1
16. Estudo de Caso Múltiplo	-	-	-	-	-	-	1	1
17. Método Clínico	-	-	-	-	-	-	1	1
18. Pesquisa Experimental	-	-	-	-	1	-	-	1
19. Pesquisa Participante	-	-	-	-	1	-	-	1
20. Pesquisa Plurimetodológica	-	-	-	-	-	1	-	1
21. Resenha Crítica	1	-	-	-	-	-	-	1
22. Sistema de Análise de Ensino	-	-	1	-	-	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>23</b>	<b>25</b>	<b>24</b>	<b>25</b>	<b>28</b>	<b>31</b>	<b>213</b>

**Quadro 3** – Quantitativo de práticas científicas listadas como métodos de pesquisas no GTT Escola no decorrer dos CONBRACEs de 1997 a 2009

É importante salientar que alguns dos métodos listados no Quadro 3 não são encontrados em livros de metodologia de pesquisa, como os de Triviños (2006) e Poupart et al. (2008). No entanto, optou-se por contabilizá-los, pois eles são citados pelos pesquisadores do GTT Escola. Porém, é possível que tais práticas científicas não se configurem como métodos, indicando a existência de uma confusão conceitual no campo da Educação Física no que diz respeito à metodologia.

Assim, o Quadro 3 apresenta a relação das práticas de pesquisa anunciadas como métodos pelos autores que publicaram no GTT Escola, e os identificados por meio dos indícios. Os dados foram organizados de modo a permitir visualizar os métodos investigativos dos pesquisadores do GTT em todos os CONBRACEs analisados neste estudo e sequenciados, tomando como referência o total de ocorrências de cada um deles, disponibilizando-os, em ordem decrescente, dos métodos mais utilizados aos menos citados.

Assim, observou-se nesse grupo que, durante os congressos ocorridos entre 1997 e 2009, foram utilizados 22 métodos de pesquisa diferentes, de modo que alguns apresentam maior recorrência do que outros. Assim, salienta-se que, desse universo, somente os enumerados até o 12 foram utilizados mais de uma vez e

somente um método foi desenvolvido em todos os fóruns investigados: a pesquisa bibliográfica-documental.<sup>96</sup>

É importante frisar que existem estudos que se valem de mais de um método de pesquisa para proceder à investigação. Desse modo, a recorrência dos métodos é superior ao número de artigos publicados nos CONBRACEs. No estudo de Carvalho (2007),<sup>97</sup> essa polifonia (ou ecletismo) metodológica é assumida como tipologia científica. Essa variabilidade metodológica apresentada nos estudos do GTT Escola indica que, para compreender as múltiplas faces da escola, os pesquisadores desse grupo têm lançado mão de um conjunto de práticas científicas que permitem enxergar a multiplicidade de relações que emergem da realidade escolar.

Como apresentado no Quadro 3, algumas práticas metodológicas pouco usuais na investigação sobre a temática escola foram utilizadas nas pesquisas do GTT, quais sejam: a Análise Microgenética, o Estudo de Caso Múltiplo e o Método Clínico, utilizados no trabalho de Farias (2009);<sup>98</sup> a Bricolagem, desenvolvida no texto de Neira (2009);<sup>99</sup> e a Compilação. Esse último é o que chama mais atenção pela forma como é desenvolvido.

Identificado, por meio dos indícios, no CONBRACE de 1997, o “método” de compilação é evidenciado na pesquisa de Camêlo (1997)<sup>100</sup> que, no decorrer do trabalho, faz uso de cópias idênticas de trechos de Soares et al. (1992) incorporadas ao próprio texto. Entretanto esses fragmentos não aparecem sob nenhuma forma de destaque, seja por aspas, seja por recuo,<sup>101</sup> e, em nenhum momento, Camêlo (1997) informa a referência de onde o material foi extraído, deixando o entendimento de que as ideias apresentadas naquela pesquisa foram, originalmente, por ela desenvolvidas.

---

<sup>96</sup> Esse método também apareceu citado como Pesquisa Teórica, Pesquisa Documental e Pesquisa Bibliográfica. Entretanto, o desenvolvimento dessas práticas científicas não salientou diferenças que exigissem a alocação desses métodos em categorias específicas. Assim, optou-se por seguir os conceitos desenvolvidos por Triviños (2006).

<sup>97</sup> No texto intitulado “O papel da educação física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas”, publicado na comunicação oral do GTT Escola, durante o XV CONBRACE, o autor afirma valer-se de um método “plurimetodológico”.

<sup>98</sup> Trabalho intitulado “A gênese do espaço projetivo e as interações sociais nos jogos de regras de caráter coletivo” veiculado no GTT Escola, durante o XVI CONBRACE.

<sup>99</sup> Texto veiculado no XVI CONBRACE sob o título “Anacronismo e neocolonialismo: distorções do currículo cultural da educação física”.

<sup>100</sup> Trabalho publicado sob o título de “Jogo como conteúdo de ensino da educação física”, veiculado na comunicação oral do X CONBRACE.

<sup>101</sup> Conforme já exigiam as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) de 1997.

A situação fica mais saliente quando Camêlo (1997) apresenta em seu texto uma citação direta de Alexei Leontiev. Porém, a leitura de Soares et al. (1992) permite identificar que o uso de Leontiev feito por Camêlo (1997) é encontrado, na íntegra, em forma de paráfrase em Soares et al. (1992), indicando a prática da compilação de pesquisa no âmbito do GTT Escola do CBCE.

Antes de aprofundar as análises sobre os processos de pesquisa realizados nesses fóruns científicos, é preciso entender que toda abordagem de pesquisa pressupõe o uso de técnicas que possibilitem otimizar a coleta/produção dos dados. Assim, o quadro a seguir apresenta a listagem de todas as práticas científicas anunciadas como técnicas utilizadas nos trabalhos do GTT Escola.

Desse modo, a captação dessas práticas foi feita com base no mesmo procedimento realizado para apreensão das abordagens de pesquisa, ou seja, por meio da informação apresentada pelos autores e, quando necessário, pelos indícios dessas técnicas deixados por esses pesquisadores. Assim, observou-se nos trabalhos que parte das técnicas de coleta de dados indicadas pelos pesquisadores não constituem o arsenal de instrumentos apresentados nos manuais de metodologia. Entretanto, apesar da insurgência dessas questões, optou-se por considerar todas as representações de técnicas recrutadas pelos autores que publicaram textos no GTT Escola, uma vez que esse movimento possibilita pôr em relevo algumas limitações das práticas científicas existentes no campo de Educação Física.

TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	1997	1999	2001	2003	2005	2007	2009	TOTAL
1. Revisão de Literatura	9	3	2	2	4	-	1	21
2. Entrevista	5	4	1	-	3	5	2	20
3. Entrevista Semiestruturada	2	3	1	2	1	3	2	14
4. Observação Participante	1	-	3	1	3	3	1	12
5. Análise Documental	-	-	-	-	3	2	3	8
6. Questionários	3	1	2	-	-	-	2	8
7. Observação	-	-	-	-	1	1	1	3
8. Diário de Campo	-	-	-	-	-	1	-	1
9. Questionário Semiestruturado	-	-	-	1	-	-	-	1
10. Questionários Abertos	-	-	-	-	-	1	-	1
11. Registro Fotográfico	-	-	-	-	1	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>16</b>	<b>16</b>	<b>12</b>	<b>90</b>

**Quadro 4** – Quantitativo de práticas científicas citadas como técnicas de coleta de dados no GTT Escola no decorrer dos CONBRACEs de 1997 a 2009

Esses limites já se salientam na “técnica” que mais vezes foi anunciada como instrumento de coleta de dados pelos pesquisadores desse GTT: a revisão de

literatura. Segundo Triviños (2006), no processo de pesquisa, a ação de reunir e sistematizar as produções que investigaram a mesma temática em voga no estudo constitui uma prática fundamental para a produção do conhecimento, uma vez que esse processo permite ao pesquisador familiarizar-se com o objeto de pesquisa. Portanto, a tantas vezes citada revisão de literatura não pode ser considerada uma técnica, uma vez que essa prática é um elemento constitutivo da fundamentação teórica de uma pesquisa.

Nesses termos, o Quadro 4 indica que, nas pesquisas do GTT Escola, somente 11 práticas científicas foram anunciadas como técnicas de coleta de dados, e 7 delas foram utilizadas mais de uma vez. Apenas a técnica de “entrevista semiestruturada” foi identificada em todos os eventos pesquisados. É notório que a soma das técnicas, tanto por CONBRACE, quanto no total dos congressos, é bastante inferior ao número de trabalhos publicados nesses eventos. Essa discrepância fica ainda maior quando se considera o fato de existirem pesquisas que se valem de mais de uma técnica,<sup>102</sup> ressaltando a ocorrência de estudos que, mesmo pela busca dos sinais deixados pelos autores, não apresentam/utilizam essas práticas para proceder às investigações.

Assim, de maneira geral, as apropriações dessas abordagens e técnicas realizadas nas pesquisas do GTT permitem dividi-las, seguindo três especificidades: ensaístico/revisão; empírica; e empírico/interventiva. Na primeira, aproximam-se as abordagens e técnicas de pesquisa das quais o percurso investigativo é orientado e desenvolvido somente no campo das ideias, no sentido de que as produções geradas por essas práticas de pesquisa têm, prioritariamente, características teórico-ensaísticas ou de revisão bibliográfica; na segunda, podem ser aproximadas as metodologias de investigação que predisõem um mergulho na realidade, de modo que os pressupostos analíticos são perpassados pela necessidade de fundamentação de ordem empírica; por fim, na terceira divisão por especificidade, são arroladas as maneiras de proceder à pesquisa de modo que a empiria do cotidiano escolar faz-se ponto primordial na investigação, uma vez que o pesquisador não envereda pelo campo apenas para coleta de dados, mas busca transformar a realidade em análise por meio da intervenção.

---

<sup>102</sup> O fato normalmente ocorre nos estudos que utilizam mais de uma abordagem de pesquisa.



Com base nessas especificidades, os métodos e técnicas foram aproximados tomando como princípio os “usos” e as “apropriações” (CERTEAU, 1994) que os pesquisadores do GTT Escola realizaram em seus estudos, de modo que cada prática de pesquisa foi classificada de acordo com as características que os autores as fizeram assumir, conforme pode ser verificado no quadro a seguir.

Ensaístico/revisão		Empírica		Empírico/Interventivo	
Método	Técnica	Método	Técnica	Método	Técnica
Pesquisa Bibliográfica-Documental	Revisão de Literatura	Estudo Etnográfico	Revisão de Literatura	Pesquisa-ação	Revisão de Literatura
Análise de Conteúdo	de Relato de Experiência	Estudo de Caso	Entrevista	Análise de Discurso	de Entrevista
Pesquisa Histórica	Análise Documental	Análise de Conteúdo	Entrevista Semiestruturada	Análise de Conteúdo	de Entrevista Semiestruturada
Bricolagem		Pesquisa Bibliográfica-Documental	Análise Documental	Pesquisa de Campo	de Observação Participante
Resenha Crítica		Pesquisa Descritiva	Questionários		Questionários
		Pesquisa Histórica			Questionário Semiestruturado
		Pesquisa Exploratória			Questionários Abertos
		Análise de Discurso			Diário de Campo
		História de Vida			Registro Fotográfico
		Abdução/ Indutivo			Pesquisa Experimental
		Análise Microgenética			Pesquisa Participante
		Estudo de Caso Múltiplo			Pesquisa Pluri-metodológica
		Método Clínico			
		Sistema de Análise de Ensino			

**Quadro 5** – Categorização de métodos e técnicas utilizadas nas pesquisas do GTT Escola durante os CONBRACEs de 1997 a 2009

É importante salientar que o Quadro 5 foi elaborado com o caráter demonstrativo, sem o intuito de estabelecer categorias rígidas, pois, como pode ser observado na própria ilustração, os diferentes métodos e técnicas que foram identificados nos estudos analisados foram apropriados pelos pesquisadores do GTT de modos bastante distintos, o que permitiu que esses trabalhos assumissem organizações teórico-metodológicas que circulam nas três especificidades sinalizadas.

A presença de um elevado número de métodos e técnicas nas publicações desse GTT é condição factual para que esse panorama se encontre organizado da maneira expressa no Quadro 5, pois é observável que o receituário de procedimentos específicos de uma determinada abordagem de pesquisa pouco

influenciou as práticas científicas desenvolvidas nos trabalhos desse fórum dos CONBRACEs. Nesses termos, é possível afirmar que os caminhos assumidos pelos pesquisadores do GTT Escola, durante processos de investigação, foram “fabricados”, preponderantemente, por meio da “apropriação” (CERTEAU, 1994) da multiplicidade metodológica identificada nessas produções, de modo que as características dessas diversas abordagens se modifiquem, de acordo com as combinações realizadas pelos autores, o que possibilita o desenvolvimento de diferentes tipos de pesquisa, com base em métodos e técnicas semelhantes.

#### 4.2 CONSTITUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO GTT ESCOLA: USOS E APROPRIAÇÕES DE TEORIAS

O entendimento de teoria de que se faz uso neste estudo parte do pressuposto de que são princípios fundamentais que atribuem às práticas científicas as bases compreensivas que permitem elaborar e entender os sentidos expressos no processo de apreensão dos objetos investigados. É sustentado, nesses princípios, que Silva (1999) pondera sobre uma existência correlativa entre os fundamentos teóricos de uma pesquisa e a realidade em análise, por meio de uma suposição de que a teoria encontra o real. No entanto, a estrutura epistêmica que constitui as teorias sempre vai ao encontro de uma forma representacional, refletindo e espelhando a realidade.

A ‘teoria’ não se limitaria, pois, a descobrir, a descrever, a explicar a realidade: a teoria estaria irremediavelmente implicada na sua produção. Ao descrever um ‘objeto’, a teoria, de certo modo, inventa-o. O objeto que a teoria supostamente descreve é, efetivamente, um produto de sua criação [...]. Uma teoria supostamente descobre e descreve um objeto que tem uma existência independente relativamente à teoria (SILVA, 1999, p. 11-12).

Nos termos de Ginzburg (1987), é à luz da teoria que o objeto obtém suas formas, permitindo o questionamento dos enigmas que dele emergem, ao passo que é da erudição do pesquisador e do instrumental teórico, que serão elaborados os indicadores de respostas para as questões que o próprio alicerce epistemológico possibilitou desenvolver. No entendimento de Ginzburg (1988), esse constituinte científico faz com que seja praticável a visualização e a inquirição dos indícios, permitindo a decifração dos enigmas da pesquisa.

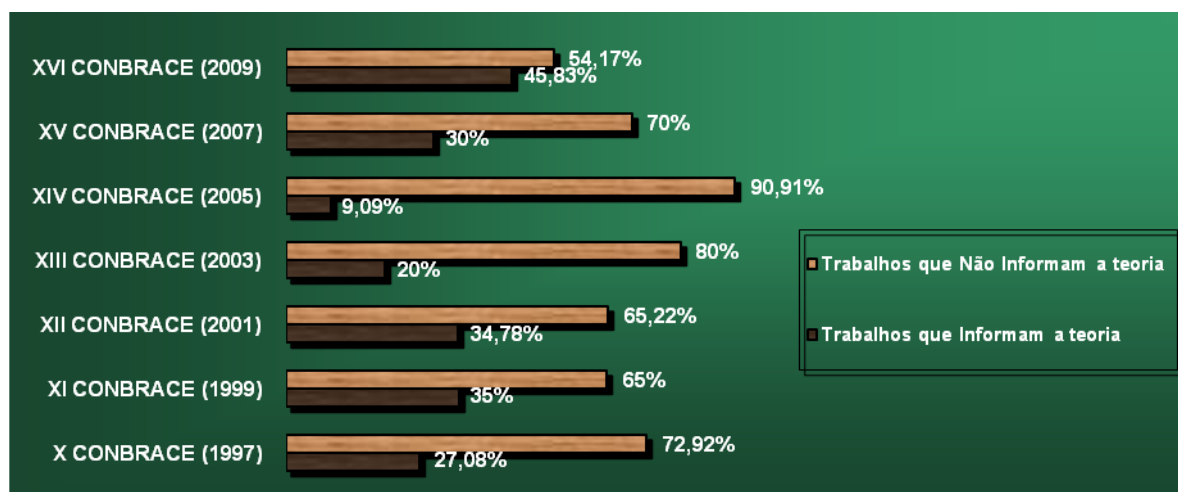
Ferreira Neto (2005) concorda com essa ideia, ao ponderar que a organização teórica de um estudo atua como *hardware* das práticas de pesquisa, na medida em que compreende a base da reflexão científica e constitui os fundamentos para a apreensão dos processos de demarcação e reflexão da realidade em investigação e suas possibilidades de explicação.

Assim, levando em consideração que as ementas do GTT Escola e dos outros GTTs do CBCE exigem que os trabalhos encaminhados dialoguem com a literatura de base, é possível afirmar que

[...] os autores devem explicitar os usos, os modos de apropriação das 'distintas matrizes teóricas próprias das ciências sociais'. Quando assim não procedem, as razões mais íntimas que poderiam justificar seu reconhecimento/legitimidade no campo científico se desfazem (FERREIRA NETO, 2005b, p. 148).

No que diz respeito à constituição epistemológica das pesquisas veiculadas nos CONBRACES, o CBCE recomenda que os trabalhos submetidos aos pareceristas demonstrem as maneiras pelas quais as distintas matrizes teóricas originárias em diferentes campos do conhecimento científico foram apropriadas nas pesquisas veiculadas no GTT. A compreensão dos usos de cada teoria e dos contornos que elas podem assumir nas discussões sobre as temáticas específicas desse fórum é interessante para que o CBCE verifique a legitimidade de algumas matrizes e de algumas referências no âmbito dos fazeres científicos que são legitimados pela instituição no campo da Educação Física.

No entanto, nas comunicações orais do GTT Escola, no que diz respeito ao uso de teorias, verifica-se a existência de duas situações de pesquisas, quais sejam: trabalhos que informam as teorias em uso; e trabalhos que não informam o suporte teórico que fundamenta as investigações.



**Gráfico 6** – Panorama da apresentação das teorias no GTT Escola durante os X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACES

Como pode ser visualizado nessa representação gráfica, esse panorama é recorrente nas pesquisas veiculadas nas comunicações orais do GTT Escola apresentadas em todos os congressos ocorridos entre 1997 a 2009. Nesses termos, o Gráfico 6 demonstra que, no X CONBRACE, de um universo de 48 trabalhos publicados, apenas 27,08% informaram quais eram as bases teóricas que foram utilizadas, o que corresponde a 13 estudos, enquanto 72,92% não apresentaram os fundamentos epistemológicos das investigações, ou seja, 35 trabalhos.

No congresso subsequente, realizado no ano de 1999, dos 20 trabalhos veiculados nas comunicações orais do GTT Escola, somente 35% informaram as teorias de sustentação, equivalendo a 7 textos, enquanto, em 65% das pesquisas, nota-se que os autores não tiveram a preocupação em expor o referencial teórico utilizado para abordar seus objetos de estudo, correspondendo a 13 estudos. Essa situação manteve-se praticamente inalterada no que se refere aos estudos publicados durante o XIII CONBRACE, pois, como demonstrado na ilustração gráfica, dos 23 textos publicados no GTT em questão, 34,78% apresentaram as teorias utilizadas, ou seja, 8 investigações, enquanto 65,22%, o equivalente a 15 publicações, ganharam circulação nos anais desses eventos sem que fossem sinalizadas as bases epistemológicas que as constituem.

Nas pesquisas publicadas no CONBRACE de 2003, ocorre uma redução considerável dos estudos que informam aos interlocutores as elaborações teóricas que balizaram essas práticas científicas, pois os dados do Gráfico 6 mostram que, de um universo de 20 textos, apenas 20% apresentaram essa informação, o que

corresponde a 4 trabalhos, ao passo que 80%, ou seja, 16 comunicações orais não expõem para os leitores os alicerces teóricos utilizados para investigar os objetos.

A situação mais extremada ocorre no XIV CONBRACE, quando, dos 22 trabalhos veiculados no GTT Escola, somente 9,09%, o equivalente a 2 comunicações orais, informaram as teorias que nortearam as investigações, enquanto 90,01% das pesquisas que foram publicadas nos anais desse congresso não indicam o referencial teórico, o que corresponde ao total de 20 estudos.

No XV CONBRACE, esses valores retornam a patamares próximos aos encontrados nos eventos anteriores a 2003, uma vez que, das 20 comunicações orais que ganharam circulação nos anais de 2005, 30% que informam as teorias de sustentação somam 30% desse total, enquanto 70% não o fazem, equivalendo, respectivamente, a 6 e 14 publicações veiculadas nesse congresso.

Por fim, no XVI CONBRACE, observa-se um panorama distinto dos eventos antecedentes, pois é possível visualizar um crescimento significativo do número de pesquisadores que informaram as teorias utilizadas na elaboração das comunicações orais. Assim, 45,83%, o que corresponde a 11 trabalhos, indicaram as teorias de base, enquanto 54,17% das pesquisas, ou seja, 13 produções não apresentaram essas informações.

A ação de informar aos interlocutores as teorias bem como os métodos utilizados para construir as bases epistemológicas de práticas científicas pode ser um indicador do estágio de desenvolvimento de um campo científico, uma vez que, como qualquer objetivação humana, esses fundamentos de pesquisa são elaborados tendo como base fatores sociopolíticos, econômicos e culturais, de modo que carregam consigo as marcas do “lugar” (CERTEAU, 1994) de sua produção, atuando como um filtro da realidade a ser apreendida.

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1994, p. 201).

Entretanto, na medida em que são *apropriados* (CERTEAU, 1994) em outras práticas de pesquisa, as teorias e métodos se transformam, como a matéria-prima no processo de manufatura, adquirindo novas permeabilidades e contornos capazes

de circular e apreender contextos sociais diferentes e, por vezes, opostos, daqueles para os quais foram elaboradas para interpretar e intervir, de maneira que a interação com realidades distintas possibilita a reorientação e reorganização dos pressupostos que constituem os alicerces epistemológicos desses fundamentos científicos.

Assim, como em qualquer processo de produção manufatureira, a capacidade de transformação de algo em outra coisa esbarra nas possibilidades de manuseamento e organização que emergem das particularidades originárias da matéria utilizada no processo de produção. Portanto, também para as teorias e os métodos, existe uma limitação, de maior ou menor grau, para a variabilidade de extrapolação de seus conceitos e categorias para outros contextos de investigação, que são inerentes às propriedades e questões gerais que caracterizam cada uma dessas práticas científicas.

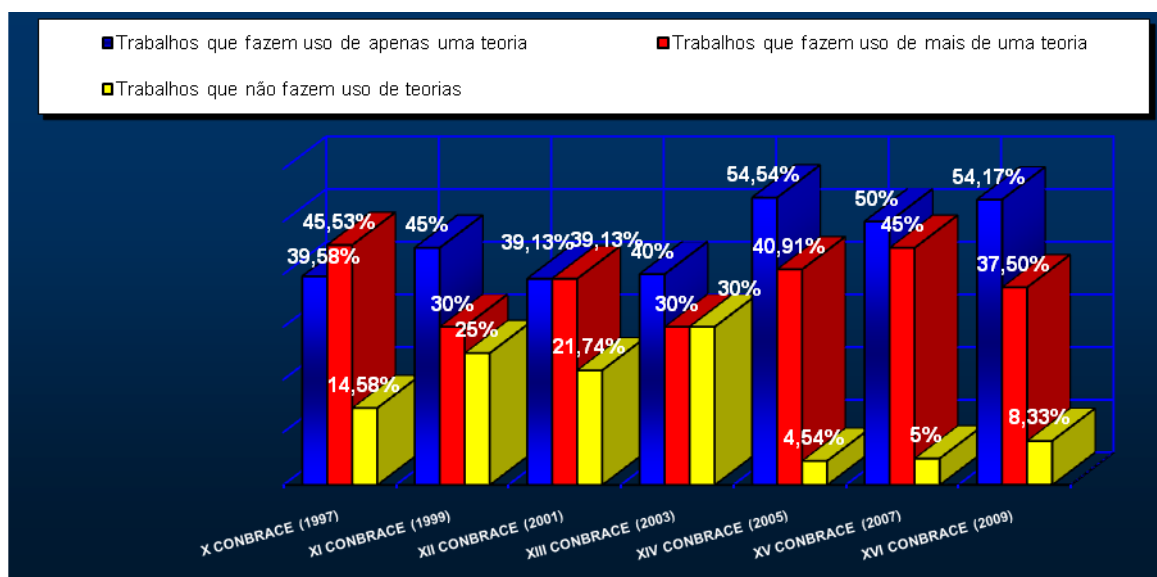
Essas particularidades afetam diretamente as formas pelas quais as pesquisas são expressas, uma vez que os distintos métodos e teorias estabelecem uma profunda relação dialógica com o processo de escolha e investigação dos objetos, de modo tal, que a escolha de um pode interferir na seleção do outro, impactando nas maneiras de se fazer ciência.

Nesse sentido, na medida em que os pesquisadores apresentam o referencial teórico, eles indicam para a comunidade acadêmica os posicionamentos políticos e ideológicos que norteiam suas práticas de pesquisa. Esse processo ocorre por meio do carregamento de orientações filosóficas das teorias recrutadas para elucidar as investigações e análises dos objetos de estudo, no caso em questão, sobre as temáticas articuladas com a escola.

No entanto, o fato de a maior parte dos pesquisadores do GTT Escola não indicarem as teorias que balizam suas pesquisas não significa que esses trabalhos não estejam ancorados em algum suporte epistemológico. Desse modo, quando se interrogam essas produções quanto aos “usos” e “apropriações” (CERTEAU, 1994) das teorias, nota-se que muitas pesquisas que não informaram o referencial teórico apresentam indícios que permitem identificar os elementos norteadores que possibilitaram a inquirição dos objetos.

Assim, quanto ao aparecimento de teorias, foi possível identificar, nas publicações veiculadas no GTT Escola, a recorrência de três situações, quais sejam: trabalhos que fazem uso apenas de uma teoria; trabalhos que se valem de mais de

uma teoria para sustentar as investigações; e trabalhos que não fazem uso de teoria.



**Gráfico 7** – Panorama do uso de teorias no GTT Escola durante os X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACEs

Essa representação gráfica apresenta a recorrência do uso de teorias nas pesquisas veiculadas no GTT Escola expressas nas publicações dos anais dos CONBRACEs ocorridos entre 1997 e 2009. Assim, o Gráfico 7 demonstra que os três índices postos em análise sofreram variações constantes no decorrer da história desse GTT.

Nesse sentido, observa-se que, no X CONBRACE, 19 pesquisas publicadas no evento fundamentaram-se em uma teoria, ou seja, 39,58% do total, enquanto a maior parte dos trabalhos, 45,53%, foi construída com base na articulação de dois ou mais alicerces teóricos, o que corresponde a 22 comunicações orais; e, em 14,58% dos textos veiculados nesse evento, não foi identificado indício que demonstrasse a base teórica, o que equivale a 7 estudos.

O congresso ocorrido em 1999 apresenta algumas alterações nesse panorama. Assim, verifica-se, no gráfico, o crescimento para 45% do número de pesquisas que utilizaram uma teoria para fundamentar o estudo, o que equivale a 9 trabalhos. Observa-se também um saliente decréscimo para 30% no número de pesquisas que utilizam mais de um referencial teórico, ou seja, 6 pesquisas. Ainda nesse evento, ao mesmo tempo em que se reduz o universo de comunicações orais para 20, também se nota uma elevação para 25% no número de investigações que não fazem uso de teorias, o que corresponde a 5 trabalhos.

Já no XII CONBRACE, os trabalhos construídos por uma única teoria e os elaborados por mais de uma corrente epistemológica apresentaram o mesmo percentual de aparecimento. Esses índices corresponderam 39,13% do total de 23 comunicações publicadas nesse evento, o que equivale a 9 trabalhos em cada categoria. Assim, observa-se, no Gráfico 7, em relação ao congresso anterior, um decréscimo para 21,74% de publicações que não utilizaram nenhuma teoria, equivalendo a 5 publicações.

No evento subsequente, realizado em 2003, o índice dos trabalhos construídos por meio de apenas uma teoria representou 40% das 20 publicações veiculadas no XIII CONBRACE, ou seja, 8 textos, enquanto as pesquisas desenvolvidas com base na combinação de teorias corresponderam a 30% dos estudos do GTT Escola, equivalendo a 6 investigações. Esses mesmos valores também expressam as comunicações orais que não fizeram uso de nenhuma matriz ou teoria, representando o maior percentual dessa categoria identificada em todos os congressos analisados.

Em 2005, durante o XIV CONBRACE, verificam-se os números mais elevados no que diz respeito às pesquisas desenvolvidas à luz de uma única teoria, compreendendo 54,54% do universo de 22 produções, o que corresponde a 12 trabalhos publicados nesse fórum do GTT Escola. Em 40,91% das publicações desse ano, identificou-se o uso de mais de uma teoria no balizamento das investigações, ou seja, 9 pesquisas. Nesse congresso, ocorre um declínio bastante grande na recorrência de estudos que não foram construídos com base em matrizes epistemológicas, configurando o menor percentual desse índice em toda a história do GTT, ou seja, 4,5%, o que corresponde a apenas uma comunicação oral.

No fórum do GTT Escola realizado no XV CONBRACE, foram veiculadas 10 comunicações orais que utilizaram uma teoria como suporte, o que corresponde a 50% do total. Em relação ao evento anterior, observa-se, nesse congresso, uma sutil elevação para 45% no percentual de pesquisas desenvolvidas por meio da apropriação de mais de uma corrente epistemológica, no entanto esse crescimento não se relaciona com um aumento real de estudos elaborados dessa maneira, visto que o número de investigações fundamentadas em mais de uma teoria permaneceu em 9 trabalhos. O mesmo acontece com as pesquisas que não se fundamentaram em nenhuma teoria que, em comparação com o ocorrido no XIV CONBRACE,



apresentam uma pequena elevação percentual para 5%, mas, como no evento anterior, representam apenas um texto.

No XVI CONBRACE, foram encontrados 13 pesquisas que utilizaram uma única teoria para desenvolver as investigações, o que representa 54,17% do total de 24 produções veiculadas pelo GTT Escola. Nesse fórum, também foram identificados 9 trabalhos que fizeram articulações com duas ou mais teorias para interpretar os objetos de estudo, o que corresponde ao percentual de 37,50% das comunicações orais publicadas nesse ano. Por fim, verifica-se que, no evento em questão, somente dois textos não foram elaborados tendo como base alguma teoria, somando 8,33% dos trabalhos veiculados nos anais desse congresso.

Os dados do Gráfico 7 demonstram que, de maneira geral, houve um predomínio de pesquisas fundamentadas em apenas uma teoria, pois essa maneira de organização científica mostrou-se prevalente em cinco dos sete congressos investigados, quais sejam: XI, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACEs, além de representar o maior percentual de pesquisas no XII CONBRACE, juntamente com as pesquisas fundamentadas em mais de uma teoria. Por sinal, as pesquisas balizadas em mais de um alicerce epistemológico também apresentam uma recorrência elevada, visto que esse modo de produção científica compôs a maioria das publicações veiculadas no X CONBRACE, além de apresentar frequência bastante relevante nos outros eventos.

A representação gráfica em questão aponta para um crescimento de trabalhos que fazem uso de um referencial de base, principalmente nos últimos três eventos, nos quais o percentual de pesquisas que realizaram algum uso de teorias correspondeu a 95,45% dos textos publicados no GTT Escola no XIV CONBRACE, a 95% no XV CONBRACE, com uma leve retração no XVI CONBRACE, no qual 91,17% das produções foram desenvolvidas sob o filtro de algum alicerce epistemológico. Desse modo, no que diz respeito ao quadro teórico, o movimento expresso no Gráfico 7, possivelmente, indicaria uma maior qualificação das pesquisas que ganharam circulação por meio das comunicações orais do GTT Escola.

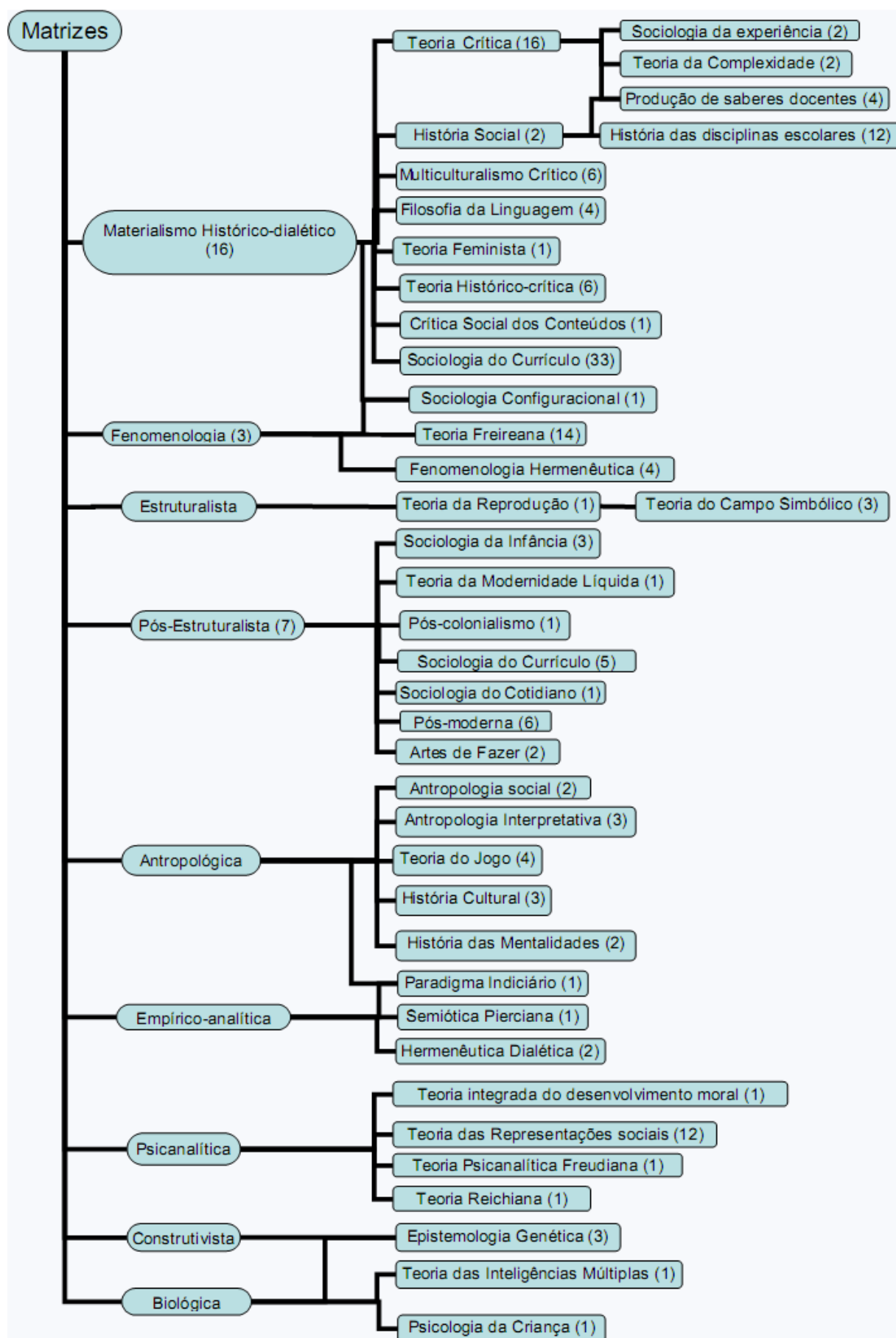
Porém, para averiguar essa assertiva, fez-se necessário identificar as teorias que circularam no GTT Escola, no sentido de analisar os “usos” e “apropriações” (CERTEAU, 1994) desenvolvidos pelos pesquisadores desse fórum. Assim, com base no entendimento de teoria assumida por este estudo, a identificação desses

pressupostos foi balizada nos princípios utilizados em algumas investigações que realizaram um levantamento similar ao proposto nesta etapa da dissertação, quais sejam: Burke (2005) na área da História, Silva (1999) e Santos (2010) na Educação, e Lima (1999), Nóbrega (2005) e Gamboa (2007) na área de Educação Física.

Desse modo, as prerrogativas desenvolvidas por esses autores permitiram a realização de um mapeamento das teorias e matrizes filosóficas detectadas nas comunicações orais do GTT Escola que foram publicadas nos anais dos CONBRACEs de 1997 a 2009. O quadro completo contendo esses fundamentos científicos pode ser visualizado no Apêndice D, no qual se encontram reunidos os autores que apareceram como referência em cada uma das teorias utilizadas nos trabalhos desse grupo.

Por meio dessa disposição, realizou-se o esforço de organizar, arboreamente, os fundamentos utilizados para balizar as reflexões dessas pesquisas, de modo que essas teorias fossem apresentadas junto às tradições filosóficas das quais se aproximam, tanto pela matriz, quanto pelas suas ramificações e filiações científicas.

Com base nessa lógica, a Figura 17, apresentada a seguir, expressa a sistematização organizacional dos pressupostos epistemológicos identificados no Apêndice D. Assim, na coluna esquerda da ilustração, encontram-se representadas as matrizes filosóficas identificadas no GTT Escola, enquanto as ramificações que delas partem demonstram as tradições teóricas originadas/influenciadas de cada uma dessas matrizes. Os números à frente de cada um deles indicam a ocorrência desses pressupostos durante os CONBRACEs de 1997 a 2009.



**Figura 17** – Sistematização das matrizes filosóficas e teorias utilizadas nas pesquisas do GTT Escola durante os CONBRACEs de 1997 a 2009

Os pressupostos epistemológicos apresentados no diagrama anterior foram catalogados tendo como base as informações dispostas pelos autores dos trabalhos, de maneira que o alinhamento desses fundamentos científicos com as tradições filosóficas correspondentes foi realizado por meio do estudo da biografia dos autores de referência nas teorias utilizadas. Faz-se necessário chamar a atenção para o fato de que, ao se aproximar uma determinada bibliografia a uma corrente teórica, corre-se o risco de incorrer em reducionismos e extrapolações, uma vez que é difícil determinar as fronteiras epistemológicas de uma produção.

A complexidade dessas relações fica bastante evidente em algumas situações, pois, como apresentado no diagrama, foi detectada, nos textos do GTT Escola, a existência de teorias com a mesma nomenclatura e que analisam a mesma temática, mas que, entretanto, organizam a reflexão sobre o objeto por meio de pressupostos científicos originários em matrizes teóricas distintas, como é o caso da sociologia do currículo.

Nesses termos, é importante salientar que a ilustração diagramática da Figura 17 foi elaborada com o intuito de didatizar as análises sobre “usos” e “apropriações” (CERTEAU, 1994) desses constituintes científicos. Assim, como detalhado no Apêndice D, foi identificado, na produção do GTT Escola, um conjunto de 42 teorias e matrizes filosóficas. No entanto, observa-se, no decorrer dos congressos, que 27 pressupostos teóricos foram utilizados em mais de um trabalho, e apenas duas teorias aparecem como fundamento científico em todos os CONBRACEs pesquisados, quais sejam: a Teoria Crítica e a Teoria Freiriana com 16 e 14 indicações, respectivamente. Essas teorias foram apropriadas por meio das reflexões de 90<sup>103</sup> autores de referências, de modo que somente 33 aparecem mais de uma vez como base teórica. A obra de Paulo Freire foi a única utilizada como fundamento epistemológico em todos os eventos.

Nota-se, nos trabalhos desse GTT, uma forte influência da tradição filosófica marxista, pois o somatório do uso da matriz científica do materialismo histórico-dialético, com a incidência das ramificações teóricas que dela se originam, resulta em 105 aparecimentos dessa corrente epistemológica, sem contabilizar as

---

<sup>103</sup> Como consta no Apêndice D, nas pesquisas de Debordoli e Borges (1997) e de Saraiva-Kunz et al. (1997), essas teorias foram identificadas de maneira indiciária, não sendo possível indicar a referência autoral do pressuposto epistemológico utilizado.

ascendências teóricas compartilhadas com outras matrizes, como é o caso da Sociologia Configuracional de Norbert Elias, além da já citada Teoria Freiriana.

Esse prospecto, muito provavelmente, é resultado da influência dos pesquisadores que participaram do “movimento renovador” da Educação Física na década de 1980, uma vez que esses atores sociais pautavam suas proposições em teorias de viés marxista.

O argumento ganha força, principalmente, se considerarmos a alta incidência da Sociologia do Currículo (diga-se de passagem, Sociologia Crítica do Currículo) em 33 pesquisas do GTT Escola, uma vez que Aroeira (2000, 2004), utilizando a RBCE como fonte, detecta que essa vertente teórica está presente nos debates do campo de Educação Física desde as décadas de 1980 e 1990. Ferreira Neto et al. (2003), ao estudarem a materialidade da fórmula editorial da revista *Motrivivência*, chegam a resultados semelhantes, quando detectam que a maior parte dos artigos dessa revista foram elaborados por meio das concepções epistemológicas das teorias do currículo, bem como da Teoria Crítica.

Os resultados inferidos por esses autores encontram similaridade nos achados deste estudo, uma vez que, como podem ser verificadas na Figura 17, as ramificações teóricas originárias da matriz filosófica do materialismo histórico-dialético apresentaram uma alta frequência nas pesquisas dos fóruns investigados, indicando que, da década de 1980 até 2009, esse fundamento epistemológico tem se mostrado relevante para o desenvolvimento das práticas de pesquisa do campo da Educação Física.

Entretanto, entre os CONBRACEs de 1997 e 2009, é notória a existência de uma alta variabilidade de teorias e de seus autores de referência associada a uma baixa frequência de ambos. Nesses termos, ao se analisar os estratos formados por cada congresso, observa-se que, no espaço de dois anos que constituem os intervalos de realização desse evento, existe uma volatilidade nas bases científicas mais utilizadas nas pesquisas desse grupo, apontando para a possibilidade da existência de modismos científicos nos estudos que investigam a temática escola.

A identificação das concepções teóricas que circularam nas comunicações orais do GTT Escola tornou possível o aprofundamento do estudo na direção das relações entre essas práticas de pesquisa e o núcleo duro que fundamenta as reflexões realizadas nessas comunicações. Nesse sentido, com base nas teorizações de Ginzburg (1989), ao apontar o foco das análises para as tramas do

micro, formadas pela constituição epistemológica das pesquisas veiculadas no GTT, observou-se que, quanto mais perto desses fios, mais formas de “uso” emergiam dos processos de “apropriação” (CERTEAU, 1994) de teorias manifestadas nessas publicações.

Assim, a inquirição verticalizada, realizada nesses trabalhos, permitiu a identificação de algumas das maneiras de fazer ciência utilizadas pelos autores das comunicações orais durante os CONBRACEs de 1997 a 2009. Dito isso, foram identificadas as seguintes situações:

- a) autores que informam a teoria e realizam apropriação por meio de bibliografia primária;
- b) autores que informam a teoria e realizam apropriação por meio de bibliografia secundária;
- c) autores que informam a teoria e realizam apropriação por meio de bibliografia primária e secundária;
- d) autores que não informam a teoria e não realizam apropriação;
- e) autores que indiciariamente se apropriam da teoria, mas que não apresentam o referencial;
- f) outros.

É importante ratificar que, nesta pesquisa, a noção de “apropriação” preconizada por Certeau (1994) mantém vinculação íntima com a atividade leitora, pois essa se constitui na relação de fabricação e de consumo, no caso do texto, entre escrita e leitura. Desse modo, por meio de “astúcias”, aquele que lê desfere “golpes” no fabricado, modificando o sentido do escrito, à medida que produz um uso inédito, por vezes inesperado, do significado do texto original.

Nesses termos, quando o que está em pauta é a apropriação de teorias em trabalhos científicos, supõe-se uma tensão das capacidades elucidativas dessas correntes para além do contexto do lugar de sua produção, de maneira a adequar e ampliar as possibilidades de análise das temáticas dos objetos investigados. Dito isso, é preciso salientar que foi realizado um esforço em detectar os “sinais” (GINZBURG, 1988) dos usos das referências teóricas utilizadas como base na elaboração dos trabalhos que não anunciaram as teorias que balizaram o estudo.

Desse modo, o Quadro 5 apresenta a distribuição das pesquisas do GTT Escola no que diz respeito aos usos de teorias.

QUANTO AO USO DAS TEORIAS	Total	Percentual
Autores que fazem uso de teoria e realizam apropriação por meio de bibliografia primária	64	36,16%
Autores que fazem uso de teoria e realizam apropriação por meio de bibliografia secundária	48	27,12%
Autores que fazem uso de teoria e realizam apropriação por meio de bibliografia primária e secundária	30	16,95%
Autores que não fazem uso de teoria	27	15,25%
Autores que indiciariamente se apropriam da teoria, mas que não apresentam o referencial	5	2,83%
Outros	3	1,69%

**Quadro 6** – Distribuição numérico-percentual das pesquisas do GTT Escola nas maneiras de uso de teorias identificadas nos CONBRACEs de 1997 a 2009

O Quadro 6 demonstra que a maior parte dos autores que publicaram no GTT Escola realizou algum tipo de apropriação de teorias, seja por bibliografia primária,<sup>104</sup> seja por bibliografia secundária,<sup>105</sup> seja pelo uso desses dois tipos de literatura. Ainda foram detectadas algumas pesquisas em que os autores não informaram a teoria nem o referencial teórico que balizou o estudo, mas que, pela maneira de abordar e questionar os objetos, demonstram os indícios da apropriação de uma ou mais correntes epistemológicas. Desse modo, observa-se que 83,06% dos estudos desse fórum foram desenvolvidos pela ótica de alguma teoria científica no processo de investigação dos objetos, o que corresponde a 147 pesquisas.

No entanto, tendo em vista a importância das teorias para o desenvolvimento de práticas científicas, bem como as próprias exigências acadêmicas de dialogar com as bases epistemológicas que circulam no campo de Educação Física, observa-se, no Quadro 6, um elevado número de 27 pesquisas nas quais não foi possível a identificação do referencial utilizado para reflexão sobre o objeto, correspondendo a 15,25% das publicações do GTT Escola no período de 1997 a 2009.

Igualmente, a categoria denominada de “Outros” também apresenta uma relação com a teoria bastante singular. Nesse caso, os autores das três pesquisas assim classificadas apresentam aos leitores os fundamentos epistemológicos que

<sup>104</sup> Nesta pesquisa, entende-se por bibliografia primária as produções de autores de referência em teoria.

<sup>105</sup> A noção de bibliografia secundária é entendida como uma produção que realiza a leitura de uma obra de referência em teoria, ou seja, a interpretação de uma corrente científica.

balizam o estudo. Porém, nesses textos, não foi possível detectar os sinais da apropriação das teorias, de maneira que não se deixam claras nessas investigações as relações que os autores estabeleceram entre os pressupostos científicos e os objetos analisados nesses trabalhos. No entanto, é possível que o desenvolvimento dos conceitos de uma determinada bibliografia, primária ou secundária, tenha sido realizado sem que ocorresse a indicação da referência na teoria.

Assim, por meio do mapeamento do instrumental teórico que circulou no GTT e pela verificação dos tipos de uso desses pressupostos, tornou-se praticável a identificação das formas pelas quais os pesquisadores realizaram os movimentos de “apropriação” das bases científicas que fundamentam seus estudos. Nesse sentido, verificam-se duas situações distintas que se originam nas pesquisas que fazem uso de apenas uma teoria e das que utilizam mais de uma referência de base.<sup>106</sup>

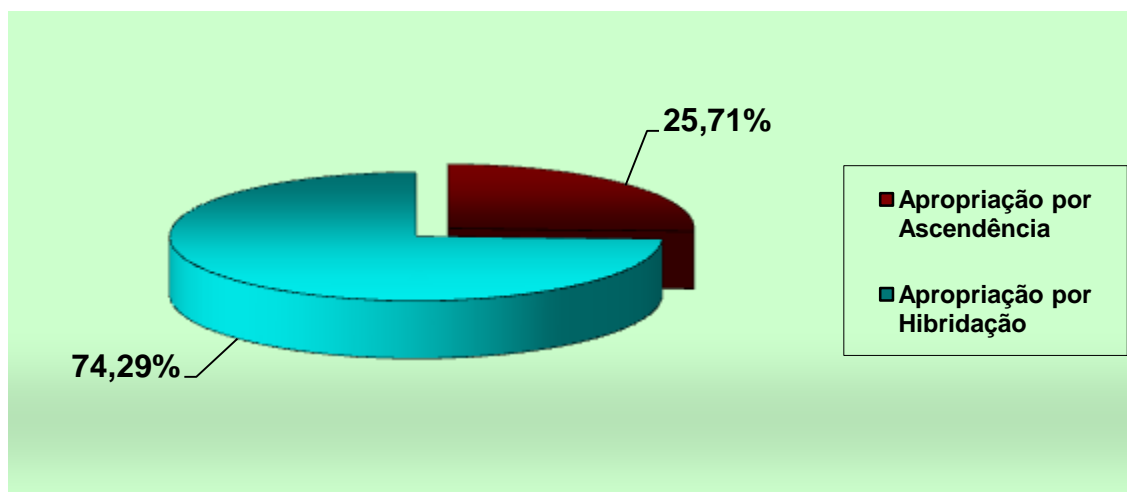
A primeira situação constitui-se de uma forma mais comum de apropriação, na qual os pesquisadores desenvolvem as análises por meio da assunção dos fundamentos filosóficos que norteiam o referencial de base, de modo que realizam as reflexões sobre o objeto a partir do diálogo e adequação dos pressupostos científicos para a realidade investigada. Nesse caso, o que se observa no GTT é a elaboração das pesquisas com base na apropriação de uma matriz filosófica ou de uma das ramificações teóricas apresentadas na Figura 17.

A situação das 70 pesquisas que utilizam mais de um pressuposto epistemológico apresenta-se de modo mais complexo, uma vez que, como demonstra o Gráfico 8, foi possível identificar duas formas de apropriação do referencial teórico: apropriação por ascendência; apropriação por hibridação.

---

<sup>106</sup> Como pode ser visualizado no Gráfico 7.





**Gráfico 8** – Formas de apropriação de teorias nas pesquisas do GTT Escola durante os CONBRACEs de 1997 a 2009

A representação gráfica anterior demonstra que a apropriação de múltiplas teorias por ascendência correspondeu a 25,71% dos textos que circularam no GTT Escola e que fizeram uso de mais de um referencial de base, ou seja, 18 trabalhos. Essa prática de pesquisa consiste na apropriação de teorias que ascendem de um mesmo segmento matricial, no sentido de que a racionalidade que instrumentaliza os princípios analíticos das teorias se organiza com base na mesma lógica de compreensão e questionamento da realidade, já que se encontram balizadas pelo contexto do “lugar” de “fabricação” (CERTEAU, 1994) da mesma matriz filosófica.

Essas apropriações combinadas são realizadas pelos autores na busca de uma complementaridade interpretativa que as diferentes ramificações das matrizes científicas possibilitam sobre a realidade. Esse processo é desenvolvido, pois, mesmo partindo de uma lógica científica similar, cada teoria reúne uma gama de estruturas de significação que lhes confere especificidade. Nesses termos, observa-se que, nas pesquisas do GTT, a combinação de teorias de mesma matriz filosófica foi desenvolvida na tentativa de compreender o objeto escola por meio da organização de pressupostos epistemológicos que aprofundem as reflexões em questões que permeiam, pontualmente, a temática investigada.

A hibridação é a segunda forma de apropriação de variadas teorias identificadas no GTT Escola, correspondendo a 74,29% dos trabalhos que utilizam essa prática, ou seja, 52 publicações. O entendimento de hibridismo de que ora se faz uso nesta pesquisa parte das teorizações de Hannerz (1997), pois ele anuncia que a palavra em questão é um termo genérico que deriva de uma relevante mobilidade entre as disciplinas, utilizado para representar, antes de tudo, a

coexistência de linguagens, de consciências linguísticas, de modo que a interação entre essas estruturas comunicativas crie contradições, ambiguidades e ironias. A hibridez é um processo de desestabilização, de burla da autoridade, que horizontaliza o ordenamento cultural centro-periferia.

A noção do híbrido é palpavelmente aplicável aos processos de convergência cultural que se estendem em um fluxo mais ou menos polifônico dentro de uma estrutura relacional centro-periferia que, segundo Hannerz (1997, p. 28), pode ser “[...] perfeitamente alargada para o âmbito transnacional, também caracterizando pela desigualdade de poder, prestígio e recursos materiais”. Assim, a construção da equidade dessas relações ocorre por meio de uma ação “tática” (CERTEAU, 1994) baseada em movimentos subversivos, pois, ao ler essa paisagem, os sujeitos da periferia se apropriam daquilo que foi fabricado pelo outro, transformando a película cultural em algo ordinário (comum), burlando a autoridade e fazendo emergir as vozes do cotidiano.

No caso da hibridação de teorias em práticas de pesquisa, os autores sintetizam pressupostos epistemológicos “fabricados” em “lugares” (CERTEAU, 1994) diferentes, de modo que esse movimento se constitui na possibilidade de reunir fundamentos científicos que se ramificam a partir de matrizes filosóficas distintas. Esse processo faz agrupar bases científicas com lógicas analíticas que permitem compreender a temática por meio de abordagens que atravessam o objeto de maneira multifacetada, direcionando as inferências investigativas de acordo com os norteamentos originários nos lugares de fabricação das distintas teorias e/ou matrizes filosóficas.

A habilidade de organizar e fazer dialogar fundamentos teórico-metodológicos distintos pode permitir maiores possibilidades de extrapolação desses pressupostos, pois, assim como na manufatura de metais, a “liga” formada por elementos diferentes permite ao produto um uso mais diversificado, fazendo convergir qualidades que lhe concedem maior propriedade de dureza ou maleabilidade, capacitando-os a suportar maiores tensões e temperaturas. Desse modo, a hibridação teórico-metodológica pode permitir ao investigador enxergar a realidade por uma lente menos embaçada, de maneira a ler a trama social com mais acuidade e, assim, apreender com maior detalhamento a riqueza das minúcias cotidianas.

No entanto, é preciso enfatizar que, no processo de hibridação de teorias e métodos, a qualidade do novo produto depende, consideravelmente, da habilidade

daquele que o manipula, pois, assim como manufatura de metais, a falta de perspicácia do artesão pode produzir uma liga frágil e quebradiça que, sob a mais tênue intempérie, faz com que as ligações que a mantêm coesa sejam desarticuladas.

No caso do GTT Escola, a Figura 17 auxilia a compreender o processo de hibridismo, pois, nas pesquisas em que foi detectado esse modo de apropriação teórica, observa-se um cruzamento entre as linhas que compõem cada tradição filosófica identificada, seja pela combinação de suas ramificações, seja pela própria matriz científica. É importante salientar que, em três pesquisas do GTT, se observa um caso singular, no que diz respeito à apropriação de teorias, pois, nesses trabalhos, nota-se a existência do uso de teorias variadas provenientes de distintas matrizes filosóficas. Nos casos em que se identificou a apropriação por hibridismo, os autores das pesquisas realizam a hibridação teórica na tentativa de proceder às análises do objeto por meio de pressupostos que utilizam, nos termos de Ferreira Neto (2005a), diferentes *modus operandi*, no sentido de que, durante o processo de elaboração dos textos, os autores operam por meio de práticas de pesquisa inerentes a matrizes distintas e, por vezes, antagônicas.

Em Marinho (1944), é possível perceber indicativos de que apropriação de conhecimentos originários de “lugares” epistemológicos diversificados tem se apresentado no campo da Educação Física desde a década de 1940. À sua época, Marinho (1944) já ponderava que as ideias que deveriam balizar a intervenção na área deveriam ser compostas por conhecimentos organizados em uma perspectiva “bio-sócio-psico-filosófico”. Essa base de conhecimentos ia de encontro aos fundamentos de origem anatomofisiológica que, nesse período, eram hegemônicos na intervenção na área. Segundo esse autor, a predominância desses conhecimentos não mais oferecia elementos suficientes para nortear as ações dos professores de Educação Física.

Nessa mesma esteira, Lovisolo (1995) pondera que a ação do professor de Educação Física pode ser comparada com a de um *bricoleur*, no sentido de que os “educadores físicos”<sup>107</sup> orientam sua intervenção a partir de uma mediação criativa entre técnicas, práticas e saberes provenientes de diferentes áreas do conhecimento científico. Lovisolo (1995) entende a Educação Física como um campo

---

<sup>107</sup> Terminologia utilizada por Lovisolo (1995) para se referir aos professores de Educação Física.

interdisciplinar, portanto propõe que a sua intervenção deve ser pautada em acordos participativamente elaborados.

As proposições de Marinho (1944) e a pesquisa de Lovisolo (1995) apresentam que, historicamente, a intervenção da Educação Física tem se organizado a partir da apropriação de conhecimentos produzidos em outras áreas. Desse modo, as pesquisas veiculadas no GTT Escola que apresentam a característica de combinação de teorias múltiplas, possivelmente, são produtoras da organização multidisciplinar que compõem o campo da Educação Física.

#### **4.2.1 Constituição epistemológica do GTT Escola: apropriações de bibliografias primárias e secundárias**

O campo da Educação Física apresenta-se constituído por saberes oriundos de outras áreas do conhecimento, possuindo o reconhecimento histórico-acadêmico de um campo que, segundo Lovisolo (1995), tem como característica ontológica uma constituição “mosaica”, formada tal qual uma “colcha de retalhos” que, para sua tessitura, lança mão da reunião de diferentes campos do saber (com seus fundamentos científicos e filosóficos) para se constituir, o que reforça a ideia de que as chamadas “ciências-mães” estão enraizadas na constituição histórica do campo da Educação Física.

Os cursos mosaicos mais recentes, não tradicionais, também estão integrados por uma área de formação disciplinar e uma área instrumental, técnica ou profissionalizante. Contudo, sua característica principal pareceria ser que o mosaico das disciplinas é muito mais amplo, menos concentrado. Estão estruturados a partir de um amplo espectro de disciplinas (de matemáticas a filosofia, por exemplo) e uma área instrumental ou profissional (LOVISOLO, 1995, p. 142).

Assim, como pode ser verificado na estrutura epistemológica das pesquisas do GTT Escola, isso significa que a especificidade dessa área do conhecimento científico, a intervenção pedagógica, geralmente associada à escola, faz suas amarras epistemológicas nos pilares de outros campos acadêmicos.

Job (2008) corrobora essa assertiva ao ponderar que não é de estranhar o diálogo que a Educação Física estabelece com as áreas fronteiriças, uma vez que

essa característica é “[...] uma tendência presente em outras ciências emegentes, surgidas na segunda década do século XX” (JOB, 2008, p. 153). É de se esperar que o referencial teórico utilizado como base para a produção científica em Educação Física apresente essa mesma configuração, atentando para as práticas de pesquisas que circulam no campo, que, por vezes, assumem características de ciências emergentes.

Essas relações são constituídas pela existência de jogos de interesse praticados pelos pesquisadores de uma área do conhecimento, que tentam fazer com que a sua concepção de cientificidade, ou aquela defendida por seu grupo, se transforme em um *paradigma* dominante, nos termos de Kuhn (2007), na defesa de uma ciência revolucionária.<sup>108</sup> No campo da Educação Física, verifica-se o desenvolvimento de diferentes representações de ciência, seja mais próxima das ciências biomédicas ou da saúde, seja aproximando-se das ciências humanas e dos estudos socioculturais, conforme o aquecimento do diálogo do campo com outras áreas do conhecimento que com ele fazem fronteira.

A apropriação de saberes originários de distintas áreas do conhecimento pela Educação Física pode ser fruto da recente estruturação da pós-graduação nesse campo, o que, segundo Vaz e Carballo (2003), o faz carecer de certa autonomia, podendo acarretar dois aspectos igualmente perigosos. O primeiro refere-se à afirmação do campo pelo enrigecimento acadêmico, ou seja, “[...] renunciar narcisicamente a qualquer tipo de diálogo com outras áreas/disciplinas de conhecimento” (VAZ; CARBALLO, 2003, p. 104). O segundo aspecto constitui-se por uma valorização exacerbada dos conhecimentos provenientes de outros campos e uma ocasional hierarquização de saberes. Diante desse imbróglio, os autores fazem apontamentos para um meio-termo, ao afirmarem que

[...] talvez seja o caso de reconhecer-se, em suas problemáticas – teóricas e/ou empíricas – com algum grau de autonomia e especificidade, admitindo, então que nosso olhar possa ser distinto e nem sempre, necessariamente, dependente de outras áreas/disciplinas (VAZ; CARBALLO, 2003, p. 104).

Vaz e Carballo (2003) dizem que as pesquisas em Educação Física têm partido de um forte apelo emocional, mas com pouca delimitação teórica e empírica. Com base nesse argumento, os autores fazem a seguinte consideração:

---

<sup>108</sup> Para Kuhn (1970), as transformações paradigmáticas são revoluções científicas, e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida.

[...] a presença algo disparatada de objetos e metodologias de pesquisa no campo da educação física, mais frequente do que em outras áreas de conhecimento, não é uma boa situação. Prefiro, no entanto, a cautela, tentando garantir o rigor, mas evitando a censura, que pode nos impedir de alcançar novos patamares de investigação e reflexão sobre os tantos temas que hoje nos correspondem. Na dúvida, considerando que ainda estamos em formação – mas que por isso mesmo precisamos ser rigorosos! – creio ser interessante dizer mais *sim* do que *não* (VAZ; CARBALLO 2003, p. 117).

Nesse sentido, analisar as bibliografias de referência de trabalhos científicos pode salientar “indícios” (GINZBURG, 1989) que apontem para as operações de “uso e apropriação” (CERTEAU, 1994) de algumas matrizes teóricas que circularam na Educação Física e conformam diferentes práticas de pesquisa veiculadas pelo CBCE, a partir da organização do GTT Escola. Ler um texto tomando como base as referências utilizadas para sua construção permite que se tenha uma visão diferenciada sobre essa produção. Privilegiar a bibliografia de base constitui-se numa tática, nos termos de Certeau (2007), capaz de fornecer elementos que auxiliem a compreensão do aparelho crítico do texto, permitindo ao leitor identificação das bases científicas presentes nos discursos empregados nesses estudos.

No que diz respeito às obras de referência utilizadas como suporte teórico, o levantamento empreendido na produção científica do GTT Escola, veiculada nos anais dos CONBRACEs, realizado entre 1997 e 2009, possibilitou identificar a existência de um universo de 2.613 produções bibliográficas utilizadas como referências nesses trabalhos. Essa bibliografia foi comumente identificada ao final<sup>109</sup> dos textos, no entanto também ocorreram casos de autores que optaram por apresentar as referências em notas de rodapé ou de fim de texto.

Esses trabalhos apresentaram alguns problemas no ato de referenciar essas bibliografias, de modo que, do universo de produções utilizadas como base das pesquisas do GTT, foram identificados 110 produções bibliográficas que foram citadas nos textos, mas que não se encontram nas listas de referência. A situação contrária também foi recorrente, pois 451 obras apresentam-se listadas nas referências dessas pesquisas, mas não são citadas no corpo do texto.

---

<sup>109</sup> Nas pesquisas do GTT Escola, existe uma indefinição quanto à terminologia utilizada para a listagem de fontes e bibliografias que serviram de base para a elaboração dos trabalhos. Assim, verifica-se nesses estudos o uso dos termos: Bibliografia; Bibliografia de Base; Fontes; Referências; e Referências Bibliográficas, inexistindo uma padronização desse tópico, tanto no conjunto dos anais, quanto em cada congresso em específico.

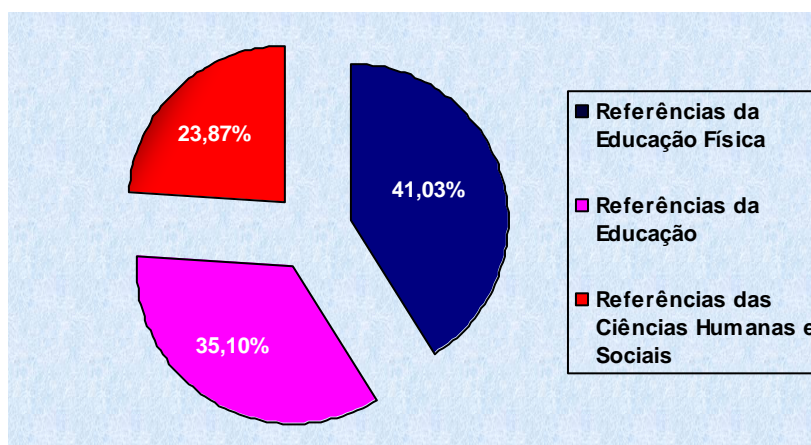
É importante salientar que foram desconsideradas das análises as bibliografias que não tiveram seus usos explicitados nos textos, perfazendo um universo de análise de 2.162 obras de referência (Apêndice E). Desse total, observa-se que somente 188 produções foram citados mais de uma vez como referência dos trabalhos do GTT Escola, no período de 1997 a 2009. Sobre essa forma de organização científica Job (2008, p. 158) pondera:

A inexistência de um grupo de autores mais citados pode revelar a dispersão das disciplinas e conseqüentemente do conhecimento produzido. A educação física está dispersa em várias áreas [...] e está em busca de sua legitimidade acadêmica e de um referencial teórico que a consagre como ciência. Afinal, sua presença acadêmica é recente, jovem ainda no Brasil, com cerca de 30 anos de pós-graduação, data marcada pela defesa da primeira dissertação em educação física no Brasil, na USP em 1979.

A alta variabilidade bibliográfica associada a uma baixa frequência de uso dos autores de referência pode apontar para a ausência de um referencial teórico de base que identifique esse grupo de pesquisadores. Essa afirmação ganha relevância, principalmente se for levado em consideração o fato de as teorias e matrizes filosóficas utilizadas na construção das pesquisas do GTT Escola apresentarem-se do mesmo modo. Na citada pesquisa de Ferreira Neto et al. (2003), essa situação já havia sido detectada no campo da Educação Física, denotando que essa organização epistemológica tem sido recorrente nessa área.

Em uma análise preliminar, identificou-se que os autores das bibliografias utilizadas como referência para a construção dos textos veiculados no GTT Escola apresentavam sua gênese acadêmica vinculada a três grandes áreas de concentração: a) autores que têm formação no campo da Educação; b) autores com gênese acadêmica na Educação Física; e c) autores com formação e produção acadêmica nas Ciências Humanas e Sociais.

Nesses termos, a partir da identificação das áreas que constituem a base epistemológica dos trabalhos desse fórum, o Gráfico 9 apresenta a distribuição percentual das produções bibliográficas utilizadas na elaboração das pesquisas do GTT Escola, nos campos da Educação Física, da Educação e das Ciências Humanas e Sociais.



**Gráfico 9** – Áreas de concentração das referências utilizadas nas pesquisas do GTT Escola durante os CONBRACES de 1997 a 2009

Os dados do gráfico demonstram que, no período de 1997 a 2009, das 2.162 obras de referência utilizadas pelos pesquisadores do GTT Escola, 23,87% pertencem às Ciências Humanas e Sociais, o que corresponde a 516 produções; 35,10% são de autores com formação na área de Educação, ou seja, 759 produções bibliográficas; já as referências textuais da área da Educação Física correspondem a 41,03% do total, o que representa 887 bibliografias de base.

Observa-se nas proporções apresentadas no Gráfico 9, que a área de Educação Física tem fornecido, com mais intensidade, para as pesquisas do GTT Escola, as bases epistemológicas para a produção do conhecimento sobre a temática desse fórum. Nesse sentido, os dados apresentados a seguir indicam os autores e as obras de referência que foram mais frequentemente citados nas pesquisas desse grupo.

AUTORES MAIS UTILIZADOS	Total	OBRA MAIS UTILIZADAS	Total
<b>CONBRACE 1997</b>			
Valter Bracht	25	COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	25
Coletivo de Autores	25		
<b>CONBRACE 1999</b>			
Valter Bracht	10	COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	7
<b>CONBRACE 2001</b>			
Coletivo de Autores	12	COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	12
<b>CONBRACE 2003</b>			
Valer Bracht	7	COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	7
Coletivo de Autores	7		
<b>CONBRACE 2005</b>			



Valter Bracht	12	COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	7
<b>CONBRACE 2007</b>			
Valter Bracht	7	BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. In: SOARES, C. L. (Org.) Caderno CEDES – Corpo e Educação, Campinas:UNICAMP, n. 48, p. 69-88,1999.	5
		COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	5
<b>CONBRACE 2009</b>			
Valter Bracht	10	COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.	10
Coletivo de Autores	10		
Elenor Kunz	10		

**Quadro 7** – Autores e obras de referência mais utilizados nos trabalhos do GTT Escola durante os CONBRACEs de 1997 a 2009

As informações reunidas no Quadro 7 demonstram que tanto os autores quanto as obras de referência mais frequentes em cada CONBRACE são bibliografias pertencentes à própria área da Educação Física. Nesse sentido, observa-se, no quadro, que Valter Bracht aparece como referência mais citada nos congressos de 1999 e 2007. No evento de 2001, o grupo denominado de Coletivo de Autores<sup>110</sup> surge como principal referência dos textos veiculados naquele ano. Já no X e XIII CONBRACEs, aparecem dois principais autores de referências com o mesmo número de citações: Valter Bracht e o Coletivo de Autores, enquanto no congresso de 2009, além desses dois citados, Elenor Kunz também aparece no rol de autoridades científicas do GTT Escola.

Quanto às obras de referência mais utilizadas no GTT Escola, as informações contidas no Quadro 7 demonstram que, em todos os CONBRACEs analisados, o livro “Metodologia do ensino da educação física”, do Coletivo de Autores (1992), aparece como bibliografia mais utilizada como referência dos trabalhos veiculados nesse fórum. No congresso ocorrido em 2007, o texto “A constituição das teorias pedagógicas da educação física”, escrito por Bracht (1999), também aparece como obra de referência mais citada.

Salienta-se, nesses dados, que tanto os autores, quanto as bibliografias que são mais frequentemente utilizadas como referências nos trabalhos do GTT Escola apresentam-se de maneira bastante repetitiva. Esses dados acabam por reforçar as conclusões de Ferreira Neto (2005a), que pondera sobre a influência exercida por alguns ex-presidentes do CBCE, dado que, além de Valter Bracht e Elenor Kunz,

<sup>110</sup> Composto por Carmem Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Escobar e Valter Bracht. Também foram identificadas outras formas de citar essa produção, como: Bracht et al. (1992) e Soares et al. (1992). Aqui, optou-se por utilizar a maneira mais frequente utilizada pela comunidade científica, qual seja: Coletivo de Autores (1992).

dois outros componentes do Coletivo de Autores também foram mandatários da instituição, quais sejam: Lino Castellani Filho e Celi Taffarel.

A constatação desse autor, juntamente com os elementos dispostos no Gráfico 9 e no Quadro 7, além de apresentar a sofisticação do controle científico que ocorre no interior desse colégio, também indica que os pesquisadores do GTT Escola têm buscado explicações para os fenômenos de seus campos de investigação por meio da literatura originária na própria área de Educação Física.

A elevada concentração desse tipo de referência pode parecer incoerente com as teorias e matrizes filosóficas identificadas nessas pesquisas, uma vez que a maior parte desses pressupostos pertencem às Ciências Humanas e Sociais e à área de Educação. No entanto, os “sinais” (GINZBURG, 1987) das “apropriações” (Certeau, 1994) dessas práticas científicas nos trabalhos do GTT apontam para um uso dessas correntes epistemológicas a partir das interpretações desenvolvidas por autoridades do campo da Educação Física, o que denota que as bibliografias secundárias têm se configurado como um suporte científico importante nas pesquisas do GTT Escola, como apresenta o quadro a seguir.

MATRIZ/TEORIA	AUTOR	CONBRACE							Total	
		X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI		
Teoria Crítica	Pedro Demo	2	-	-	-	-	-	-	36	
	Elenor Kunz	9	2	3	2	3	1	5		
	<b>Indiciariamente</b>	-	2	-	-	-	-	-		
	Mauro Betti	-	-	1	-	2	-	-		
	Roberto Bianchetti	-	-	1	-	-	-	-		
	Mara Aranha	-	-	-	-	-	1	1		
	D. Werle	-	-	-	-	-	-	1		
Materialismo Dialético	Histórico-	Coletivo de Autores	14	2	4	2	4	3	2	80
		Antônio Severino	-	-	-	-	-	-	1	
		Lino Castellani Filho	3	-	-	-	-	-	-	
		Valter Bracht	8	4	2	2	5	1	-	
		Celi Taffarel	2	-	-	-	1	-	-	
		Carmem Soares	3	-	-	-	1	-	-	
		Carmem Soares et al.	-	-	1	-	-	-	-	
		Carmem Soares, Micheli Escobar e Celi Taffarel	1	-	-	-	-	-	-	
		Mario Alighiero Manacorda	1	-	-	-	-	-	-	
		Suraia Darido	1	-	-	-	1	-	1	
		Micheli Escobar	1	-	-	-	-	-	-	
		Luiz Carlos Freitas	-	1	-	-	-	1	-	
		Gabriel Palafox	-	-	-	1	-	-	-	
		Débora Sayão	-	-	-	1	-	-	1	
		Hajime Nosaki e colaboradores	-	-	-	-	1	-	-	
		Rodrigo Carelli	-	-	-	-	1	-	-	
		Tarcísio Vago	-	-	-	-	1	-	-	
Celi Taffarel e Tereza França	-	-	-	-	-	-	1			
Teoria Construtivista	João Batista Freire	2	-	1	1	-	-	1	6	
	C. Charles	-	-	-	1	-	-	-		
Teoria Freiriana	Silvana Ventorim	1	-	-	-	-	-	-	2	
	Moacir Gadotti	-	-	-	-	1	-	-		
Teoria Feminista	Helena Altmann	-	1	-	-	-	-	-	3	
	Margaret Talbot	-	-	1	-	-	-	-		
	Maria Saraiva Kunz	-	-	-	-	1	-	-		

Teoria Histórico-Crítica	Luiz Carlos Freitas	-	1	-	1	-	-	-	2
Fenomenologia	Silvino Santin	-	-	2	-	-	-	-	4
	Manoel Sérgio	-	-	1	-	-	-	-	
	Wagner Moreira	-	-	1	-	-	-	-	
Antropologia Social	Jocimar Daolio	-	-	1	-	-	-	1	2
Pedagogia dos Conflitos Sociais	Luiz Freitas	-	-	-	1	-	-	-	1
Multiculturalismo Crítico	Vera Candau	-	-	-	1	-	-	-	2
	L. Bello	-	-	-	1	-	-	-	
Teoria do Jogo	Alan Costa e Mauro Betti	-	-	-	-	-	1	-	1
Sociologia do Currículo	Cássia Alvin e Marcos Taborda de Oliveira	-	-	-	-	-	1	-	2
	Gislene Amaral	-	-	-	-	-	1	-	
Filosofia da Linguagem	Carmem Soares	-	-	-	-	-	1	-	2
	Natália Carneiro	-	-	-	-	-	1	-	
Semiótica Pierceana	Lúcia Sant'Agostinho, Eliane Gómez da Silva e Mauro Betti	-	-	-	-	-	-	1	3
	Lúcia Sant'Agostinho	-	-	-	-	-	-	1	
	I. Ibri	-	-	-	-	-	-	1	
Teoria da Produção de Saberes	Valter Bracht e Francisco Caparroz	-	-	-	-	-	-	1	1

**Quadro 8** – Teorias e matrizes filosóficas utilizadas por meio de bibliografias secundárias nas pesquisas do GTT Escola durante os X, XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI CONBRACES

O Quadro 8 demonstra a relação de correntes epistemológicas que foram apropriadas pelo uso de bibliografia secundária nos textos veiculados no GTT Escola do CBCE, no período de 1997 a 2009. As informações apresentadas nesse quadro indicam que a comunidade científica da Educação Física tem estabelecido um diálogo teórico-metodológico bastante intenso com a literatura do próprio campo, principalmente quando o que está em uso são as teorias e matrizes da Educação e das Ciências Humanas e Sociais.

Nesse sentido, nota-se um esvaziamento de matrizes teóricas fundamentadas em referências primárias, uma vez que os autores de referência de maior relevância identificados nesses trabalhos pertencem à própria área de Educação Física. É preciso ressaltar que, para um campo que notadamente detém características multidisciplinares, essa concentração de referência pode comprometer o progresso dessa produção científica, constituindo-se como obstáculo epistemológico nos termos de Bachelard (1996).

Com relação à presença de obstáculos à produção científica, Bachelard (1996) anuncia seu entendimento, afirmando que não se trata de obstáculos externos aos fenômenos, mas que “[...] é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos” (BACHELARD, 1996, p. 17), que são apontados pelo autor como causas de estagnação, regressão e inércia do conhecimento científico, uma vez que um

obstáculo epistemológico impregna-se no conhecimento que não foi alvo de questionamentos, tornando-se, nos termos do autor, um contrapensamento.

Desse modo, ao se apropriarem dessas referências, os pesquisadores do GTT Escola operam uma leitura que modifica os sentidos expressos nas referências primárias. Nos termos de Certeau (1994), esse movimento faz com que os fundamentos existentes nessas bibliografias funcionem sob a lógica de um registro diferente. Assim, inventa-se nos textos uma relação que extrapola a sua intencionalidade original. Dessa forma, “[...] destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade de significações” (CERTEAU, 1994, p. 265).

Nesses termos, nota-se que é por meio de suas “artes de fazer” (CERTEAU, 1994), que os pesquisadores procedem a uma metamorfose na bibliografia primária de acordo com suas maneiras de conceber e praticar a ciência, na medida em que atribuem novos significados aos discursos presentes nessa produção, tornando-a parte inerente de seus textos a partir de um reemprego coerente.

No caso do uso das referências secundárias, as pesquisas são construídas sob argumentos elaborados por meio da apropriação dos discursos do referencial primário. Nesse contexto, é como se apropriar daquilo que já foi apropriado, na medida em que se lê a partir da lente do que foi lido por outro, tendo em vista que cada leitura é produto de um “lugar”. Assim, percebe-se, nas pesquisas do GTT Escola, a existência de *apud* teórico, uma vez que os autores desses estudos realizam uma (re)apropriação das teorias e matrizes filosóficas a partir de intérpretes da própria área de Educação Física.

O indicativo da recorrência de referências secundárias apresentada nos dados demonstra que os pesquisadores da Educação Física têm buscado os fundamentos epistemológicos de suas pesquisas na literatura do próprio campo, fato que, muito provavelmente, pode ser considerado uma tentativa de valorizar e legitimar aquilo que a área produz. No entanto, o uso exacerbado de intérpretes pode gerar um distanciamento entre a área de Educação Física e os clássicos da literatura científica.

Nesses termos, para uma área como a de Educação Física, na qual, conforme Lovisolo (1995), o desenvolvimento epistemológico tem se constituído e consolidado de forma mosaica, é condição *sine qua non* que os clássicos das áreas

que compõem a sua base teórica estejam presentes nas pesquisas mais qualificadas desse campo.

A necessidade de dedicar tempo a esse tipo de literatura já teve sua importância salientada por alguns intelectuais. Para Saviani (1991, p. 21), por exemplo, um clássico é uma obra que resistiu ao tempo, de modo que seu conteúdo “[...] não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual, é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial”.

Em Calvino (1993, p. 9-15, *passim*) são apresentadas 14 razões que auxiliam a definir o que é um clássico e o porquê da importância de sua leitura:

1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo... e nunca ‘Estou lendo...’.
  2. Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.
  3. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem inesquecíveis e também quando ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.
  4. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.
  5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura.
- A definição 4 pode ser considerada corolário desta:
6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.
  7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).
  8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe.
  9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.
  10. Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs.
  11. O ‘seu’ clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele.
  12. Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia.
  13. É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir de fundo.
  14. É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível.

Como síntese, Calvino (1993) pondera que a principal razão para se ler um clássico é o fato de que, imponderavelmente, a leitura de clássicos é, sem dúvida, melhor do que não lê-los.

A leitura (e uso) de um clássico da ciência, por exemplo, é importante, pois esse tipo de literatura desenvolve questões que, normalmente, reúnem pressupostos que facilmente podem ser transpostos para contextos de análises distintos daqueles em que eles foram desenvolvidos. Assim, em virtude dessas características, é possível observar que algumas literaturas aparecem como referência tanto nas áreas de humanidades, quanto nas denominadas ciências “duras”.

Nesses termos, a maior circulação de referências da Educação Física nos estudos que veicula por meio da publicação do GTT Escola, em detrimento das bibliografias primárias, parece ser uma “estratégia” (CERTEAU, 1994) do CBCE, ou mesmo uma política científica desse grupo. Desse modo, em longo prazo, por meio da “fabricação” (BURKE, 1994) de autoridades científicas, seria elaborado um estatuto epistemológico próprio do campo, capaz de sustentar os pilares que fundamentam as suas práticas.

Com base nessa estrutura, a produção do conhecimento dessa área não mais necessitaria, organicamente, dos pressupostos científicos das “ciências mães”. Dessa forma, conformaria um conjunto de saberes legítimos da Educação Física. No entanto, as formas de apropriação das matrizes e teorias detectadas nas pesquisas do GTT Escola (Gráfico 7) podem obstaculizar o desenvolvimento epistemológico do campo, principalmente quando se analisam os trabalhos desenvolvidos por meio de mais de uma teoria, como nos casos em que foi detectado o hibridismo teórico.

Esse obstáculo é constituído pelas próprias práticas de apropriação, uma vez que uma das particularidades desse movimento consiste no processo de transformação, de criação de algo novo por meio de um uso único. Assim, como a concentração de referências secundárias promove um hiato entre o campo de Educação Física e suas áreas fronteiriças, a mescla entre concepções epistemológicas distintas por meio dessas bibliografias pode comprometer a potencialidade analítica das matrizes e/ou teorias que são tensionadas ao diálogo.

A situação dos usos das referências teóricas produz uma imagem de que o campo da Educação Física é autossuficiente em sua produção, visto que os estudos veiculados no GTT Escola fundamentaram suas discussões, prioritariamente, em referências próprias desse campo. Não obstante, o “esvaziamento” de matriz teórica primária evidencia obstáculo ao progresso das práticas de pesquisa no campo. Nessa esteira, ocorre um distanciamento entre a Educação Física e as áreas que compõem o seu “mosaico” (LOVISOLO, 1995) promovido pelo uso, cada vez menor,

das bibliografias primárias. Desse modo se cristalizam e se reproduzem no campo as interpretações das autoridades “fabricadas” (BURKE, 1994), bem como as “tradições inventadas” (HOBSBAWN; RANGER, 1997).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo encerra-se com a certeza de que produziu mais questionamentos do que respostas.

Conforme os objetivos anunciados, esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de compreender as relações que perpassam os processos de produção e veiculação de conhecimento no CBCE e, conseqüentemente, no campo da Educação Física. O objeto/fonte selecionado para a pesquisa foram as pesquisas publicadas pelo GTT Escola por meio dos anais dos CONBRACEs realizados entre 1997 e 2009.

A investigação foi desenvolvida com base de uma perspectiva arqueológica, no entendimento de que o objeto se organiza em estratos. Nesse sentido, as análises procederam de maneira bifronte, desde camadas mais superficiais dos anais, compostas pelos ordenamentos políticos que o contornam, passando pela sua estrutura simbólica que os constitui, até as estratificações que formam o núcleo duro teórico-metodológico dos textos do GTT Escola. A tentativa foi compreender as representações do pensamento científico do campo pelos recursos epistemológicos recrutados pelos pesquisadores.

A pesquisa evidenciou que, ao longo da história, os estudos e análise da trajetória do CBCE que receberam a chancela da própria instituição foram realizados por pesquisadores de dentro da entidade. Em vista dessa situação, observou-se que a autoria dessas “leituras críticas” desse colégio, na maioria das vezes, foi composta pelos mesmos investigadores.

Assim, se, por um lado, isso pode indicar um movimento de autocrítica, por outro, demonstra um profundo enraizamento do domínio político no interior do CBCE, que relega a uma espécie de ostracismo acadêmico aqueles que assumem um posicionamento contrário ao grupo que detém o controle da instituição. Desse modo, na medida em que se repetem algumas verdades sobre a Educação Física, essa estrutura auxilia no processo de invenção e manutenção de tradições nesse campo.

Nesse sentido, os anais do CONBRACE foram pesquisados como dispositivo de controle e didatização do campo utilizado pelo CBCE. Assim, o entendimento é o de que os diretores da instituição se valem, estrategicamente, desse lugar de poder como meio de fazer circular suas representações de práticas de pesquisa no campo



da Educação Física, na medida em que produzem o monopólio da autoridade científica.

Dentro da perspectiva arqueológica, a tentativa foi a de compreender esse dispositivo como objeto cultural. Desse modo, a preocupação foi principalmente a de entender, com a forma do objeto, as orientações de leitura que não se apresentam diretamente relacionadas com o discurso científico, mas em mecanismos de ordenação e significação. Estruturas simbólicas que compõem o aparelho crítico dos dispositivos e afetam as práticas de leitura sem mesmo aguçarem a percepção do leitor, como: imagens e frases publicadas nas capas dos anais impressos, nos encartes e em etiquetas dos CDs, a maneira de organizar os sumários, a disposição de *links*, a escolha dos temas dos congressos. Todos esses elementos constituem o mecanismo de preparação do usuário para o desenvolvimento da leitura desses documentos, segundo as regras que, antecipadamente, os organizadores previram para seu manuseio e consumo.

Nesse dispositivo, percebeu-se que uma das estratégias do CBCE para captar participantes e recursos financeiros para os CONBRACEs está relacionada com a veiculação de imagens de pontos turísticos, bem como com o oferecimento de pacotes de viagens para esses eventos. No entanto, é importante salientar que esse tipo de prática pode gerar um esvaziamento das programações científicas desse congresso em detrimento de atividades turístico-culturais.

A pesquisa indica mudanças nas relações do leitor com essa produção, de acordo com a alteração que o dispositivo sofre do texto impresso para o CDs e, finalmente, para hipertexto. A potencialidade que se salienta no uso dos textos virtuais é bastante profícua quando se pensa em circularidade de informações e na consequente democratização dos saberes produzidos pelo grupo de pesquisadores que circula no GTT Escola.

Entretanto, a realidade brasileira atual ainda não permite que essa prática desenvolva toda sua potencialidade, dado que o próprio acesso à rede mundial de computadores não é disponibilizado a toda população do País. Além disso, para manter os trabalhos armazenados em uma única base de dados, é necessário que as instituições científicas assimilem tecnologias que permitam o uso irrestrito desses trabalhos à comunidade científica que utiliza esse material como fonte de pesquisa.

A elaboração de sistemas de segurança eficientes é condição fundamental para que essa prática permita ao usuário um acesso seguro às informações. Essas

medidas são necessárias para proteger a base de dados, evitando que ela se corrompa, ocasionando perda temporária das informações do congresso, ou mesmo da ação de *hackers*.

No entanto, o que se observa no decorrer dos congressos é que os anais têm assumido características diferenciadas de acordo com o grupo responsável por organizar o evento que, como editores, procuram deixar sua marca nessa produção. Assim, observam-se muitas continuidades e descontinuidades nos formatos adotados para os anais, e nos modos de ação dos dispositivos. Normalmente, o que tem se perpetuado são as estratégias de divulgação que permitem reduzir cada vez mais os custos de produção e circulação dos anais do CONBRACE.

A verticalização deste estudo permitiu que o mapeamento dos trabalhos do GTT Escola, por meio de alguns elementos indiciários, possibilitasse identificar o tipo de ciência praticado no CBCE e no campo de Educação Física. Assim, foram identificadas as composições autorais dos trabalhos, a organização dos grupos de pesquisa, a procedência territorial e a titulação dos pesquisadores que publicaram nesse fórum.

Nesses termos, detectou-se que a produção científica que circulou no GTT Escola depende fortemente da intelectualidade da Região Sudeste do Brasil. Esse prospecto tem indicado que a produção do conhecimento na área de Educação Física tem acompanhado a distribuição e desenvolvimento das políticas de fomento à pesquisa no País. A base empírica dessa assertiva é reforçada pela concentração de mestrados, mestres, doutorando e doutores que assinam os trabalhos desses congressos nessa mesma região, apontando para o fato de que, quanto mais elevado o nível de formação profissional, maior a confluência desses pesquisadores nos polos econômicos brasileiros. No entanto, os dados da pesquisa indicam que, mesmo com uma alta disparidade da distribuição de mestres e doutores no território nacional, observa-se um crescimento, ainda tímido, do número de autores com esse nível de especialização em outras localidades regionais, para além dos principais centros político-econômicos do Brasil.

Esse movimento tem apresentado indícios de uma sazonalidade acadêmica no campo de Educação Física, na medida em que os pesquisadores se mantêm em determinados polos científicos somente durante o período de formação e retornam às suas regiões de origem após o fim desse processo. A detecção de um panorama que apresenta esse tipo de fluxo de formação indica que a pós-graduação em

Educação Física no Brasil tem se desenvolvido de maneira ainda bastante lenta. Nesses termos, a ampliação dos recursos para pesquisa com o consequente desenvolvimento e incremento de programas de pós-graduação fora dos grandes polos científicos, é condição indispensável para se alcançar patamares mais elevados das práticas científicas do campo da Educação Física.

A análise temporal da progressão dos níveis de formação dos autores do GTT Escola indica que, no decorrer dos CONBRACEs, aumentou o número de mestres e doutores com publicação de trabalhos. Esse crescimento aponta para uma relevante participação da pós-graduação nesses eventos, em virtude da pressão por produtividade exercida pela CAPES, o que se encontra expresso na configuração das autorias dessas pesquisas.

Os dados da pesquisa indicam uma mudança no perfil autoral das pesquisas veiculadas nos anais desse congresso. Nesses termos, observou-se que, ao longo dos fóruns do GTT Escola, ocorre uma inversão no percentual do tipo de autoria, de modo que a maior parte dos trabalhos passam a ser assinados coletivamente, apontando para uma tendência organizacional no campo de Educação Física. Esse modo de praticar a ciência tem favorecido o aparecimento de grupos de pesquisa especializados em diferentes temáticas no interior do GTT.

Porém, notou-se que a frequência de publicações desses grupos tem se desenvolvido de maneira irregular, de modo que esses núcleos investigativos somente apareceram de forma mais consistente no CONBRACE de 2009. Essa configuração indica que o campo de Educação Física tem buscado atender às solicitações da CAPES, que pressupõem a consolidação de grupos de pesquisa para o funcionamento de programas de pós-graduação.

O número de autores por trabalho também foi problematizado e tem se mostrado uma questão bastante polêmica em distintas áreas do conhecimento. A presença no GTT Escola de textos assinados por um elevado número de autores torna inconsistente a legitimidade e a participação efetiva de todos os pesquisadores no processo de elaboração do trabalho. Nesses termos, é possível inferir que, no campo da Educação Física, tem ocorrido o que se convencionou chamar de “autoria de presente”. Assim, na medida em que se estabelece um rodízio na produção científica, a composição autoral torna-se uma moeda de troca na busca pela formação da autoridade científica.

Aparentemente, pode parecer incoerente a relação publicação em congresso científico e pós-graduação, uma vez que as políticas de avaliação às quais a área de Educação Física se encontra submetida pouco valorizam esse tipo de veículo de circulação de informação. Porém, é nesse “espaço” que se percebe uma ação “tática”, pois a participação e publicação de pesquisas em congressos possibilitam o ganho de visibilidade no campo científico por meio da formação de redes de relacionamento e conseqüente acúmulo de capital simbólico.

O aprofundamento das análises nas camadas que envolvem o “núcleo duro” das pesquisas do GTT Escola possibilitou tensionar os fazeres teórico-metodológicos que constituem as práticas de pesquisa para a investigação da temática escola no campo da Educação Física. Nesse sentido, a situação dos métodos e técnicas identificados nessas pesquisas demonstra a existência de uma indefinição no uso dessas práticas científicas, uma vez que foi detectada a presença de trabalhos que não delimitam com clareza a base metodológica, tanto sobre os métodos quanto sobre as técnicas.

A investigação dos usos das teorias foi um pouco dificultada, pois a maior parte dos trabalhos analisados não indica os alicerces epistemológicos que fundamentam esses estudos. Essa situação tem demonstrado a imaturidade existente no campo da Educação Física, no que diz respeito ao desenvolvimento dessas práticas científicas, ao passo que a assunção de um pressuposto teórico demonstra os norteamientos políticos e ideológicos que balizam a produção acadêmica de um determinado pesquisador.

Sobre o uso dessas práticas, observou-se que, em alguns trabalhos que não apresentaram a base teórica, foi possível identificar as teorias por meio dos indícios deixados pelos autores. Nesses termos, ficou salientada a existência de pesquisas que utilizam somente um pressuposto científico, e outras que foram elaboradas por meio dos fundamentos de mais de uma matriz filosófica ou teoria. Porém, mesmo com o esforço de realizar a busca pelos elementos venatórios, em alguns textos, não foi possível identificar a presença dos norteamientos epistemológicos que balizaram o desenvolvimento dessas pesquisas.

Assim, as representações de teorias utilizadas pelos autores do GTT Escola demonstram que a tradição teórica do materialismo histórico-dialético foi a matriz que mais foi utilizada por esses pesquisadores, indicando uma forte influência que os norteamientos marxistas têm exercido sobre o que é veiculado nesse fórum. Com

base nessa configuração, tornou-se possível a inferência de que a tradição teórica implementada no CBCE na década de 1980 ainda tem se constituído como relevante pressuposto para a (re)produção científica que investiga a temática da Educação Física escolar.

Nos casos em que os trabalhos foram elaborados sob a luz de uma teoria, notou-se que o desenvolvimento das ideias era realizado por meio da apropriação dos fundamentos filosóficos que norteiam o referencial de base. Desse modo, realizam as reflexões sobre o objeto a partir do diálogo e adequação dos pressupostos científicos para a realidade investigada.

Já nas pesquisas em que foram identificados os usos de mais de uma teoria, a maneira pela qual os pesquisadores do GTT Escola se apropriaram desses pressupostos permitiu a caracterização de duas categorias: ascendência e hibridismo. Na primeira, e de menor recorrência, os pesquisadores fundamentaram suas pesquisas em teorias pertencentes a uma mesma tradição filosófica, captando os elementos constitutivos que permitissem investigar os objetos por diferentes ângulos de visão, mas sempre dentro da mesma lógica analítica.

A categoria hibridismo apresentou-se com uma frequência maior. Nesses casos, os autores dos trabalhos realizaram a apropriação e combinação de pressupostos epistemológicos pertencentes a matrizes norteadas por noções investigativas distintas e em alguns casos contraditórias, por vezes realizadas sem o conhecimento das incompatibilidades. Esse panorama epistemológico tem demonstrado a organização multidisciplinar que, historicamente, tem composto o mosaico da área de Educação Física.

A situação das obras de referência utilizadas nos trabalhos do GTT Escola apontou alguns problemas no que diz respeito à normalização de referências. Foram identificados textos em que os pesquisadores não seguiram as padronizações técnicas de citações de bibliografias convencionadas pela ABNT e que são utilizadas como base nas normas de submissão de pesquisas para os congressos do CBCE. Entretanto, mesmo com esses problemas estruturais, essas produções ganharam circulação nos anais.

Nas análises dos autores de referência utilizados nas pesquisas do GTT Escola, os dados indicaram que esses textos têm apoiado a discussão teórica em produções bibliográficas do próprio campo. Desse modo, constatou-se que, nesse fórum, tem ocorrido um esvaziamento de referências primárias, na medida em que

os autores que publicam recorridos a bibliografias da área de Educação Física que interpretam as teorias provenientes de outros campos de conhecimento. É esse movimento de apropriação do que foi lido pelo outro que tem configurado a presença, bastante relevante, do *apud* teórico no interior do CBCE.

Outra questão salientada é o processo de fabricação de autoridades científicas. Esse movimento foi evidenciado na medida em que se observou que, em todos os CONBRACEs, as referências mais citadas foram escritas por pesquisadores da área de Educação Física. Nesse sentido, é possível afirmar que esses autores, por possuírem uma leitura aprofundada do referencial teórico primário ou por utilizarem constantemente esses pressupostos, fazem com que o pensamento presente nessas bibliografias se torne hegemônico nas produções veiculadas pelo GTT Escola. No entanto, salientamos que, ao lerem as matrizes teóricas a partir das interpretações de referências secundárias, os autores do GTT Escola fazem uso da ressignificação dos discursos do referencial teórico primário.

É nesse contexto que a pesquisa chama a atenção para a importância da leitura e uso dos clássicos da ciência para a produção de conhecimento em qualquer área, mas, principalmente, para um campo que tem sua epistemologia organizada de forma “mosaica”, mesmo que, por vezes, essa organização seja demasiadamente confusa.

A importância de retomar a leitura dos clássicos dá-se no sentido de que o uso dos intérpretes pode se constituir em um obstáculo epistemológico para o desenvolvimento do campo. Essa relação se dá na medida em que ocorre uma homogeneização das referências, ao mesmo tempo em que as interpretações realizadas nas bibliografias secundárias se tornam naturalizadas. Assim, autores, grupos de pesquisa e orientadores vão estrategicamente/taticamente arquitetando o campo. Dessa maneira, o olhar para os processos de subversão/conservação possibilitou enxergar a complexidade presente nas pesquisas sobre a temática escola que receberam a chancela do CBCE.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Felipe Quintão de. Desafios (políticos) para uma associação científica: o CBCE em debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 9-11, set. 2009.
- ALMEIDA, Roseane Soares et al. O conhecimento reconhecido como ginástica na formação de professores e na prática pedagógica da escola pública. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. 1 CD-ROM.
- ANDRADE, Eliane Vieira; REZENDE, Leandro; PALAFOX, Gabriel Humberto Muñoz. O jogo e a reprodução social: vivendo e fazendo história na educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu. CBCE, 2003. 1 CD-ROM.
- ARAÚJO, Allyson Carvalho de; MELO, José Pereira de. Tematizando o esporte na escola: um relato de ensino pautado nas concepções de aulas abertas. . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. 1 CD-ROM.
- ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: um comentário sobre suas etapas iniciais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, p. 50-53, set. 1998. Número especial.
- ARAÚJO, Silvana M. de et al. A (des)orientação normativa do ensino da educação física nas escolas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu. CBCE, 2003. 1 CD-ROM.
- AROEIRA, Kalline Pereira. **A constituição curricular no ensino fundamental, médio e superior no Brasil**: o debate na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* nas décadas de 1980 e 1990. 2000. Monografia (Curso Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.
- AROEIRA, Kalline Pereira. **Currículo e formação docente em periódico de Educação Física**: trilhando algumas questões da identidade do professor. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BERMOND, Magda Terezinha. **A educação física escolar na revista de educação física (1932-1952)**: apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)\_Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- BERTO, Rosianny Campos. **Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar**: a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física)\_Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BLOCH, Marc Leopold. B. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRACHT, Valter. Educação Física/Ciência do Esporte: que ciência é essa? **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.14, n.3, p. 111-118, maio 1993.

BRACHT, Valter. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta “que é educação física?” **Revista Movimento**, ano 2, n. 2, jun. 1995.

BRACHT, Valter. Um pouco de história para fazer história: 20 anos de CBCE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, p. 12-18, set. 1998. Número especial.

BRACHT, Valter. 30 Anos do CBCE: os desafios para uma associação científica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 30, n 3, p. 31-44, maio 1999.

BRACHT, Valter. Epistemologia e política: e o CBCE?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n 1, p. 1208-1213, cad. 3, set. 1999.

BRACHT, Valter et al. A prática pedagógica em educação física: a mudança a partir da pesquisa-ação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu. CBCE, 2003. 1 CD-ROM.

BRACHT, Valter. **A produção do conhecimento no GTT Escola nos anos de 1997, 1999 e 2001**. Conferência proferida no XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em setembro de 2003, Caxambu, 2003.

BRACHT, Valter et al. Educação física e o discurso legitimador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. 1 CD-ROM.

BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Unijuí, 2007.

BRACHT, Valter. O CBCE e a pós-graduação strictu senso da educação física brasileira. In: CARVALHO, Yara M; LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Política científica e a produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 73-85.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Batendo bola, batendo cabeça: os problemas da pesquisa em educação física no Brasil**. Ibitinga, SP: Humanidades, 1994.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Manual técnico Ribeirão Preto: destino referência em turismo de negócios e eventos**. [S.L.: s.n., 199-].



BRASIL, Portaria nº 051, de 11 de junho de 2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 jun. 2004. Seção 3, p. 125.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. A produção teórica elaborada nos anos 80/90 sobre a educação física escolar: a crítica da determinação das estruturas macrossociais. elementos para repensar a trajetória histórica da educação física na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. v. 1.

CAMARGO, Aryadna Santos F; AMARAL, Gislene Alvez do; PALAFOX, Gabriel Humberto Muñoz. Jogo e agir comunicativo: construindo uma estratégia de ensino na educação física escolar no contexto do PCTP da SME/UDI/MG. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 21, n 1, p. 158-163, cad. 3 set. 1999.

CAMÊLO, Shirley. Jogo como conteúdo de ensino da educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. v. 1.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; SANTOS, Wagner dos. Analysis of the academic production of the GTT: school of CBCE. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu - PR, v. 77, n. 1, p. 138-141, 2007a.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; SANTOS, Wagner. A natureza científica do GTT escola do CBCE: um estudo bibliográfico dos usos de matrizes teóricas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife/Olinda. **Anais...** Recife/Olinda: CBCE, 2007b. 1 CD-ROM.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; SANTOS, Wagner dos; FERREIRA NETO, Amarílio. The knowledge production in the CBCE: the appropriation of secondary theory referential in the oral communication of the GTT Escola in the CONBRACEs from 1997-2003. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu - PR, v. 79, n. 1, p. 71-75, 2009.

CARVALHO, Yara M; LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Política científica e a produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

CARVALHO, Fernando Luiz Seixas Faria de. O papel da educação física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife/Olinda. **Anais...** Recife/Olinda: CBCE, 2007. 1 CD-ROM.

CASTELLANI FILHO, Lino. Apresentação dos anais eletrônicos do XII CONBRACE. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003. 1 CD-ROM.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 3, p. 9-26, jan./jun. 2002.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. Desafios da autoria. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 1-3, out/dez. 1998.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Manifesto em defesa do direito social inalienável de acesso ao universo das práticas corporais**. Porto Alegre, jan. 2002.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO. Avaliação do X CONBRACE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 19, n. 1, set., p. 42-46, 1997.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. 1 CD-ROM.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007, Recife/Olinda, **Anais...** Recife/Olinda: CBCE, 2007. 1 CD-ROM.

CORTE, Rachel Borges. **Educação Física Escolar**: práticas de pesquisa e saberes científicos em revista (1979-2009). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física)\_Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

CRUZ, Amália Chatarina Santos et al. Pesquisando as pesquisas do campo da educação física escolar: analisando o GTT escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003. 1 CD-ROM.

COSTA, Lamartine P. da. Uma questão ainda sem resposta: o que é a educação física? **Revista Movimento**, ano 3, n. 3, 1996.

DEBORDOLI, José Alfredo Oliveira; BORGES, Katia Euclides de Lima. A educação física participando da construção de uma proposta de educação infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. v. 1.

DIAS, Andréia et al. Diagnóstico da educação física escolar no Estado do Espírito Santo: o imaginário social do professor. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Catarina, v. 21, n. 1, p. 183-192, set. 1999.

DOUTORES 2010: **estudos da demografia da base técnico-científica brasileira**. Brasília DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.

EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, p. 3, set. 1998. Número especial.

FALCÃO, Júlia Miranda; FERREIRA NETO, Amarílio. Ensino e pesquisa com o cotidiano da escola: o basquete de rua como possibilidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.

FARIA, Bruno de Almeida. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.

FARIA, Elizabeth Rezende de et al. Proposta político pedagógica para educação física infantil no contexto do planejamento coletivo de trabalho pedagógico de Uberlândia – PCPT/UDI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003. 1 CD-ROM.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: Editora da USP, 2008.

FARIAS, Stela Maris Vaucher. A gênese do espaço projetivo e as interações sociais nos jogos de regras de caráter coletivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.

FERÓN, Arthur de Vargas. SILVA, Marcelo Moraes e. A igreja do “diabo” e a produção do conhecimento na educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Catarina, v. 29, n. 1, p. 107-122, set, 2007.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950)**. 1999. Tese (Doutorado em História)\_Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio. Editorial. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Catarina, v. 21, n. 2 e 3, p. 3, jan./maio. 2000.

FERREIRA NETO, Amarílio; SCHNEIDER, Omar; SANTOS, Wagner dos; VENTORIM, Silvana. Fórmula editorial e graduação: 15 anos de revista motrivivência. **Motrivivência**, Santa Catarina, n. 20-21, p. 57-90, mar./dez. 2003.

FERREIRA NETO, Amarílio. Leituras dos 20 e 25 anos do CBCE: política, comunicação e (in)definição do campo científico. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005a. p. 18-26,

FERREIRA NETO, Amarílio. Atualidades da pesquisa histórica na educação física: congressos e campo científico. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005b. p. 127-153.

FERREIRA NETO, Amarílio et al. **Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000)**. Vitória: PROTEORIA, 2002.

FERREIRA NETO, Amarílio et al. Fórmula editorial e graduação: 15 anos de motrivivência. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 15, n. 20-21, p. 57-90, mar./dez. 2003.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Epistemologia da educação física: as inter-relações necessárias**. Maceió: UFAL, 2007.

GAYA, Adroaldo. Mas afinal, o que é educação física? **Revista Movimento**, Santa Catarina, ano 1, n. 1, set. 1994.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989

HANNERTZ, U. Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

LAUFF, Rafaelle Flaiman. **Útil e agradável: a revista de educação (1934-1937), remodelização das práticas de ensino e divulgação da política reformista educacional do governo de João Punaro Bley no Espírito Santo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)\_Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEIRO, Augusto César Rios; PIRES, Giovani de Lorenzini; BETTI, Mauro. Notas sobre p GTT Comunicação e Mídia do CBCE: história, sujeitos e desafios estratégicos. In: CARVALHO, Yara M; LINHALES, Meily Assbú (Org.)\_ **Política científica e a produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007, p. 161-173.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Homero Luis Alves de. **Pensamento epistemológico da educação física brasileira**: das controvérsias acerca do estatuto científico. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)\_Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

LOCATELLI, Andrea Brandão. **Saberes docentes na formação de professores de Educação Física**: um estudo sobre práticas colaborativas entre universidade e escola básica. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação)\_Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

LOVISOLO, Hugo. Mas, afinal, o que é educação física?: a favor da mediação e contra os radicalismos. **Revista Movimento**, Santa Catarina, ano 2, n. 2, jun. 1995.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A política de pesquisa e a mediocridade possível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 97-114, jan. 2003.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Sobre a pós-graduação em educação física. In: FERREIRA NETO, Amálio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005 p. 71-90.

MACHADO, Thiago da Silva et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.

MARINHO, Inezil Pena. Conceito bio-sócio-psico-filosófico da educação física em oposição ao conceito anatomo-fisiológico. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 23-38, fev. 1944.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MELO, José Pereira de. Aspectos metodológicos da consciência corporal na educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003. 1 CD-ROM.

MONTEIRO, Rosângela et al. Critérios de Autoria em Trabalhos Científicos: um assunto polêmico e delicado. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 3-8, out./dez. 2004.

NASCIMENTO, Ana Claudia Silvério. **Mapeamento temático das teses defendidas nos programas de pós-graduação em educação física no Brasil (1994-2008)**.

2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)\_Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NEIRA, Marcos Garcia. Anacronismo e neocolonialismo: distorções do currículo cultural da educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da et al. Educação Física e Epistemologia: a produção do conhecimento nos congressos brasileiros de ciências do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, jan. 2003. p. 173-175.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Desafios da ciência, reflexão epistemológica e implicações para a educação física e ciências do esporte. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 91-125.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Para uma crítica da historiografia: ditadura militar, educação física e negação da experiência do professor. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Vitória, ES. Proteoria, 2001. v. 6.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Sobre a experiência e a história: a busca pela consolidação acadêmica da educação física brasileira. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 27-44.

OLIVEIRA, Sávio Assis de. MELO, Victor Andrade de. O papel das secretarias estaduais no desenvolvimento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, p. 65-71, set. 1998. Número especial.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. **Ciência e poder simbólico**: no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Ginástica/educação física: aproximações historiográficas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 10., 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. v. 1.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. GOELLNER, Silvana Vilodre. MELO, Victor Andrade de. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*: bibliografia e perfil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo, p. 72-79, set. 1998. Número especial.

PALAFIX, Gabriel H. Munõz. O que é educação física? Uma abordagem curricular. **Revista Movimento**, ano 3, n. 3, 1996.

PAUL, Christiane. O mito da imaterialidade: apresentar e preservar novas mídias. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 345-366.

POISSANT, Louise. A passagem do material para a interface. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 71-90.

RESENDE, Helder Guerra de; VOTRE, Sebastião Josué. O programa de pós-graduação *stricto sensu* em educação física da Universidade Gama Filho: características, realizações e desafios. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 49-74, jan. 2003.

REZER, Ricardo. Diálogos necessários ao campo da educação física: quatro apontamentos introdutórios... **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 75-92, set. 2010.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Marketing turístico: um enfoque promocional**. Campinas: Papirus, 1991.

SANTOS, Wagner dos; FERREIRA NETO, Amarílio; LOCATELLI, Andrea Brandão. O debate em periódicos sobre avaliação na educação física escolar: percurso e perspectiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, **Anais...** Caxambu: CBCE, 2003. 1 CD-ROM.

SANTOS, Wagner dos. **Currículo e avaliação na educação física: do mergulho à intervenção**. Vitória: Proteoria. 2005.

SANTOS, Wagner dos; SCHNEIDER, Omar. Intervenção com o cotidiano escolar: uma experiência com a educação física. . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. 1 CD-ROM.

SANTOS, Wagner. **A constituição do campo pedagógico do currículo: estratégias, apropriações e circularidades culturais operadas na ANPed**. 2010. Tese (Doutorado em Educação)\_ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1991.

SCHNAPP, Alain. A arqueologia. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1988.

SCHNEIDER, Omar. **A Revista de Educação Physica [1932-1945]: estratégias editoriais e prescrições educacionais**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação)\_Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHNEIDER, Omar. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da educação física nas décadas de 1930 e 1940: um estudo a partir da revista

Educação Physica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 39-54, 2004.

SCHNEIDER, Omar. **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do segundo império**. 2007. Tese (Doutorado em Educação)\_Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

SCHNEIDER, Omar. **Educação Physica: a arqueologia de um impresso**. Vitória: Edufes, 2010.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA, Alcir Horácio da; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. A organização do trabalho pedagógico e a avaliação da aprendizagem na educação física do colégio de aplicação da UFG: realidade e possibilidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.

SILVA, Ana Márcia. Uma política científica para a educação física ou Alice e a toca do coelho. In: CARVALHO, Yara M; LINHALES, Meily Asbsú (Org.). **Política científica e a produção do conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007 p. 139-173.

SILVA, Rosana Valeria de Souza. "As ciências do esporte no Brasil nos últimos vinte anos: contribuição da pós-graduação estrito senso". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, p. 54-64, 1998. Número especial.

SILVA, Rosana Valeria de Souza. O CBCE e a produção do conhecimento em Educação Física em perspectiva. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 45-69.

SILVA, Tomaz Tadeu. da. **Documentos de identidade: uma Introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Welington Araújo. Textos televisivos nas aulas de educação física: a copa do mundo de 2002. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2005. 1 CD-ROM.

SOARES, Andresa et al. Improvisação e dança: conteúdos da educação física na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 10, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. v. 1.

SOARES, Carmem Lúcia. **Metodologia do ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16., 2009, Salvador, **Anais...** Salvador: CBCE, 2009.



TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. CBCE: memória e tendências. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 200-203, jan. 1994.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE – 20 anos: o caráter revolucionário de uma instituição científica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, p. 39-49, set. 1998. Número especial.

TAFFAREL, Celi Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. Mas, afinal, o que é educação física? Um exemplo do simplismo intelectual. **Revista Movimento**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, set. 1994.

TANI, Go. 20 anos de Ciências do Esporte: um transatlântico sem rumo?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, p. 19-31, set. 1998. Número especial.

TENÓRIO, Maria do Patrocínio; BERALDI, Gabriel. Iniciação científica no Brasil e nos cursos de medicina. **Revista da Associação Médica Brasileira**, Florianópolis, v. 56, n. 4, p. 390-393, 2010.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção atualidades pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VELOSO, Jacques. **A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país**. Brasília: Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2003. v. II.

VENTORIM, Silvana. **Implicações da teoria pedagógica de Paulo Freire para a práxis da educação física no ensino de 1º Grau**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação)\_Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1997.

VENTORIM, Silvana. **A formação do professor pesquisador na produção científica dos encontros nacionais de didática e prática de ensino: 1994-2000**. 2005. Tese (Doutorado em Educação)\_Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

VIEIRA, Marcílio de Souza. Por uma educação física com sabor: possibilidades e desafios no ensino infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 15., 2007, Recife/Olinda. **Anais...** Recife/Olinda: CBCE, 2007. 1 CD-ROM.

## APÊNDICES